

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

EL FÚTBOL A SOL Y SOMBRA: HISTÓRIA E FUTEBOL NA OBRA DE
EDUARDO GALEANO

Andrei Adornes Monteiro

Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre,

Julho de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**EL FÚTBOL A SOL Y SOMBRA: HISTÓRIA E FUTEBOL NA OBRA DE EDUARDO
GALEANO**

Andrei Adornes Monteiro

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação
em História da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para a obtenção de título de
Licenciatura em História

Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre,

Julho de 2018.

Resumo

O futebol é o esporte mais popular do mundo: move paixões, enormes montantes de dinheiro e leva, toda quarta-feira e todo domingo, milhões de pessoas no mundo inteiro à mais alta alegria ou aos mais tristes sentimentos. É parte fundamental das complexas sociedades latino-americanas, onde é o esporte número um em quase todos os países. Um dos grandes conhecedores do futebol na América Latina foi Eduardo Galeano, que publicou, em 1995, o livro *El fútbol a sol y sombra* – onde ele se propôs a contar a história do futebol, dos grandes jogadores e das grandes partidas. Esse trabalho objetiva analisar essa obra e o ponto de vista desse autor sobre o esporte, fazendo uso de um olhar crítico e buscando, dessa forma, contribuir para os debates sobre o futebol e sua história.

Palavras-chave: Futebol; Esporte; América Latina; História; Eduardo Galeano.

Abstract

Football is the most popular sport in the world: it moves passions, huge amounts of money and, every Wednesday and every Sunday, millions of people around the world experience the highest joy or the saddest feelings. It is a fundamental part of the complex Latin American societies, where it is the number one sport in almost all countries. One of the great scholars of football in Latin America was Eduardo Galeano, who published, in 1995, the book *El fútbol a sol y sombra* - where he set out to tell the story of football, the great players and the big matches. This work aims to analyze this work and its author's point of view on the sport, making use of a critical eye and in this way seeking to contribute to the debates about football and its history.

Key words: Football; Soccer; Sport; Latin America; History; Eduardo Galeano.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. O JOGO: OS ATORES E SUAS PRÁTICAS.....	17
2. FUTEBOL E SOCIEDADE.....	42
3. COPAS DO MUNDO.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
BIBLIOGRAFIA.....	87

INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, é importante destacar os motivos que levam à realização deste trabalho: como qualquer criança brasileira, eu aprendi deste muito cedo a jogar futebol e sempre tive grande paixão pelo esporte. Queria ser – e acreditei piamente por uns bons anos que eu seria – jogador de futebol profissional, como também qualquer criança brasileira já sonhou. Hoje, sigo jogando, sigo acompanhando e, acima de tudo, sigo apaixonado pelo futebol – é uma das alegrias de minha vida. Assim como eu e outros milhões de latino-americanos, Eduardo Galeano também era apaixonado por futebol, deixando esta bela obra sobre a qual pude realizar este trabalho. Desde a adolescência, quando descobri o livro *O Futebol ao Sol e à Sombra*, me apaixonei pela escrita de Galeano. Depois veio *O Livro dos Abraços* e depois *As Veias Abertas da América Latina* – e depois nunca mais parei de ler seus livros. Pela maneira apaixonante com que Galeano escreveu sobre algo tão apaixonante – o futebol – pensei que seria válido fazer este trabalho, além de considerar que é uma contribuição válida para o estudo do esporte e do escritor uruguaio. Viva Galeano! Viva o Futebol!

METODOLOGIA E ESTRUTURA DE TRABALHO

Para esta análise do livro de Galeano foram utilizados alguns métodos: a leitura analítica de cada texto do livro¹, levando em consideração a mensagem política por trás destes, já que é perceptível uma grande manifestação política de Galeano em assuntos aparentemente “banais”. Também se utilizou livros e registros filmográficos para a confirmação/validação dos aspectos factuais trazidos pelo escritor, de modo a compreender o quão válida essa obra é do ponto de vista factual da história do futebol.

Foram escolhidos do livro *El Fútbol a Sol y Sombra* os textos que mais têm relação com posições políticas de Galeano, onde se torna mais perceptível a opinião do autor, para que possa ser feita uma análise geral sobre o mesmo. Também foram selecionados alguns textos onde se faz necessário uma revisão factual, já que muitos apresentam acontecimentos distantes do que realmente ocorreu nos momentos tratados. Outros textos simplesmente são mais “poéticos” e menos

¹ O livro *El fútbol a sol y sombra* é dividido em 151 histórias curtas, que convencionei chamar de “textos” ao longo deste trabalho. A escolha se dá por haver uma variação bastante grande de gêneros literários entre eles: alguns tendem mais ao “conto”, outros a “crônica”, e em muitos há uma mistura desses. Como o foco deste trabalho não é a discussão das especificidades literárias, se utilizou o termo “texto” por englobar todos esses gêneros e facilitar a leitura e produção do trabalho.

preocupados com o verossímil – o que também foi uma das marcas registradas da escrita de Galeano – e, portanto, foram deixados de lado: caberiam melhor em um trabalho específico de literatura.

A análise dos textos se estruturou de duas maneiras principais: primeiramente, a partir de eixos temáticos. É evidente que alguns textos tratam de assuntos próximos entre si, embora se distanciem um do outro no livro de Galeano, como percebemos no caso das Copas do Mundo, onde o escritor conta em quinze textos a história de cada uma delas – e todos textos seguem uma lógica de escrita semelhante. Em segundo lugar, dentro de cada eixo temático, a organização se deu a partir de uma ordem cronológica, assim como o livro analisado. Segue-se o padrão de *El fútbol a sol y sombra*, com títulos de cada texto e descrições e análises na sequência.

É importante salientar que *El Fútbol a Sol y Sombra* possui 151 textos, variando de extensão entre meia página até quatro ou cinco. Considerando que seria demasiado para as pretensões deste trabalho a interpretação e análise de todos os textos, optamos pela análise de cinquenta e três (53) dos 151 que compõe o livro. Estes textos foram selecionados por se tratarem, em geral, de textos mais extensos ou detalhados e que trazem uma postura mais clara do autor sobre posicionamentos políticos ou grandes acontecimentos que marcaram o século. Dentre os demais 96 textos a maioria trata da descrição biográfica de certos jogadores ou do registro de algum gol espetaculoso onde Galeano relata, com toda sua poesia, como o autor do gol driblou um, dois, três marcadores e depois marcou um belo gol com um chute perfeito. Também há textos que retratam as superstições no futebol e outros menos encaixáveis nos eixos principais². Embora estes textos tenham sua importância, pouco poderia ser acrescentado aqui num caráter mais interpretativo do ponto de vista do historiador. Portanto, por uma questão prática, não foi possível analisar todos os textos do livro – como já foi especificado acima. Optou-se, em vista disso, pelo pragmatismo e por buscar os textos que mais se relacionavam com os objetivos deste trabalho, como a compreensão de posicionamentos políticos de Galeano. Todavia, nenhum texto ficou de fora de uma abordagem macroscópica: todos foram divididos entre os eixos temáticos e, no texto de introdução de cada tema, alguns foram citados e até mesmo discutidos – embora sem grande aprofundamento.

² Alguns textos de Galeano que falam sobre superstições são *Dios y el diablo en el Río de Janeiro; Las fuerzas ocultas; Las fuentes de la desgracia* e *Talismanes y conjuros*. Outros textos que Galeano escreve e que não são abordados diretamente aqui são os textos *Didi y ella* e *Domingos y ella*, que tratam da relação dos dois jogadores com a bola. Além desses, *Confesión del autor*, o primeiro texto de *El fútbol a sol y sombra*, que é uma breve introdução ao livro; e *El final del juego*, o texto que encerra o livro, também não serão aprofundados neste trabalho.

Para sistematizar os textos e as análises e para que se possa perceber o que é o ponto de vista do Galeano e o que é a análise feita no presente trabalho, os textos foram separados em pelo menos dois parágrafos cada: o primeiro trazendo uma ideia geral do que Galeano está tratando – com eventuais frases retiradas do livro – e o(s) seguinte(s) mais voltado(s) para a análise e interpretação do texto de Galeano, com eventuais acréscimos e problematizações feitas. Portanto, o primeiro está mais relacionado com a visão do escritor uruguaio e os seguintes mais relacionados com a visão deste trabalho. É natural, portanto, que os próprios parágrafos tratando de cada texto sejam contraditórios, já que são escritos com diferentes perspectivas.

Vale ressaltar também que a análise desta obra vai até o ano de 1995, com a publicação original. Galeano seguiu editando o livro e, nas versões mais recentes, há outros cinco textos: um para cada Copa do Mundo, de 1998 a 2014. Julgou-se que estes destoariam dos demais, pois Galeano os escreve durante cada copas e traz uma postura muito mais forte de crônica esportiva, sendo menos fundamental para a análise histórica aqui proposta.

Para a leitura deste trabalho, alguns norteadores: há inúmeras transcrições do livro analisado, sempre se utilizando do itálico para destacar estas partes. Não se buscou referenciar aqui cada trecho, por se tratarem, obviamente, de transcrições feitas do texto analisado em questão. Também não são referenciados todos os momentos que tratam de aspectos pessoais da vida de Eduardo Galeano: o principal livro de consulta para a história de vida dele é o referenciado no subcapítulo Biografia e Obra: a biografia de Galeano escrita pelo jornalista uruguaio Fabián Kovacic³.

A localização dos trechos em *El fútbol a sol y sombra* se tornam simples na medida em que cada trecho está localizado dentro do texto analisado e cada texto do livro está localizado de maneira cronológica dentro do mesmo. Portanto, sabe-se que o texto sobre o milésimo gol de Pelé, que ocorre em 1969, está localizado pouco antes do texto sobre a Copa do Mundo de 1970, por exemplo. De qualquer forma, há referências às páginas onde os textos se encontram na terceira edição do livro em português, pela L&PM, de 2009 – utilizada aqui como base para a consulta em português. Além disso, será recorrente neste trabalho alguns termos e nomes, como “Galeano”: por se tratar de análises feitas levando em consideração seus escritos e seus posicionamentos, seria impossível não o referenciar inúmeras vezes, tornando a presença de seu nome bastante recorrente ao longo do trabalho – embora por vezes se tenha optado por trata-lo com outros nomes, como “o uruguaio”, “o autor” ou “o escritor”. Por fim, destaca-se que ao longo do presente trabalho foram citados muitos textos do livro e em diferentes momentos: para facilitar a compreensão do trabalho,

3 KOVACIC, Fabián. **Galeano**. Buenos Aires: B de Books (*ebook*), 2016.

foi-se utilizado os destaques de negrito e itálico cada vez que é citado um texto do livro, como, utilizando os já citados, *Gol de Pelé* e *El mundial de 70*.

POR QUE EDUARDO GALEANO?

A escolha de Eduardo Galeano como autor a se pesquisar neste trabalho se deu por diversas razões. Entre elas, talvez a fundamental seja a importância que Galeano tem na história da literatura latino-americana, tendo influenciado diferentes gerações de leitores que, desde a década de 1960, têm se encantado escritos sobre cultura, política, história e, no nosso foco de pesquisa, o futebol.

Eduardo Galeano simbolizou – principalmente através de sua obra mais conhecida, *Las Venas Abiertas de América Latina*⁴ – o espírito de resistência latino-americano: resistência à exploração e interferência de governos e empresas que foram importantes na manutenção da desigualdade social e do subdesenvolvimento da América Latina. O principal alvo das críticas de Galeano em *Las Venas Abiertas* são a exploração e os genocídios cometidos por potências europeias na América e a desigual relação entre Estados Unidos e os países latino-americanos – e as ditaduras militares, muitas advindas desta relação, implantadas na América Latina até o momento da publicação do livro.

Além de toda sua importância como um dos principais autores da esquerda latino-americana, Galeano também foi importantíssimo como um dos maiores contistas da literatura americana. Dono de um estilo característico, marcado por curtos contos que, dentro de seus conjuntos, encontram um sentido maior do que o inicial, embora possam ser apreciados também em uma leitura mais randômica. É o caso de seu outro grande sucesso, a trilogia *Memoria del Fuego*, onde Galeano explora desde mitos ameríndios até grandes acontecimentos contemporâneos para contar a história do continente americano, através de muitos contos curtos ao longo dos três livros que a compõem: *Los Nascimientos*⁵; *Las caras y las mascararas*⁶; e *El siglo del viento*⁷.

O conto latino-americano ganha importância e destaque como prática literária nas décadas de 1960 e 1970, fruto justamente de uma tentativa de criar um modelo cultural próprio, que o

4 GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

5 GALEANO, Eduardo. **Memoria del Fuego vol.1 Los Nascimientos**. México: Siglo XXI, 1990.

6 GALEANO, Eduardo. **Memoria del Fuego vol.2 Las Caras y Las Máscaras**. México: Siglo XXI, 1986.

7 GALEANO, Eduardo. **Memoria del Fuego vol.3 El Siglo del Viento**. México: Siglo XXI, 2010.

diferenciasse do modelo cultural hegemônico, vindo dos Estados Unidos e da Europa. O conto latino-americano ganha notoriedade pois cresce no momento em que artistas e intelectuais precisam alcançar novos públicos e fazer um intercâmbio de informações entre os países, num movimento de integração americana⁸. Para essa finalidade o conto serve muito bem já que é uma narrativa curta e facilmente publicável em qualquer veículo de informação. Este caracteriza mais um motivo pelo qual Eduardo Galeano deveria ser estudado: além de toda sua significação para a esquerda, ele é umas das melhores representações de um gênero literário característico desta região do planeta.

POR QUE *EL FÚTBOL A SOL Y SOMBRA*?

Estudar o futebol e suas relações com a história e a literatura se dá por uma necessidade de compreender melhor este aspecto tão importante do cotidiano na vida dos milhões de brasileiros – e latino-americanos – que tem neste esporte uma de suas grandes paixões. O “esporte nacional” tem diversos ângulos passíveis de análises: como ser mera válvula de escape das agruras pessoais; como ser apenas uma fonte de entretenimento e, para alguns, simplesmente uma parte indissociável de si, de sua vida – dentre os quais acredito me enquadrar.

O antropólogo brasileiro Roberto Da Matta, ao falar sobre o estudo do futebol, faz uma crítica à utilização da expressão “futebol e sociedade”, como quando escrevemos que “é necessário analisar as relações entre o futebol e a sociedade”. Utilizamos essa expressão como se fosse possível dissociar esses dois elementos, como se o futebol não fosse parte integrante da sociedade⁹, como se o esporte fosse uma ilha, separada do continente - e não é. Estudar futebol, a história do futebol e, neste caso, a visão de um grande escritor sobre o futebol, nada mais é do que estudar nossa sociedade, a história de nossa sociedade e a visão de mundo de um escritor e como ele enxerga e lê a sociedade na qual está inserido. Portanto, o estudo de *El fútbol a sol y sombra* também é um estudo de Eduardo Galeano e da visão de mundo e sociedade deste homem, um mundo marcado pela bipolaridade global devido à Guerra Fria – cujos desdobramentos estarão presentes em todas suas obras: incluindo esta que trata de futebol.

⁸ BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. In: D'ANGELO, Biagio (Org.). **Nuevas cartografías literarias en América Latina: Entre la voz y la letra**. 1ª Edição. Fondo Editorial UCSS. Lima. 2007. Pag. 84

⁹ DAMATTA, Roberto. **Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro**. In: DAMATTA, Roberto e outros. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 23.

Dentre os cento e cinquenta e um (151) textos que compõe o livro, a maioria se passa ou aborda temas que dizem respeito aos anos 1910 até 1995. Se considerarmos o conceito de Breve Século XX¹⁰, do historiador inglês Eric Hobsbawm, perceberemos que Galeano trata, ao longo de *El fútbol a sol y sombra* dos principais acontecimentos que moldam o século – o fim da civilização ocidental como se conhecia, passando pelos períodos de catástrofes da primeira metade do século, pela Guerra Fria e por fim pela dissolução da União Soviética em 1991. Aqui não se pretende, obviamente, fazer uma comparação entre Eduardo Galeano e Eric Hobsbawm, muito menos atribuir a *El fútbol a sol y sombra* a mesma importância que *The age of extremes* para o entendimento da história do século XX. Porém, é notável que, ao longo do livro de Galeano, são perceptíveis não só grandes acontecimentos específicos da história do futebol como a maioria dos grandes acontecimentos políticos, econômicos e culturais que moldam o século – principalmente no que tange aos continentes americano e europeu. Galeano passa por estes grandes acontecimentos – como a Itália fascista de Mussolini, as ditaduras civil-militares da América, a Guerra do Vietnã, o fim da União Soviética – sem nunca citá-los no título de cada texto ou utilizá-los como eixo central das discussões. Para falar sobre estes temas, Galeano usa de pretexto acontecimentos que marcam o futebol naquele dado momento, para então, relacionando com o futebol, tratar do assunto. Mais uma demonstração de que é impossível dissociarmos futebol de sociedade.

Por tais motivos, pesquisar sobre o futebol e sobre *El fútbol a sol y sombra* se torna de considerável importância para o estudo da história – principalmente do século XX. Também é válido que se ressalte: o livro de Eduardo Galeano pode ser utilizado inclusive como objeto de estímulo para o estudo em sala de aula, já que possui textos curtos, com uma linguagem clara, e que trazem importantes acontecimentos históricos da perspectiva de algo adorado por muitos estudantes: o futebol.

Também é importante pensarmos nos diversos livros já publicados que tratam do futebol, tendo muitas correlações entre o futebol e literatura, o que torna este estudo relevante também nesse sentido, como acréscimo aos debates entre estes dois campos.¹¹

10 HOBBSAWM, Eric. **A era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

11 ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CARNEIRO, Flávio. **Passe de letra. Futebol & literatura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

COELHO, Eduardo (Org.). **Donos da Bola**. Rio de Janeiro: Língua Geral Livros, 2006.

COSTA, Flavio M. (Org.). **22 contistas em campo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

FONTANARROSA, Roberto. (Selección y prólogo). **Cuentos de fútbol argentino**. Buenos Aires: Alfaguara, 2003.

IGLESIAS, Luis Fernando et al. **Pelota de Papel. Cuentos de Fútbol**. Montevideo: Aguillar, 1999.

OSTERMANN, Ruy Carlos (org.) **Meia encarnada, dura de sangue**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

ROCCA, Pablo. **Literatura y fútbol en el Uruguay (1899-1990) – la polémica, el encuentro**. Montevideo: Arca, 1998.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Para finalizar, podemos citar o próprio Galeano quando escreve, no último texto de *El fútbol a sol y sombra – El fin del partido: Un vacío asombroso: la historia oficial ignora al fútbol. Los textos de historia contemporánea no lo mencionan, ni de paso, en países donde el fútbol ha sido y sigue siendo un signo primordial de identidad colectiva, Juego, logo soy: el estilo de jugar es un modo de ser, que revela el perfil propio de cada comunidad y afirma su derecho a la diferencia. Dime cómo juegas y te diré quién eres: Hace ya muchos años que se juega al fútbol de diversas maneras, expresiones diversas de la personalidad de cada pueblo, y el rescate de esa diversidad me parece, hoy día, más necesario que nunca.*¹²

RODRIGUES, Nelson. **Brasil em Campo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SACHERI, Eduardo. **Lo raro empezó después: cuentos de fútbol y otros relatos**. Buenos Aires: Galerna, 2007.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Contos de futebol**. Porto Alegre: ardotempo, 2011.

SORIANO, Osvaldo. **Arqueros, ilusionistas y goleadores**. Buenos Aires: Seix Barral, 2010.

TOSTÃO. **A perfeição não existe: paixão do futebol por um craque da crônica**. São Paulo: Três estrelas, 2011.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. al. **Bravo! Literatura & Futebol**. São Paulo: Abril, 2010.

12 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 204.

BIOGRAFIA E OBRA

Eduardo Germán Maria Hughes Galeano nasceu no dia 3 de setembro do ano de 1940 na capital uruguaia, Montevideu, primeiro dos três filhos de Eduardo Hughes Roosen e de Licia Esther Galeano Muñoz. Os pais de Galeano vinham ambos de família tradicionais, sendo a dos Hughes a mais conhecida, tradicional elite rural uruguaia. Todavia, a família Hughes Galeano teve vida simples em Montevideu, tendo em vista que as tradicionais famílias uruguais já não tinham tanto poder econômico e muitos dos filhos seguiram para tentar a vida em áreas urbanas. Ambos passaram a Galeano uma educação fortemente voltada para o catolicismo e, durante a infância do pequeno Eduardo, isso foi uma de suas principais características: tinha como certo até os treze anos de idade que queria ser padre. Galeano tinha muitas dúvidas, questionamentos e interrogações – talvez não tão diferente de qualquer criança – e respondia essas interrogações com as certezas que o catolicismo lhe passava. Aos treze anos, no entanto, Galeano “perde” deus, como ele mesmo conta: *“A esa edad perdí a Dios, como si hubiera tenido un agujerito en el bolsillo y se me hubiera caído. Sin embargo, esa especie de búsqueda medio desesperada por respuestas para ciertos interrogantes siguió sobre todo en la adolescencia”*¹³.

Da perda da religiosidade, surge a ideologia: Galeano, principalmente através da convivência com alguns amigos, começou a descobrir o socialismo. Guillermo Chifflet, um amigo mais velho, trabalhava no *El Sol* – o jornal do *Partido Socialista del Uruguay* – e levou Eduardo Galeano, com apenas catorze anos, para trabalhar lá como cartunista. Nessa época, sua paixão eram os desenhos: admitiu, posteriormente, que preferia desenhar do que escrever. No *El Sol* Galeano vai crescer muito: profissional e politicamente. Nos convívios com os jornalistas e membros do partido Galeano aprendeu muito sobre política, tendo em vista que eram intensas as discussões lá dentro. O Uruguai viveu, nesse período, uma grande abertura para o debate político, já que o mundo estava em intenso processo de mudança (a América Latina entrava em definitivo na Guerra Fria com o golpe militar que ocorria na Guatemala em 1954) e a política interna uruguaia não era muito repressora quanto a isso: foi possível então, surgir vários grupos de discussões entre as diferentes vertentes de movimentos de esquerda. Dentro do próprio *Partido Socialista del Uruguay* havia um confronto muito grande entre duas lideranças: o jovem Raúl Sendic e o veterano Emilio Frugoni. Frugoni, que fundara o partido em 1910, representava a maneira mais antiga de pensar o socialismo, ainda muito ligado ao *battlismo* do início do século. Já Sendic fazia uma leitura mais latino-americana do socialismo, se inspirando em muitos dos movimentos que iam surgindo na América

13 KOVACIC, Fabián. **Galeano**. Buenos Aires: B de Books (ebook), 2016, capítulo 2 (não paginado).

Central. O embate entre o “novo” e o “velho” se dava diante de Galeano todos os dias na *Casa del Públo*, a sede do partido. E Galeano aprendeu muito com os dois: era muito próximo e tinha grande admiração por Sendic, mas também era muito amigo de Frugoni, com quem costumava ir no cinema ao fim do dia de trabalho. Frugoni, com seus 74 anos, foi importante para a formação do jovem Galeano: aprendeu muito sobre política, cultura e economia em seus convívios com o político.

Todo esse ambiente fértil para a mente do jovem Galeano foi fundamental para o seu crescimento intelectual, mas também exigia muito do rapaz de catorze anos. Galeano ainda se viu obrigado a arranjar um emprego numa empresa de inseticidas, fazendo entregas, pois as coisas não iam bem financeiramente em casa e seus pais estavam prestes a se separar. Nesse cenário, Galeano larga a escola, ainda cursando o segundo grau do liceu, para nunca mais voltar. Além dos problemas extraescolares, Galeano não apreciava muito o modelo de ensino sistemático que recebia na escola: estava muito mais interessado nas discussões políticas e em aprender com os livros. A mãe de Galeano, Licia, trabalhava numa tradicional livraria do centro de Montevidéu, a *Ibana*. Muitos intelectuais e estudantes frequentavam o local e, portanto, acabou se tornando outro ponto de estímulo para a cultura leitora do jovem. Após alguns meses trabalhando na empresa de inseticidas, Galeano se tornou contínuo de um banco, um trabalho burocrático que ele próprio não apreciava muito. Em 1959, com apenas dezenove anos, se casou com aquela que seria sua primeira esposa, Silvia Brando, e em seguida teve sua primeira filha: Veronica Hughes Brando.

Ao fim dos anos 1950, o recém adulto Eduardo Galeano, cansado das burocracias do trabalho no banco, atribulado pela responsabilidade da paternidade e ainda sem encontrar respostas para boa parte de suas aflições, tenta o suicídio: compra grande quantidade de medicamentos barbitúricos (“suficiente para matar um cavalo”¹⁴) e os ingere durante a madrugada: acorda no hospital depois de alguns dias debilitado e com sequelas físicas que o perseguiram pelo resto de sua vida. Essa tentativa de suicídio marca uma virada na vida de Eduardo, que acredita ter recebido uma nova chance para viver, um recomeço. Entre as epifanias que teve enquanto se recuperava, Eduardo decide deixar de ser Hughes – até então, utilizava como principal sobrenome o do pai, de descendência alemã – e passa a utilizar o sobrenome castelhano da mãe: Galeano. Há muitas possíveis explicações para essa mudança: Galeano era muito mais próximo da mãe do que do pai¹⁵;

14 GALEANO, Eduardo. **Dias e Noites de Amor e de Guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2016, p. 47.

15 Quando questionado sobre sua distância em relação à família paterna, Galeano alegou não se importar com os laços biológicos, já que eles não são escolhidos, e sim impostos: *sólo creo en las relaciones elegidas, no las que vienen impuestas por la biología o las partidas de nacimiento*.

tinha um grande sentimento latino-americano dentro de si, que se aproxima muito mais do castelhano do que do alemão de sua descendência¹⁶; e também, segundo ele próprio afirmou, era uma forma de assumir uma nova identidade, já que recebia uma nova vida após sua quase morte: Eduardo Hughes morria e nascia Eduardo Galeano.

Nessa busca por esta nova vida, Galeano decide largar o emprego no banco e se dedicar exclusivamente ao seu trabalho em jornais. O primeiro passo nessa busca foi se mudar para Buenos Aires, para trabalhar na revista *Che*, outro veículo de esquerda. Embora planejasse a mudança em definitivo, Galeano retorna à Montevideu após seis meses na capital Argentina. Em 1960, com seus recém completos 20 anos de idade, Galeano busca novamente o trabalho jornalístico: desta vez no jornal *Marcha*, o importante periódico de esquerda do Uruguai – que era lido não só em Montevideu, mas por muitos intelectuais de esquerda em outras capitais latino-americanas. Os anos trabalhando no *Marcha* foram importantíssimos para o crescimento profissional de Galeano. Ele chegou a afirmar que foi através de sua convivência com Carlos Quijano, o fundador do jornal, que aprendeu sobre o socialismo voltado para a realidade, sobre o ofício do escritor e que era possível escrever e lutar sem nunca “se vender”.

As décadas de 1960 e 1970 são intensas para Galeano: ele vai publicar alguns livros, viajar por inúmeros países e realizar muitos trabalhos para diversos periódicos e revistas. Seu primeiro livro é publicado no ano de 1963, a novela *Los días siguientes*¹⁷, sem tradução para o português. No ano seguinte, Galeano publica seu primeiro livro de crônicas jornalísticas: *China 1964 – Crônica de un desafío*¹⁸, sobre sua viagem à China e as possibilidades deste país sob o governo de Mao Tsé-Tung (nessa viagem também conheceu a Tchecoslováquia e a União Soviética). Em 1967 publicou *Guatemala: país ocupado*¹⁹, sobre sua viagem à Guatemala durante a Guerra-civil Guatemalteca, na qual Galeano conheceu e entrevistou muitos guerrilheiros, entre eles o líder das *Fuerzas Armadas Rebeldes*, César Montes. A partir destas duas publicações, já era possível perceber o interesse de Galeano em movimentos revolucionários contestatórios e seu alinhamento político anti-estadunidense, em um mundo bipolarizado de Guerra Fria. Em 1968, no entanto, Galeano publica um livro menos envolvido neste contexto político: *Su Majestad, El Fútbol*²⁰, e aí temos a primeira

16 Mesmo quando assumia o sobrenome paterno Hughes, Eduardo Galeano costumava “castelhanizá-lo”, assinando em suas caricaturas do jornal *El Sol* com o nome *Gius* – algo próximo da pronúncia de Hughes.

17 GALEANO, Eduardo. **Los días siguientes**. Montevideu: Editorial Alfa, 1963.

18 GALEANO, Eduardo. **China 1964 – Crônica de un desafío**. Buenos Aires: Jorge Alvarez Editor, 1964.

19 GALEANO, Eduardo. **Guatemala: país ocupado**. Cidade do México: Editorial Nuestro Tiempo, 1967.

20 GALEANO, Eduardo. **Su Majestad el Fútbol**. Montevideu: Bolsilibros Arca, 1968.

evidência da paixão de Galeano pelo futebol. Neste livro, porém, Galeano apenas escreve o prólogo e faz a seleção dos escritos de outros autores sobre o futebol.

O grande sucesso de Eduardo Galeano enquanto escritor vem em 1971 quando, aos 31 anos, o uruguaio publica *Las Venas Abiertas de América Latina*²¹, indiscutivelmente seu livro mais famoso, que lhe rendeu fãs por toda América Latina. Neste livro, Galeano relata a exploração e o calvário das populações da América Latina desde a chegada e colonização dos espanhóis e portugueses até o seu presente, passando por toda a dominação política e econômica estadunidense sobre os países latino-americanos. É um livro que expõe países, empresas e pessoas de maneira visceral. *Las Venas Abiertas* foi um marco dos movimentos revolucionários anticapitalistas – Isabel Allende conta, no prólogo à edição estadunidense de 1997, que, após o golpe militar no Chile, fugiu levando apenas algumas roupas e dois livros: *Odes*, de Pablo Neruda; e *Las Venas Abiertas de América Latina*²². É considerado um clássico das esquerdas latino-americanas até os dias atuais, embora nos últimos anos tenha sido questionado e sido visto com olhos mais críticos inclusive pelo próprio autor. Este livro teve uma importância tão grande como símbolo de contestação à hegemonia estadunidense que, em encontro com Barack Obama em 2011, Hugo Chávez lhe entregou como presente uma versão das *Venas Abiertas de la América Latina*, acontecimento que teve grande repercussão não só na América Latina mas nos Estados Unidos também²³.

Em 1973, Galeano vivencia o golpe civil-militar no Uruguai e, sendo um dos conhecidos intelectuais de esquerda da capital, não poderia deixar de ser perseguido. Passou a viver, então, na Argentina, país onde fundou a revista *Crisis* e onde a manteve até 1976, quando foi novamente obrigado a se retirar – desta vez pelo golpe civil-militar argentino. Viveu em exílio na Espanha até 1985 e, neste período, publicou alguns livros: incluindo aí sua segunda obra mais conhecida: a trilogia *Memoria del Fuego*.

21 GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

22 ALLENDE, Isabel. Prólogo a las venas abiertas de América Latina. 1997. Disponível em: <<https://lamerolica.wordpress.com/2018/04/13/prologo-a-las-venas-abiertas-de-america-latina/>>

23 PEIXOTO, Fabricia. Obama recebe presente de Chávez na Cúpula das Américas. BBC. 2009. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/04/090418_obamapresentefp_ba>

1. O JOGO: OS ATORES E SUAS PRÁTICAS

1.1 SOBRE O JOGO

Ao longo de *El fútbol a sol y sombra* Galeano trata de diversos aspectos gerais sobre o futebol, indo desde a origem do jogo (como vemos em *Los orígenes*²⁴) até questões mais filosóficas sobre, por exemplo, se o futebol é um “despolitizador” das massas (discussão presente em *¿El ópio de los pueblos?*). Foram selecionados vinte e quatro (24) textos que se enquadram, principalmente, nesta temática. A maior parte dos textos que trata destes aspectos gerais sobre o futebol se encontram na parte inicial do livro e, em sua maioria, não foram contemplados nas análises mais específicas deste livro, já que são textos menos políticos e com uma carga muito mais poética ou até mesmo cômica – foram analisados com maior profundidade apenas seis (6) desta temática. Um bom exemplo da carga poética é quando Galeano retrata a solidão e os percalços em ser goleiro no futebol, no texto *El arquero: Lleva a la espalda el número uno. ¿Primero en cobrar? Primero en pagar. El portero siempre tiene la culpa. Y si no la tiene, paga lo mismo. Cuando un jugador cualquiera comete un penal, es castigado es él: allí lo dejan, abandonado ante su verdugo, en la inmensidad de la valla vacía*²⁵. Um momento mais cômico pode ser percebido em *El lenguaje de los doctores del fútbol*²⁶, onde Galeano simula um discurso padrão de um técnico ou diretor de equipe, justificando o mal desempenho do time através de uma fala com muitos rodeios e que, efetivamente, não chega a lugar algum: *Ya lo decíamos en el domingo próximo pasado y así lo afirmamos hoy, con la frente alta y sin pelos en la lengua, porque siempre hemos llamado al pan pan y al vino vino y continuaremos denunciando la verdad, aunque a muchos les duela, caiga a quien caiga y custe lo que custe*. Embora seja possível extrair aspectos interessantes de discussão de textos como esses, optou-se por dar espaço para textos com discussões mais latentes, como o já citado *¿El ópio de los pueblos?*.

Os textos que não serão muito aprofundados individualmente e que se encaixam nesta temática – sobre aspectos gerais do futebol – são: *El fútbol; El Jugador; El arquero; El ídolo, El hinch, El fanático; El gol; El árbitro; El director tecnico; El teatro; Los especialistas; La lenguaje de los doctores del fútbol; El estadio; La pelota; Los orígenes; En serio y en serie; Una terapia de vínculo; Las peras del olmo*. Destes dezoito (18) textos, alguns textos chamam a atenção, como *En serio y en serie*, onde Galeano faz uma crítica à modernização do futebol que

24 GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 28.

25 Idem, p. 12.

26 Idem, p. 22.

trouxe consigo uma perda da “beleza” do jogo – *El fútbol profesional, cada vez más rápido, cada vez menos bello*²⁷ – já que no futebol moderno se arrisca menos e se joga com muita seriedade, quando isso seria justamente contrário a ideia do jogo, já que a própria palavra “jogo” traz em si um sentido de brincadeira, de diversão. Essa crítica a modernização do futebol também esta presente em *El fútbol*²⁸, onde Galeano lamenta o futebol ter se tornado uma indústria e cada vez mais se tratar da busca do lucro e não do prazer em se jogar bola. Em *Las peras del olmo*, Galeano retrata que, no futebol, a forma física não é determinante, já que houve muitos jogadores com pouca estatura, “desengonçados” ou até mesmo acima do peso padrão que fizeram grande sucesso – são citados grandes nomes como Puskas, Seeler, Cruyff, Sócrates e até mesmo Pelé que, segundo Galeano, tinha “*pie plano*” (“pé chato”). Sobre o físico dos jogadores, ele determina: *Los buenos jugadores de fútbol pueden no ser titanes tallados por Miguel Ángel, ni mucho menos. En el fútbol, la habilidad es más determinante que las condiciones atléticas*²⁹. No texto *El ídolo* Galeano tratará de importantes aspectos da fama no futebol, e do quão efêmera ela pode ser: *Pero el ídolo es ídolo por un rato nomás, humana eternidad, cosa de nada; y cuando al pie de oro le llega la hora de la mala pata, la estrella ha concluido su viaje desde el fulgor hasta el apagón. Está ese cuerpo con remiendos que traje de payaso y ya el acróbata es un paralítico, el artista una bestia*³⁰.

La guerra danzada

Neste texto, Galeano faz uma leitura do futebol através da ótica militar, relacionando o esporte com uma situação de guerra: *En el fútbol, ritual sublimación de la guerra, once hombres de pantalón corto son la espada del barrio, la ciudad o la nación. Estes guerreros sin armas ni corazas exorcizan los demonios de la fe: en cada enfrentamiento entre dos equipos, entran en combate viejos odios y amores heredados de padres a hijos*. Os jogadores seriam guerreiros dispostos a derrotar o adversário; o estádio é repleto de bandeiras e estandartes, como uma legião militar; há um fosso separando torcida e jogadores, como o de um castelo; a área próxima ao gol é chamada de *zona de peligro*.³¹

A reflexão de Galeano não é a toa: o futebol, assim como muitos esportes modernos, se originou das práticas militares. O exercício de aperfeiçoamento do corpo tem muito que ver com a guerra, a aptidão física sempre foi fator essencial em soldados ao longo de toda a história. O esporte

27 Idem, p. 168.

28 Idem, p. 10.

29 Idem, p. 157.

30 Idem, p. 13.

31 Idem, p. 24.

pode traduzir, de maneira menos mortal, as vontades de guerra de lado a lado. As principais modalidades esportivas clássicas – como as presentes nas Olimpíadas de 1896, as primeiras da era moderna – tem função dentro de um treinamento militar: ser bom nadador, ser rápido, ser forte, arremessar dardos, atirar, lutar. Para muitos, o esporte serve como um canalizador das vontades de violência e de guerra presentes em cada um: seria uma forma de levar o esportista para algo positivo, ao invés de permitir que essa vontade se transforme em vandalismo ou brigas de rua. Dentro disso, o futebol não é diferente: com toda sua linguagem bélica (trabalhada por Galeano no texto seguinte, *El lenguaje de la guerra*), o futebol moderno serviu, em meados do século XIX, como uma tentativa de canalizar as energias e disciplinar meninos nas escolas inglesas.

El lenguaje de la guerra

Neste texto, Galeano especifica os elementos trazido no texto anterior, *La guerra danzada*. Desta vez, faz uma abordagem da linguagem do futebol: nomes de posições, formações, jogadas – tudo que, no linguajar do futebol, remete de alguma maneira à guerra. Para tal reflexão, Galeano cria uma narrativa descrevendo um jogo de futebol, com um porém: narra o jogo com tanta insição nas palavras que remetem ao militarismo, que mais parece estar descrevendo uma história de conquista militar: *Fue un ataque demoledor. Cuando las huestes locales invadieron el territorio enemigo, nuestro ariete abrió una brecha en el flanco más vulnerable de la muralla defensiva y se infiltró hacia la zona de peligro. El artillero recibió el proyectil, con una diestra maniobra se colocó en posición de tiro, preparó el remate y culminó la ofensiva disparando el cañonazo que aniquiló al cancerbero*. Entre as várias palavras com conotações militares e que também são empregadas no futebol, Galeano cita: *fusilado; bater en retirada; embestidas; retaguardia; disparaban; escuadra; derrota; capitán*; entre outras.³²

Aqui temos uma continuação do texto anterior: reflexões sobre as ligações entre esporte e guerra. Neste texto, Galeano optou por uma escrita mais anedótica: cria uma breve história e faz comparações curiosas, engraçadas. É difícil ler o texto sem pensar nos dois cenários: um, o campo de futebol; outro, um enfrentamento militar medieval. A origem das palavras e dos termos no futebol tem, muitas vezes, esse fundo militar: como mencionado no texto anterior, o futebol e os esportes modernos surgem como catalizadores das violências urbanas – é natural, portanto, que sejam utilizadas, ao descrever as jogadas, o léxico que já existia, no caso, o léxico militar. Além das palavras citadas por Galeano, podemos pensar, na língua portuguesa e na gíria futebolística, em

³² Idem, p. 25.

muitas outras que se assemelham ao linguajar bélico, como “tiro”, “bomba”, “matador”, “matar a jogada”, “chute venenoso”, “tirambaço”, entre outras.

Las reglas del juego

Neste texto, Galeano irá discorrer sobre as origens do futebol moderno – conta como o futebol se popularizou rapidamente na Inglaterra da Era Vitoriana, seja nas classes altas, que precisavam desafogar seus ardores juvenis e aprimorar sua disciplina, seja nas classes baixas, onde além de divertir, distraía os pobres de greves e outros “maus pensamentos”. O futebol moderno vem de um acordo entre doze clubes ingleses selado em 1863 a partir das regras do jogo que haviam sido determinadas pela Universidade de Cambridge. Galeano conta, a partir de então, sobre as novas regras que foram surgindo e moldando o futebol como conhecemos hoje: limite de tempo por jogo, número de jogadores, determinação de que apenas o goleiro poderia pegar a bola nas mãos, entre outras. Cita a criação do Pênalti, em 1891, porque próximo ao gol ocorriam verdadeiras *carnicerías*, como Galeano constata: *La Gaceta de Westminster había publicado una espeluzante lista de jugadores muertos y de huesos rotos*. Em 1904 surge a FIFA, que governa as regras do jogo até hoje – que pouco se alteraram desde então.³³

Em *Las reglas del juego* Galeano dá os panoramas gerais da formação do futebol moderno, também conhecido pelo nome *Football Association*. É interessante que ele traz o contexto em que surge o futebol moderno, com elementos como a popularização do esporte, em todas camadas sociais, e a criação de variadas regras – até se alcançar o modelo final, muito próximo ao que se disputa hoje. Alguns dados levantados por Galeano são de difícil averiguação, como a lista de jogadores mortos pela *The Westminster Gazette* – inclusive é difícil de creer que tenha tido alguma influência na criação do pênalti, já que o próprio Galeano traz como momento de criação da penalidade o ano de 1891, dois anos antes da criação do jornal. Todavia, os outros dados são mais fidedignos, como a criação das diversas regras que foram ocorrendo ano após ano no último quarto do século XIX³⁴.

¿El ópio de los pueblos?

Aqui Galeano discute a função do futebol enquanto atenuante para a rebeldia das massas. Neste texto diz que o futebol se parece com deus, porque gera devoção em muitos crentes e

³³ Idem, p. 33.

³⁴ STEIN, Leandro. Ano a ano, as principais mudanças feitas nas regras do futebol. Trivela. 2013. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/ano-a-ano-as-principais-mudancas-feitas-nas-regras-do-futebol/>>

desconfiança em muitos intelectuais. Ele cita Rudyard Kipling e Jorge Luis Borges como opositores do futebol, considerado um jogo estúpido. Para Galeano os intelectuais conservadores tendem a ver o futebol como “a superstição que o povo merece”, considerando que se trata de uma selvageria, de uma ignorância que esmaga a cultura. Ao tratar dos intelectuais de esquerda, traz que estes muitas vezes consideram o futebol como um instrumento de despolitização da população, já que, distraídos com o esporte, os homens se preocupariam menos com sua própria condição de explorados. Para esses intelectuais, o futebol desvia a energia revolucionária da população e funciona como uma nova versão do pão e circo. Como contraponto, Galeano cita Gramsci, que teria dito que o futebol é o “reino da lealdade humana exercida ao ar livre”.³⁵

Esse discurso para com o futebol é bastante comum há já muito tempo, embora tenha sido minimizado nas últimas décadas, com a compreensão de muitos que o futebol tem sim um importante papel social e que pode ser inclusive instrumento de politização das massas. O mais interessante aqui é ver a reflexão do próprio Galeano sobre o assunto, considerando que ele é tido como um intelectual de esquerda e que, até o lançamento do livro *El fútbol a sol y sombra* quase todos que o liam fora do Uruguai não imaginavam que ele sequer assistisse futebol, quanto mais que fosse uma de suas grandes paixões. Esse texto é interessante pois Galeano traz justamente o debate sobre o futebol ser ou não um instrumento político (ou “despolítico”), mostrando saber que se situa numa discussão intensa e que permanece até hoje. Sobre o futebol ser ou não instrumento de “castração política” ou o ópio do povo – como nos traz o título do texto – vários estudiosos já debateram essa questão, e podemos trazer como possibilidade de análise o antropólogo Roberto DaMatta (já citado na introdução deste trabalho). O próprio Galeano por si só não faz juízo de valores nem defende abertamente os pontos de vistas dos intelectuais que ele traz para o debate. Porém, o simples fato de ter escrito este livro já é mais do que suficiente para entendermos que Galeano está, nesta questão, muito mais para Gramsci do que para Borges ou Kipling. Numa de suas primeiras publicações, *Su Majestad el Fútbol*³⁶, Galeano satiriza os intelectuais de esquerda que enxergam no futebol esse grande fator de despolitização: “*La miseria no está escrita en los astros, suele pensar el intelectual de izquierda, pero sí en el tablero del estadio donde se marcan los goles: si no fuera por el fútbol, el proletariado adquiriría su necesaria conciencia de clase y la revolución estallaría*”³⁷. Outro importante fator que nos ajuda a entender a posição de Eduardo Galeano é o fato de, desde sua adolescência, ter como inspiração Albert Camus – escritor anarquista

35 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 40.

36 GALEANO, Eduardo. **Su Majestad el Fútbol**. Montevideu: Bolsilibros Arca, 1968.

37 Idem, p. 5.

argelino que era apaixonado pelo futebol. Galeano chega a dedicar um texto a ele em *El fútbol a sol y sombra*. Para Albert Camus, o futebol era uma excelente maneira de nos prepararmos para a vida, o convívio em sociedade, além de afirmar que o futebol teria lhe ensinado tudo que ele sabia sobre moralidade.

Como acréscimo ao debate trazido por Eduardo Galeano, podemos trazer dois intelectuais, considerados dos maiores escritores brasileiros: Lima Barreto e Graciliano Ramos. Em 1921, em coluna no jornal O ÍNDIO, de Alagoas, Graciliano desdenhou o futebol, afirmando ser fogo de palha e moda passageira. Já Lima Barreto foi mais incisivo: até sua morte, o escritor defendeu a abolição do futebol no Brasil. O futebol, que ele chamava de “esporte do ponta-pé”, era visto a seus olhos como um jogo violento e fator de dissensão social. O problema de Lima Barreto com o futebol vinha, em grande parte, porque o futebol nos fins da década de 1910 e início de 1920 era um esporte elitizado e praticado, oficialmente, apenas por brancos. A revolta máxima de Lima Barreto se dá quando o presidente Epitácio Pessoa decide levar apenas jogadores brancos para defender a seleção brasileira no campeonato sul-americano de 1921 na Argentina³⁸, tema esse que Galeano trata no texto *De la mutilación a la plenitud*.

El profesionalismo

Neste texto Galeano irá tratar do momento em que o futebol começa a deixar de ser um esporte amador e passa a ser considerado uma profissão, um trabalho remunerado. Galeano conta que um dos motivos que levam a profissionalização do futebol no cone-sul é a ida de jogadores sul-americanos para a Itália de Mussolini, já que lá havia o pagamento de salários maiores. *El éxodo de jugadores fue una de las causas del nacimiento del fútbol profesional en nuestros países. En 1931, se profesionalizó el fútbol argentino, y al año siguiente el uruguayo. En Brasil, el régimen profesional empezó en 1934. Entonces se legalizaron los pagos que antes se hacían por debajo de la mesa, y el jugador se convirtió en trabajador.*³⁹

O profissionalismo no futebol sul-americano foi importante tanto para os jogadores quanto para os clubes. Os jogadores puderam garantir seus direitos à remuneração de maneira legal, com considerável aumento de salários, e os clubes puderam manter os jogadores, evitando que fossem levados para o futebol italiano, onde o futebol já era profissionalizado desde 1925. Galeano põe a profissionalização do futebol no Uruguai, Argentina e Brasil todas como buscando este objetivo. O

38 BARRETO, Lima. Crônicas para Jovens. 1ª edição. Global Editora, São Paulo. 2017.

39 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 66.

jornalista João Máximo, no entanto, afirma que a profissionalização no futebol brasileiro se deu, em grande parte, devido a necessidade dos clubes da elite brasileira de contratarem jogadores negros. Como em clubes como o Fluminense e o São Paulo jogavam na equipe apenas associados, era praticamente impossível um negro ingressar, já que não seria aceito no mesmo espaço que a elite racista destes clubes. Uma saída encontrada para que as equipes pudessem contar com jogadores negros foi justamente contratá-los, assim não precisariam se associar e “manchar” a imagem do clube – e para isso era necessária a profissionalização do futebol brasileiro.⁴⁰

Fervor de la camiseta

Galeano começa contando a história do escritor Paco Espínola, que não apreciava o futebol até ouvir, sem muita expectativa, uma partida do clássico uruguaio Peñarol e Nacional. Ali ele teria descoberto sua paixão por futebol e pelo Peñarol. Para Galeano, “Paco viveu uma revelação tardia”, pois os uruguaios geralmente já nascem “pertencendo” ao Nacional ou ao Peñarol. Galeano também conta que, para o torcedor fanático, o prazer está muito mais em ver o adversário ser derrotado do que em ver seu time vitorioso. Galeano também analisa que, para o torcedor, trocar de time não é uma opção e, quando um jogador idolatrado troca de equipe, tende a ser vaiado, principalmente se for para o rival, como é o caso de Bebeto, que trocou o Flamengo pelo Vasco. Por fim, Galeano fala dos clubes que despertam nacionalismos insurgentes, como os catalães do Barcelona, os bascos do Athlétic de Bilbao e os clubes de Belgrado e Zagreb que, quando a Iugoslávia existia, se enfrentavam como se fossem de países diferentes.⁴¹

O texto começa com uma possível anedota de Galeano sobre o escritor uruguaio Francisco Espínola – um amigo dos tempos de boemia em Montevideú, no fim dos anos 1950, e que vai ser seu colega de trabalho em jornais ao longo de suas carreiras. A anedota, todavia, serve como demonstração de seu ponto: que a paixão pelo futebol é algo mais que apenas um esporte, é algo que temos dentro de nós desde o nascimento – principalmente, como ele cita, para os uruguaios, sempre tão divididos entre Nacional e Peñarol. Galeano conheceu e ouviu muitas histórias de Espínola nos bares de Montevideú durante sua adolescência, além de cruzar com ele mais tarde trabalhando em jornais. Também traz a questão do torcedor que não aceita a troca de clube de um ídolo, embora hoje em dia isso esteja mais dissipado do que quando Galeano escreve, já que o futebol tem se tornado cada vez mais um negócio, acima da paixão, como o próprio Galeano reconhece muitas vezes. Neste texto ele diz: “A paixão pela camisa não tem muito a ver com o

40 MÁXIMO, João. Memórias do Futebol Brasileiro. Estudos Avançados vol. 13 n. 37. 1999.

41 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 110.

futebol moderno”. Tem se tornado, no futebol moderno, cada vez mais comum jogadores idolatrados que trocam de clube com facilidade, muitas vezes indo para o próprio rival. Por fim, quando conta dos torcedores do Atlhétic de Bilbao e do Barcelona, Galeano lembra que os estádios eram os únicos lugares onde podiam expressar seu posicionamento político sem apanhar da polícia de Franco, lembrando mais uma vez das violentas repressões ocorridas no regime franquista.

1.2 GRANDES GOLS, JOGOS E JOGADAS

Ao longo do livro, Galeano descreve trinta (30) gols que, de alguma forma, foram marcantes para ele ou para a história do futebol. Muitos foram gols decisivos marcados em copas, outros gols construídos em belas jogadas e que Galeano homenageia narrando a o gol lance-a-lance, de maneira bastante poética. Por se tratarem de textos muito descritivos, vinte e oito (28) dos textos com essa temática foram preteridos à análise neste trabalho⁴², restando apenas dois para um momento de aprofundamento. Em *El fútbol a sol y sombra* Galeano trata também de alguns jogos marcantes, clássicos do futebol, além de algumas jogadas importantes dentro do esporte. No caso dos jogos marcantes, dois são embate com a seleção alemã: o primeiro, narrado em *La cigarra y la hormiga*⁴³, conta a história da final da Copa da Europa, disputada em 1992 entre Dinamarca e Alemanha. Galeano conta com muito gosto sobre a vitória por dois a zero do “jogo bonito” da cigarra, protagonizado pela seleção dinamarquesa – considerada por muitos como a grande dinamarca da história – contra o jogo mecanizado dos alemães, que Galeano descreve como formigas trabalhadoras. No segundo jogo, Galeano conta do enfrentamento entre Bolívia e Alemanha na Copa do Mundo de 1994, quando Alemanha, que era a atual campeã do mundo, quase foi derrotada pelo país sul-americano de pouca expressão no futebol. Daí o nome do texto: *La obligación de perder*⁴⁴, já que Bolívia teria cometido o “pecado” de desafiar a grande Alemanha se lançando ao ataque. Neste texto, é interessante a introdução inicial, quando Galeano descreve não só a fraqueza da Bolívia no futebol, mas também suas agruras na história: *este país, acorralado por la geografía y maltratado por la historia, había estado en otros mundiales, pero siempre por invitación, y había perdido todos los partidos con ningún gol a favor*. Outros jogos descritos por Galeano são os

42 Os 28 textos sobre gols que não foram analisados mais profundamente são: *El Gol Olímpico; Gol de Piendibene; Gol de Scarone; Gol de Nolo; Gol de Atílio; El beso perfecto que quiere ser único; Gol de Severino; Gol de Martino; Gol de Heleno; Gol de Zarra; Gol de Zizinho; Gol de Rahn; Gol de Di Stéfano; Gol de Garrincha; Gol de Nilton; Gol de Puskas; Gol de Sanfilippo; Gol de Charlton; Gol de Gento; Gol de Beckenbauer; Gol de Rocha; Gol de Jairzinho; Gol de Maradona; Gol de Gemmill; Gol de Bettega; Gol de Sunderland; Gol de Rincón; Gol de Zico*.

43 GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 174.

44 Idem, p. 191.

enfrentamentos de Bangu contra São Cristóvão e da Seleção Paulista contra a Seleção Carioca. No texto *Bombas*⁴⁵, Galeano conta de quando a torcida do Bangu amedontrou a equipe do São Cristóvão utilizando milhares de foguetes em 1943 e, quando percebeu-se que a tática deu certo, a torcida carioca decidiu utilizá-la também no jogo contra a Seleção Paulista. Também sobre o futebol brasileiro, Galeano conta a história do clássico “FlaFlu”, um dos principais dérbis brasileiros do século XX, ao longo de *História de Fla y Flu*. Em *Indigestión*, Galeano traz a história do enfrentamento entre Racing e Argentinos Junior em 1989, quando a partida acabou em empate e ambas as equipes seguiram se igualando na disputa por pênaltis, até alcançarem a marca de quarenta e quatro (44) pênaltis para cada lado, quando finalmente se encerrou o jogo. Ao longo de *El fútbol a sol y sombra*, Galeano também faz muitas menções a grandes jogadas – e algumas delas estão presentes nos textos *Las moñas; La chilena; Los divertidos* e *Parpadeos*. Em *Las monãs*⁴⁶ e em *Los divertidos*⁴⁷ o tema principal é o drible: em ambos os textos Galeano conta sobre os grandes mestres do drible no Uruguai na primeira metade do século XX, como Júlio Perez, Walter Gómez e a seleção olímpica dos anos 1920, que encantou a Europa com seus movimentos diferenciados. Também menciona em *Los divertidos*, com satisfação, ter visto Garrincha jogar, considerado um dos grandes dribladores da história. Em *Las moñas*, Galeano também faz interessante crítica ao jogo moderno, que dificulta a presença dos dribles: *Hoy en día están prohibidos, o al menos vigiladas bajo sospecha, estas orfebrerías: ahora se consideran exhibicionismos egoístas, que traicionan al espíritu de equipo y son perfectamente inútiles ante los férreos sistemas defensivos del fútbol moderno*. No texto *La chilena* Galeano conta sobre a história da jogada conhecida no Brasil como “bicicleta” e em *Parpadeos*⁴⁸ Galeano conta sobre os três gols marcados por Maglioni defendendo o Independiente em 1973: todos marcados num intervalo de um minuto e cinquenta segundos.

Gol de Meazza

Aqui, Galeano detalha a história do jogo Itália contra Brasil na Copa do Mundo de 1938, com foco no segundo gol italiano, marcado por Giuseppe Meazza. Sobre este gol, Galeano afirma ter havido um favorecimento para a seleção italiana por parte do Árbitro, já que Meazza teria caído sozinho, ao contrário do que o juiz marcou, que foi um pênalti cometido pelo zagueiro brasileiro Domingos da Guia. Galeano também conta que Meazza teria deixado o calção cair durante a

45 Idem, p. 85.

46 Idem, p. 56.

47 Idem, p. 95.

48 Idem, p. 137.

cobrança de pênalti, o que teria ajudado a vencer o goleiro brasileiro Walter, que ficou rindo do ocorrido.⁴⁹

Giuseppe Meazza foi um emblemático jogador da seleção italiana que venceu as copas de 1934 e 1938. Nascido em Milão em 1910, defendeu a seleção de 1930 até 1939, marcando mais de cinquenta (50) gols e sendo um dos principais jogadores da década, inclusive tido por muitos como o maior jogador italiano da história. Meazza mais tarde viria a dar nome ao famoso estádio em Milão, o *Stadio Giuseppe Meazza* (também conhecido como San Siro) onde jogam os dois principais times da cidade, Milan e Internazionale – ambos clubes que Meazza defendeu durante sua carreira. A respeito do fatídico gol narrado por Galeano existem outras versões. Segundo a do autor Lycio Vellozo Ribas⁵⁰, na verdade Domingos da Guia realmente derrubou Meazza, porém o lance teria ocorrido com a bola parada, num lance de confusão que não justificaria o pênalti, o que gerou uma grande revolta por parte dos jogadores brasileiros. Provavelmente Galeano se valeu de uma certa “licença poética” para descrever o lance do pênalti, onde afirma que Meazza “se atirou”, já que isto não consta na maior parte dos registros sobre o jogo. Nas imagens do documentário da FIFA sobre a Copa⁵¹ podemos ver os últimos instantes da corrida de Meazza para a cobrança do pênalti e não é percebido nenhum movimento diferente como o que Galeano narra, sendo mais um possível exagero de Galeano quando conta que o calção do italiano teria caído. O que também consta no livro de Lycio é que, de fato, o calção de Meazza estava frouxo e, portanto, ele poderia ter segurado o mesmo para que não caísse no trajeto até a bola.

Gol de Pelé

Galeano conta a história do milésimo gol de Pelé, marcado pelo Santos contra o Vasco da Gama em 1969 no Maracanã. Narra como Pelé sofre o pênalti, após driblar boa parte do time do Vasco e ser derrubado na área. Pelé não quis cobrar o pênalti mas teria sido “obrigado” pela aclamação das cem mil pessoas que lotavam o estádio. Cobrou e marcou o gol de número mil na carreira, primeiro jogador a obter tal feito no futebol profissional.⁵²

Sobre o milésimo gol de Pelé, existem duas questões importantes a serem discutidas. A primeira é que o governo brasileiro, comandado pelo ditador Médici, fez todo o possível para que o gol ocorresse no Maracanã. O estádio, o maior do Brasil, era utilizado pelos ditadores como

49 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 77.

50 RIBAS, Lycio Vellozo. **O mundo das copas**. São Paulo: Academia do Livro, 2014, p. 35.

51 Documentário: **Uruguai 1930 Itália 1934 França 1938 Brasil 1950**. Coleção Copa do Mundo FIFA 1930 – 2006. Abril Coleções, 2009.

52 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 131.

palanque político: sempre procuravam realizar ali grandes eventos, anúncios e aparições dos presidentes ditadores. A ditadura brasileira tentava que o milésimo gol de Pelé, um evento de importância nacional, acontecesse justamente ali. Sobre isso, é levantada a possibilidade de que no jogo anterior do Santos – contra o Botafogo da Paraíba – o técnico Antoninho tenha tirado o goleiro no intervalo do jogo e posto Pelé no gol, propositalmente, para que não marcasse o milésimo gol naquela partida (já havia marcado ali seu gol de número 999), e sim na próxima que seria no Maracanã⁵³. A segunda questão sobre o milésimo gol de Pelé é que, embora tenha se registrado oficialmente como tal o tento feito contra o Vasco, como conta Galeano, é provável que este não tenha sido o verdadeiro milésimo gol, e sim o milésimo primeiro. Após refazer os cálculos contabilizando todos os gols da carreira de Pelé, a Folha de S. Paulo concluiu, já em 1995, que o milésimo gol tinha sido aquele feito contra o Botafogo da Paraíba, já que havia um gol não contabilizado em 1959⁵⁴.

Historia de Fla y Flu

Galeano conta a história do primeiro clássico entre as equipes cariocas Flamengo e Fluminense, ocorrido em 1912 com vitória do tricolor por três a dois sobre os rubronegros. Galeano traz a descrição do clima na cidade do Rio de Janeiro e dos espectadores do jogo, com mulheres de espartilho desmaiando sob o calor carioca e homens jogando seus chapéus de palha ao gramado, como comemoração à cada gol.⁵⁵

O termo FlaFlu, vem, segundo Bernardo Borges de Buarque de Hollanda, da necessidade de popularizar os nomes dos times e de seus confrontos, considerando que os nomes originais eram sempre complicados para a maioria da população, com termos em inglês como no caso do Fluminense Football Club. O primeiro a popularizar o nome teria sido o jornalista esportivo Mário Filho, flamenguista e irmão do tricolor Nelson Rodrigues. Apesar do confronto entre Fluminense e Botafogo ser o mais antigo, a rivalidade FlaFlu foi a que ganhou maior destaque, por algumas razões, como o fato das cores das equipes contrastarem tanto (vermelho e preto contra verde, branco e grená) e pela tradição de ambas equipes em ir longe nas competições, com muitos títulos estaduais e finais decididas em FlaFlu. Galeano cita o pai, Fluminense, como tendo criado um filho rebelde,

53 AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou Morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Editora Mauad. Rio de Janeiro. 2002.

54 STORTI, Valmir. Paraíba viu o verdadeiro milésimo gol; erro de contagem consagrou Maracanã. Folha de S. Paulo. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/14/caderno_especial/1.html>

55 GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 40.

Flamengo, que seria sua grande maldição. Pai e filho porque o setor futebolístico do Flamengo é criado após uma discórdia dentro do Fluminense. Também fala em maldição porque, embora o Fluminense tenha boa vantagem em campeonatos estaduais (tanto em títulos quanto em finais contra o maior rival), o Flamengo é o mais vitorioso em clássicos contra a equipe rival e também o maior vencedor nacional e internacional, com títulos de maior expressão como Copas do Brasil, Campeonatos Brasileiros e Libertadores. Além, é claro, de hoje contar com uma torcida muito mais numerosa e tendo um peso representativo do futebol nacional consideravelmente maior que a equipe tricolor, seu “pai”.

La chilena

Texto sobre a criação da “chilena”: Galeano relata que a *Chilena* foi inventada no Chile por Ramón Unzaga, na cidade de Talcahuano. A popularização do lance teria se dado apenas alguns anos mais tarde, em 1927, quando o Colo-Colo excursionou pela Europa e o jogador David Arellano realizou tal jogada nos campos europeus. Os jornalistas a teriam batizado de *chilena* simplesmente pelo país de origem do jogador e do time que estava performando a jogada. Galeano ainda conta que, no mesmo ano que mostrou a *Chilena* para o mundo, David Arellano morreu após um choque com um zagueiro no estádio Valladolid.⁵⁶

Apesar de ser uma incógnita o local onde foi utilizado pela primeira vez o movimento futebolístico que hoje chamamos de “bicicleta” no Brasil, há um relativo consenso que teria surgido na América do Sul. Para os falantes de espanhol, o termo mais utilizado é *chilena*, em referência ao país onde teria ocorrido sua invenção. Em português e em inglês, o nome geralmente vem do movimento do ciclista: Bicicleta. Já na maior parte do globo, os nomes mais comuns tem por base a tesoura, considerando que as pernas cortam o ar como duas lâminas de uma tesoura. Se considerarmos Ramón Unzaga como o inventor do lance, este teria sido inventado por um espanhol. Unzaga jogava no Chile, mas havia nascido na cidade espanhola de Bilbao, e teria continuado a performar o vistoso lance muitas vezes, tornando-se sua marca registrada. Hoje há uma estátua para ele na cidade onde teria ocorrido o movimento pela primeira vez – Talcahuano –, no ano de 1914. David Arellano, ao que se tem registro, leva a fama por ter popularizado a jogada em solo europeu, enquanto o Colo-Colo excursionava na Espanha. Todavia, morreu pouco após performar a jogada, no dia 3 de maio de 1927. Sua morte foi muito lamentada no Chile, já que era considerado um dos melhores jogadores do país, tendo sido o goleador do campeonato sul-americano de 1926, marcando 7 gols. Um acréscimo que pode ser feito ao texto de Galeano é a história da jogada no

⁵⁶ Idem, p. 58.

Brasil: popularmente se tem no Brasil que o chute de bicicleta foi inventado por um brasileiro, o craque dos anos 1940 Leônidas da Silva. O próprio Galeano chega a mencionar a habilidade de Leônidas em fazer o chute “de bicicleta” no texto *Leônidas da Silva*, embora em momento nenhum atribua a invenção da jogada a ele – até porque ele começa a atuar em 1929, quando já havia alguns outros registros da jogada.

Indigestión

Neste texto Galeano conta sobre um jogo ocorrido em 1989 entre Argentinos Juniors e Racing, em Buenos Aires. O jogo, que terminou empatado, foi ser decidido em disputa de pênaltis. Porém, a cada cobrança, ambos times iam se igualando: se um errava, o outro também, se um convertia, o outro também. Por fim, após quarenta e quatro (44) cobranças a partida terminou. Galeano brinca ao final do texto: *Al cabo de cuarenta y cuatro penales, terminó el partido. Fue el récord mundial de penales. En el estadio ya no había nadie para celebrarlo, y ni se supo quién había ganado.*⁵⁷

Sobre o ocorrido, Galeano comete apenas um equívoco: o jogo não ocorre em 1989, e sim no ano anterior – no dia 18 de novembro de 1988. Este dia inclusive é conhecido por muitos argentinos como o “*Día del Penal*”. Galeano ainda brinca sobre a partida ter demorado tanto que os torcedores já havia deixado o estádio e jamais se soube o vencedor da partida. De fato, alguns torcedores devem ter se aborrecido: a partida durou quarenta e cinco (45) minutos a mais, o equivalente a um tempo. Porém, conhecemos o resultado final: vitória do Argentinos Juniors, que converteu vinte das vinte e duas cobranças, contra dezoito do Racing⁵⁸.

1.2 JOGADORES

Neste bloco temático serão analisados os textos em que Galeano conta a biografia de alguns jogadores emblemáticos da história do futebol, trazendo a importância desses para o esporte e eventualmente histórias de superação dos mesmos: passando por dificuldades financeiras na infância ou desacreditados enquanto esportistas por questões físicas e de saúde. É o caso de Platini, que Galeano conta, no texto de mesmo nome, sobre como o jogador francês havia sido dispensado em 1972, aos dezesseis (16) anos de idade, vindo mais tarde a se tornar um dos maiores jogadores do mundo: *el médico del club Metz informó que Platini adolecía de insuficiencia cardíaca y débil*

⁵⁷ Idem, p. 175.

⁵⁸ GLUCKSMANN, Roberto. Racing, Argentinos y aquella tarde de los 44 penales. Popular. 2014. Disponível em: <<https://www.diariopopular.com.ar/te-acordas-de/racing-argentinos-y-aquella-tarde-los-44-penales-n203547>>

*capacidad respiratoria. El informe alcanzó para que el Metz rechazara a este aspirante a jugador [...] diez años después, poco antes del Mundial de España, el defetuoso se vengó: su equipo, el Saint Etienne, goleó al Metz 9 a 2*⁵⁹. Semelhante história de superação é descrita por Galeano em muitos outros casos, se alternando entre jogadores que superaram dificuldades físicas ou problemas sociais. Galeano também traz em seus textos grandes histórias de jogadores sul-americanos, chamando a atenção para muitos craques que brilharam na primeira metade do século XX mas que, para o grande público, acabaram caindo no esquecimento – Galeano resgata suas histórias e sua memória. Também chama a atenção a história de dois célebres artistas: Albert Camus e Eduardo Chillida, que Galeano conta sobre os anos de juventude de ambos e de seus momentos jogando futebol, nos textos *Camus*⁶⁰ e *El hombre que convirtió el hierro en viento*⁶¹, respectivamente.

Para a análise mais profunda, foram selecionados alguns destes textos e também alguns que distoam um pouco das histórias mais comuns de superação, como o caso de Abdón Porte. Em *El fútbol a sol y sombra* Galeano escreveu trinta e cinco (35) textos contando sobre a vida e as glórias de trinta e cinco jogadores. Aqui, serão analisados com maior foco onze (11) destas histórias, deixando de fora estes vinte e quatro (24) textos: *Zamora; Samitier; Scarone; Nasazzi; Camus; Erico; Leônidas; Domingos; Moreno; El hombre que convirtió el hierro en viento; Barbosa; Di Stéfano; Garrincha; Didí; Carrizo; Seeler; Matthews; Greaves; Cruyff; Müller; Platini; Hugo Sánchez; Romário; Baggio*.

Muerte en el campo

Neste texto, Galeano conta a história de Abdón Porte, um jogador do Nacional que foi muito querido pela torcida mas que, depois de entrar em uma má fase, não conseguia mais render o futebol dos tempos mais prósperos. Decidiu então pelo suicídio, no centro do campo do Nacional.⁶²

Esta é uma das mais emblemáticas histórias do time de coração de Galeano, o Club Nacional de Football. Abdón Porte foi um dos principais jogadores da equipe desde que chegou ao time, com apenas dezoito anos, em 1911. Após mais de duzentas partidas disputadas, Porte começou a ter problemas com lesões e teve uma abrupta decaída de seu rendimento. Percebendo que não conseguiria mais jogar como antes e que, inevitavelmente, acabaria tendo que frequentar o banco de reservas, decidiu tirar a própria vida com apenas 25 anos de idade. Este suicídio se passou em 1918, um ano depois de Porte ter sido campeão sul-americano pela seleção uruguaia. Porte se matou no

59 GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 158.

60 Idem, p. 64.

61 Idem, p. 86.

62 Idem, p. 48.

Estádio Gran Parque Central, o estádio do Nacional, bem no centro do campo. Isso ajudou a construir uma imagem ainda mais forte dele e de sua história para a torcida do Nacional⁶³. A história de Abdón Porte ficou famosa ao ser escrita por Horácio Quiroga, conhecido contista uruguaio. Quiroga utiliza um pseudônimo para tratar do jogador, contando a história de “Juan Polti”, no conto *Juan Polti, Half-back*. O próprio Galeano conta, em entrevista para o canal History Channel, que nunca tinha ouvido falar do caso, e ficou sabendo através da literatura de Quiroga.⁶⁴

Friedenreich

Neste texto, Galeano irá descrever a história do jogador brasileiro Artur Friedenreich, considerado por ele como o primeiro grande craque brasileiro, autor do importante gol que deu a vitória ao Brasil no campeonato sul-americano de 1919, contra o Uruguai. Friedenreich, filho de um imigrante alemão e de uma brasileira negra, teria sido o primeiro jogador a marcar mais de mil gols, tendo feito mil trezentos e vinte e nove (1329) gols, marcados em jogos do primeiro patamar do futebol brasileiro. Devido à sua cor, descrita por Galeano como *color café*, ele também teria sido o responsável por romper com a “branquitude” do futebol brasileiro. Friedenreich jogou vinte e seis anos (26), porém, como jogava em uma época onde o futebol não era profissional, jamais teria recebido um centavo pelas suas atuações. Galeano chama a atenção para o estilo de jogo de Friedenreich, que teria se desprendido do estilo tradicional, inglês, e inaugurado o “jeito brasileiro” de se jogar: com dribles, fintas, ginga – pondo a beleza a frente do resultado. Galeano compara esse jeito brasileiro de jogar futebol com o jeito brasileiro para as artes, lembrando Niemeyer, e com as sinuosas belezas naturais do Brasil: *Así nació un estilo, abierto a la fantasía, que prefiere el placer al resultado. Desde Friedenreich en adelante, el fútbol brasileño que es de veras brasileño no tiene ángulos rectos, como tampoco los tienen las montañas de Río de Janeiro ni los edificios de Oscar Niemeyer.*⁶⁵

Friedenreich tem extrema importância para o futebol brasileiro, já que, como exposto por Eduardo Galeano, é um dos primeiros não-brancos a se destacar no futebol do Brasil. Friedenreich, que era pardo, costumava levar mais de meia hora para alisar os cabelos antes das partidas, para que pudesse continuar jogando entre os brancos. Assim como passar pó-de-arroz no rosto, eram práticas comuns no Brasil do início do século, já que não era permitido a presença de jogadores negros nos

63 STEIN, Leandro. Há 100 anos o amor à camisa do Nacional fez Abdón Porte tirar a própria vida dentro de campo. Trivela. 2018. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/ha-100-anos-o-amor-camisa-do-nacional-fez-abdon-porte-tirar-propria-vida-dentro-de-campo/>>

64 Historia Secreta – Montevideo, History Channel. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=27YFo2oyWIU&t=4s>>

65 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 48.

principais time. Galeano conta que a idolatria de Friedenreich veio com o gol marcado pela Seleção Brasileira contra o Uruguai, na final do Sul-americano de 1919. Mário Filho, todavia, afirma que Friedenreich era idolatrado justamente por ser pardo: o gol da vitória tinha sido inteiro jogada de Neco, que já tinha marcado dois gols na partida anterior e era o craque brasileiro no campeonato. A torcida teria visto em Friedenreich a possibilidade de se abrir o futebol para todo o povo – que era majoritariamente negro e pardo.⁶⁶ Quanto ao número de gols de Friedenreich, que Galeano afirma ser de 1329, há polêmicas: fazendo levantamentos em jornais dos anos em que Friedenreich atuou, Alexandre da Costa afirmou, no livro “O Tigre do Futebol”, que Friedenreich teria marcado “apenas” 554 tentos.

Andrade

Galeano conta a história de José Leandro Andrade, jogador negro que fez sucesso na Europa defendendo a seleção uruguaia, durante as Olimpíadas de Paris, em 1924. O jogador, que controlava o meio de campo e chegava com facilidade ao ataque, foi apelidado pela imprensa francesa de *La Maravilla Negra*. Foi o primeiro jogador negro a despontar na Europa. Fez tanto sucesso e gostou tanto de Paris que por ali ficou, vivendo na boemia das noites parisienses por algum tempo. Voltou muitos anos depois para Montevidéu, onde morreu na miséria e tuberculoso. Galeano conclui: *Fue negro, sudamericano y pobre, el primero ídolo internacional del fútbol.*⁶⁷

Este texto tem uma grande importância simbólica pois mostra a postura de Eduardo Galeano de manter viva a memória de grandes jogadores negros da história: nesse caso, um dos primeiros craques da seleção uruguaia, Andrade. E Galeano afirma ser esse o primeiro ídolo internacional do futebol: um negro sul-americano. Essa valorização dos jogadores negros é ainda mais importante se pensarmos que, nesse período, muitos negros eram proibidos de jogar futebol no Brasil, por exemplo. Ainda sim, desde estes tempos, os negros são os principais nomes do jogo – o que Galeano segue afirmando ao longo de vários momentos em *El fútbol a sol y sombra*.

Pedernera

Galeano começa este texto trazendo o relato do revolucionário socialista Ernesto “Che” Guevara, que conta sobre quando jogou futebol na Colômbia: “*Me atajé un penal que va a entrar para la historia de Letícia*”. Lá, Guevara foi, junto com seu companheiro de viagem, treinador temporário de uma equipe de futebol local. O seu companheiro de viagem, por demonstrar talento

66 FILHO, Mário. O Negro no Futebol Brasileiro. 4ª edição. Editora Mauad, Rio de Janeiro, 2003.

67 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 55.

com a perna esquerda, foi apelidado por Guevara de “*Pedernerita*”. Para Galeano, não havia melhor maneira de elogiar o companheiro: Adolfo Pedernera havia sido um grandioso jogador do River Plate, fazendo grande sucesso na equipe que ficou conhecida como *La Máquina*. Galeano descreve Pedernera como sendo o “eixo” daquele time, jogando muitíssimo bem em todas as posições do meio campo para o ataque.⁶⁸

O texto *Pedernera* é interessante porque, mais uma vez, podemos perceber como Galeano trata do futebol – no caso o jogador Adolfo Pedernera – para falar sobre a história, contar de grandes momentos e de grandes personalidades. Aqui, Galeano aproveita o texto para relembrar Che Guevara, por quem tinha grande admiração⁶⁹. Galeano chegou a entrevistar “El Che” em Havana, no ano de 1964 – tinha aguardado muito por aquele momento, já que acompanhar, através das publicações no *El Sol* e no *Marcha*, toda a trajetória dos revolucionários da Sierra Maestra. No livro *Entrevistas y artículos*, Galeano publica o texto que escreveu após a morte de Che, descrevendo com muito carinho o recém assassinado Che: *Una fuerza profunda y hermosa le nacía, sin cesar, de adentro; se delataba, como todos, por los ojos. Tenía, recuerdo, una mirada pura, limpia, como recién amanecida: esa manera de mirar los hombres que creen. Creía, sí, en la revolución de América Latina, en su doloroso proceso, en su destino; tenía fe en la nueva condición humana que el socialismo debe engendrar*⁷⁰. Além de amar futebol, como Galeano, Guevara entendia do assunto: junto com seu companheiro de viagem Alberto treinaram e jogaram em algumas equipes de futebol amador enquanto percorriam sua viagem pela América Latina. Referenciar o amigo como “Pedernerita” era uma forma de engrandecê-lo, já que, nos anos 1940 e 1950, Adolfo Pedernera havia sido, logo atrás de Di Stéfano, o grande jogador argentino.

Obdulio

Galeano começa o texto recordando da final da Copa do Mundo de 1950, que ele escutava pelo rádio, ainda criança. Pediu a deus pelo milagre que seria o Uruguai virar o jogo, já que o Brasil vencia por um a zero. E o milagre veio, segundo Galeano, dos pés de um mortal, de carne e osso: Obdulio Varela. O jogador uruguaio soube esfriar o jogo e acalmar os companheiros após o gol brasileiro, para depois lançar a equipe ao ataque e vencer a partida. Galeano ainda destaca o pós-jogo, onde Obdulio foi humilde, dizendo que venceram o Brasil por casualidade, e não por serem melhores como muitos outros teriam dito naquele momento. Também conta que Obdulio não foi

68 Idem, p. 83.

69 GALEANO, Eduardo. Ernesto 'Che' Guevara: El alucinante viaje del yo al nosotros. Tribuna, El País, 1987. Disponível em: <https://elpais.com/diario/1987/10/08/opinion/560646005_850215.html>

70 GALEANO, Eduardo. Entrevistas y artículos (1962-1987). Ediciones del Chanchito, Montevideu, 3ª Edição, 1996.

comemorar a vitória com os companheiros, mas ao invés disso preferiu beber junto aos brasileiros nos bares, lamentando a derrota da seleção brasileira – já que nenhum torcedor o reconhecia nas ruas. Ao chegar em Montevidéu, era esperado como o grande herói: preferiu sair disfarçado, com a gola alta e um chapéu “até o nariz”, para evitar a idolatria.⁷¹

Eduardo Galeano nutria grande admiração por Obdulio Varela, o craque, o líder da seleção uruguaia campeão do mundo em 1950. Isso fica evidente ao longo deste texto. Conta que Obdulio teria sido o grande responsável pela façanha uruguaia naquela copa, já que no último jogo – a quase final contra o Brasil – Obdulio havia comandado a equipe uruguaia, esfriando a partida nos momentos certos e carregando a seleção nas costas quando foi necessário. Além disso, Galeano ainda referêcia a humildade do jogador que, ao invés de se vangloriar após a vitória, tinha apenas respondido aos jornalistas que o resultado havia sido uma casualidade. Podemos perceber a admiração de Galeano por Obdulio quando vemos quaisquer falas do autor sobre o jogador. Em gravação para o programa *Los días de Galeano* – do canal argentino *Encuentro*, que objetivava promover o livro *Los Hijos de los Días* – Eduardo Galeano conta sobre a noite do dia em que o Uruguai se sagrou campeão do mundo, quando Obdulio Varela preferiu se esquivar das comemorações e perambular pelo Rio de Janeiro, para ver o que se passava com a população carioca:

[...] Y se escapó. Fugió del hotel sin que nadie lo viera, y se fue a beber a los bares del Río. Caía la noche, la noche más triste que la ciudad recuerda, según dicen los que la vivieron y él entraba, Obdulio, em las cantinas, em los bares, y em todos lados encontraba gente rota, destrozada, llorando, y así viendo-los desde a uno, le daba una pena tremenda, ‘pero como puede yo cometer esta maldad, pobre gente’. Y le parecía buenísimos, pobre tipo. ‘Como puede hacerlo?’, y él que les había odiado un rato antes, aquella bestia rugiente de dozentas mil cabezas, ahora les a vía de a uno, y bebia com ellos, por suerte nadie lo reconoció, estos llorosos que gemian ‘todo fue por Obdulio’ y ninguno se dió cuenta que Obdulio era eso que estaba com ellos la noche entera, abrazados.

Nos livros *Os Filhos dos Dias*⁷² e *Fechado por Motivo de Futebol*⁷³, Galeano escreve um texto em que conta sobre a disputa entre os dois craques daquele grande jogo: Zizinho, do Brasil, e Obdulio, do Uruguai. No texto “Meu Querido Inimigo” ele relata que Zizinho e Obdulio perseguiam não só a bola, mas um ao outro, trocando olhares. Galeano conta que ele próprio perguntou para Obdulio se ele tinha visto Zizinho nos últimos anos, quando Obdulio respondeu: “Tenho. De vez em quando.

71 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 92.

72 GALEANO, Eduardo. **Os Filhos dos Dias**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

73 GALEANO, Eduardo. **Fechado por Motivo de Futebol**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

Fechamos os olhos e nos vemos.”⁷⁴. É interessante que, em momento algum, é mencionada a cor da pele de Obdulio Varela, que é talvez o grande jogador negro da história do Uruguai. Isso chama atenção se considerarmos que a valorização do negro é um ponto comum da escrita de Galeano, inclusive em *El fútbol a sol y sombra*, sempre chamando atenção para jogadores negros que superaram os preconceitos para se tornarem grandes ídolos.

Kopa

Galeano conta sobre Raymond Kopa, o meio-campista francês, conhecido como *Napoleão do Futebol*, já que era baixinho e conquistador de territórios. Galeano conta que Kopa tinha incrível mobilidade e mantinha a bola sempre a seus pés, gostava de controlar o jogo. Era “acusado” de ter um estilo sul-americano de jogar futebol. Galeano ainda relata que Kopa teve uma vida extremamente pobre, trabalhando nas minas de Nouex com o pai durante toda a infância, até despontar para o futebol no time dos mineiros.⁷⁵

Este texto é uma ótima exemplificação da valorização que Galeano dava não só ao futebol bonito, “bem jogado”, mas também a história por trás de cada jogador: parte do texto sobre Kopa vai para descrever sua trajetória e os percalços que teve de enfrentar enquanto criança, devido à situação de pobreza de sua família. Também é interessante que outro dos motivos que levam Galeano a admirar Kopa é por seu “estilo sul-americano” de jogar, por ter grande mobilidade, controle de bola e saber se esquivar bem dos adversários: características muito admiradas por Galeano.

Yashin

Neste texto, Galeano abusa da poesia para descrever as façanhas do grande goleiro soviético Lev Yashin, que *tapaba el arco sin dejar ni un agujerito*. Defendia gols feitos, disparos fulminantes – muitas vezes com apenas um dos braços. Também teria o “poder” de desviar a bola com os olhos, impedindo gols sem sequer se mexer. Não havia nenhum goleiro como ele, que chegou a defender mais de cem (100) pênaltis na carreira. Por fim, Galeano conta o segredo de Yashin: *Cuando le preguntaron cuál era su secreto, respondió que la fórmula consistía en fumarse un cigarillo para calmar los nervios y echarse un trago fuerte para entonar los músculos*.⁷⁶

74 Idem, p. 57.

75 Idem, p. 109.

76 Idem, p. 119.

O goleiro Lev Ivanovich Yashin é considerado por muitos como o maior goleiro de todos os tempos⁷⁷. Sua lendárias defesas e a sua grande agilidade lhe renderam um lugar cativo na história do futebol. Também é considerado o maior jogador da história da União Soviética, cuja camisa defendeu nas Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1966 – além de ter composto o elenco da Copa de 1970, porém no banco de reservas devido a sua idade já avançada. Também venceu os Jogos Olímpicos de Melbourne, em 1956, e a Copa da Europa de 1960. Yashin foi eleito o goleiro da Copa do Mundo de 1958, foi eleito futebolista europeu do ano em 1963, recebendo o prêmio *Ballon d'or* – o único goleiro a recebê-lo na história. A FIFA o colocou no “time dos sonhos” das copas do mundo e no “time do mundo” do século XX. Ainda recebeu a Ordem de Lênin, maior condecoração da União Soviética. Yashin conquistou tudo isso com cuidados da saúde que hoje seriam no mínimo duvidosos, como o caso dos cigarros e da vodka que Galeano traz no texto. Esse é um ponto importante porque, para Eduardo Galeano, o culto a força e ao físico perfeito são pontos negativos do futebol moderno: o jogo do mais rápido e do mais forte é, para Galeano, menos importante que o jogo do mais criativo, do mais habilidoso. Para tal, não precisava-se de extremos cuidados com a condição física mais do que com a condição da alma. O próprio Galeano passou toda a vida fumando, um de seus grandes prazeres.

Eusebio

Galeano conta sobre a infância pobre de Eusébio, maior jogador da história de Portugal. Eusébio teria então vencido a pobreza com sua grande habilidade para driblar marcadores em alta velocidade – habilidade essa que só pode ter quem já muito correu da polícia ou da miséria, como Galeano descreve. Galeano conclui o texto constatando que *Fue un africano de Mozambique el mejor jugador de toda la historia de Portugal*.⁷⁸

O interessante deste texto é perceber que Galeano sempre faz questão de denotar a força do terceiro mundo, geralmente em um contraponto com o primeiro mundo, em especial à Europa. Em diversos textos Galeano trata das disputas entre ex-colônias e ex-metrópoles, como nos casos dos países latino-americanos com a Espanha e Portugal, ou da Argélia com a França, por exemplo. Aqui, ressalta que o maior jogador português sequer nasceu em Portugal, e sim na África, em Moçambique – que só se tornaria independente politicamente de Portugal em 1975.

77 Lev Ivanovich Yashin – Encyclopaedia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Lev-Ivanovich-Yashin>>

78 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 125.

Pelé

Galeano conta a história de Pelé, descrevendo seus talentos, números e sua importância para o futebol mundial. Relata também a famosa história da Guerra que foi parada por Pelé, entre Nigéria e Biafra, que ocorria quando o Santos Futebol Clube excursionou pelo continente africano. Termina relatando que, fora de campo, Pelé jamais doou um centavo ou um minuto de seu tempo.⁷⁹

Aqui, é possível fazer a análise de Pelé por duas óticas: Galeano separa o profissional do pessoal. Se dentro de campo Pelé foi “divino” - nos mostrou que a imortalidade existe: “*momentos de esos tan dignos de inmortalidad que nos permiten creer que la inmortalidad existe*” - fora de campo Pelé jamais fez algo digno de nota: pouco se dedicou a alguma causa, pouco fez uso de seu capital político e financeiro, diferente de muitos dos outros ídolos de Galeano, como Maradona, por exemplo. Para Galeano, a grande ação de Pelé deu exclusivamente em campo, com seu talento e genialidade. Sobre a Guerra que Pelé teria parado, como Galeano conta e que ficou muito difundida no imaginário sobre o jogador, ela ocorria em fevereiro de 1969, quando o Santos excursionava na África, fazendo exhibições contra as seleções do continente. O jogo na Nigéria não era planejado mas ocorre já que o empresário Samuel Ratinoff, que organizou a excursão, conseguiu garantias do exército nigeriano de que nada ocorreria com a equipe brasileira. O Santos jogou na cidade de Benin contra a Seleção do Meio Oeste da Nigéria (A Nigéria estava dividida devido a guerra-civil). A cidade de Benin, no entanto, fica a cerca de 208 km da capital de República de Biafra, Enugu, e em fevereiro de 1969 a República de Biafra já estava cercada. Portanto, o Santos de Pelé jogou na Nigéria durante a Guerra, mas a Guerra ocorria distante da cidade onde houve o jogo e a guerra não foi exatamente paralisada pelo evento.

Gullit

Galeano começa o texto descrevendo a situação crítica na qual a Europa se encontrava em 1993, com inúmeros casos de racismo ocorrendo, incluindo leis contra os imigrantes sendo aprovadas em muitos países. Em meio a tanto preconceito, o melhor jogador holandês era um dos grandes atuantes na luta contra o racismo – defendia a liberdade de Nelson Mandela e lutava contra o *Apartheid* na África do Sul, chegando a dedicar o prêmio da Bola de Ouro ao líder sul-africano em 1987: *dedicó su balón de oro a Nelson Mandela, que llevaba muchos años encerrado en la cárcel por el delito de creer que los negros son personas*. Galeano também conta que Gullit chegou a participar de músicas em protesto contra o *apartheid*. Galeano termina o texto exaltando os atributos técnicos e físicos de Gullit, além do fato de nunca ter se dado bem com técnicos e

⁷⁹ Idem, p. 132.

dirigentes, graças ao *costumbre de desobedecer y por su porfiada manía de denunciar a la cultura del dinero, que está convirtiendo al fútbol en un asunto más de la bolsa de valores*.⁸⁰

Gullit é um dos maiores nomes da luta anti-racista da história do futebol. Ao longo de sua carreira, participou de inúmeros protestos, arrecadou verbas em campanhas contra o racismo e sempre declarou publicamente suas opiniões quanto as violências sofridas pelos negros na Europa. Além disso, também era um admirador de Nelson Mandela, como Galeano conta, chegando a dedicar seu *Ballon D'or* para o líder sul-africano. A ideia inicial de Gullit era, na verdade, fazer um discurso na cerimônia de premiação, protestando contra o *Apartheid* na África do Sul. A FIFA, tradicionalmente avessa às discussões política – embora nesse caso seja muito mais um discussão sobre direitos humanos básicos – não permitiu que Gullit discursasse. Mesmo assim, dedicou o prêmio a “Madiba”. Também participou da música *South Africa* da banda de *reggae* holandesa Revelation Time – e com ela atingiu o terceiro lugar nas paradas musicais da Holanda. É mais um momento que podemos perceber a valorização do jogador negro e da luta contra o racismo na obra de Galeano – nesse caso, como em muitos outros que ele conta em *El fútbol a sol y sombra*, valorizando também a postura pessoal do jogador, além da sua habilidade em campo.

1.3 GRANDES TIMES

Galeano escreve alguns dos textos de *El fútbol a sol y sombra* dedicados a grandes esquadras que ele conheceu. Aqui, ressaltamos algumas: a equipe uruguaia campeã dos jogos olímpicos de 1924 e 1928, descrita em *El según descubrimiento de América*; o famoso time do River Plate dos anos 1940, retratados em *La máquina*; O vitorioso Peñarol dos anos 1960, que Galeano conta no texto *Los años de Peñarol*; A seleção brasileira tricampeã do mundo em 1970, retratada em *La fiesta*; e o bom futebol da seleção colombiana dos anos 1990, que Galeano conta através de sua relação com a seleção argentina no texto *El parricidio*.

Talvez o mais notável, ao se analisar estes cinco (5) textos de Galeano, é que todas as equipes descritas são da América do Sul, o que reafirma a paixão do escritor pelo estilo de jogar dos times e jogadores sul-americanos. Em *Los años de Peñarol*⁸¹, Galeano conta da equipe uruguaia do Peñarol, campeão mundial duas vezes na década seguinte de 1960 e considerado um dos melhores times de todos os tempos. Chama a atenção neste texto, todavia, que Galeano omite o time do Santos Futebol Clube, tido por muitos brasileiros como o melhor time do mundo naquela década –

80 Idem, p. 180.

81 Idem, p. 127.

inclusive tendo ganho, assim como o Peñarol, dois títulos mundiais no período. Em *El parricidio*⁸², Galeano trata da Colômbia de 1993 que foi enfrentar a Argentina em Buenos Aires e, vaiada no início, saiu aplaudida após a vitória por cinco a zero. O nome parricídio foi dado devido ao suposto ensinamento que os argentinos deram aos uruguaios na década de ouro da liga colombiana, quando jogadores argentinos como Di Stéfano, Rossi, Rial, Pontoni, Moreno e Pedernera jogaram seu bom futebol nos campos colombianos no início dos anos 1950. Curiosamente, o futebol colombiano, com Valderrama, Asprilla e Rincón, jogava um futebol muito mais “brasileiro” segundo Galeano, devido aos dribles e a beleza de suas jogadas. Alguns destes jogadores argentinos que brilharam na Colômbia também fizeram parte da “Máquina” do River Plate, descrita por Galeano no texto *La máquina*. Entre eles, Pedernera, Moreno e Di Stéfano. Neste texto Galeano vai ressaltar as qualidades deste esquadrão que deixava a todos que o assistiam boqueabertos, tamanha a qualidade e beleza do futebol do River. Todavia, Galeano resalta que pouco tinha de “máquina” naquela equipe além da precisão de seus jogadores, já que seu futebol não era duro, e sim muito esbelto: *El Público bautizó con el nombre La Máquina a aquel legendario equipo, por la precisión de sus jugadas. Era un dudoso elogio. Nada tenían que ver con la frialdad mecánica esos atacantes que gozaban jugando y de tanto disfrutar se olvidaban de patear al arco.*⁸³ As outras equipes citadas por Galeano são detalhadas a seguir:

El segundo descubrimiento de América

Galeano conta de quando a seleção uruguaia de futebol ganhou as Olimpíadas de 1924 e de 1928, em Paris e Amsterdã, respectivamente. Essas vitórias teriam comprovado que o país não era “um erro”, não era um pequenino ponto no mapa, sem glórias: *La camiseta celeste era la prueba de la existencia de la nación, el Uruguay no era un error, el fútbol había arrancado a este minúsculo país de las sombras del anonimato universal.* Conta que os jogadores deste excelente time não eram pagos para jogar, cada um tinha sua profissão: verdureiro, operário, entregador. Mesmo assim, venceram tudo o que puderam vencer em solo europeu. Nas olimpíadas de 1924 engam espões iuguslavos, que foram assistir seus treinos, jogando mal propositalmente. Na primeira partida daqueles jogos olímpicos o Uruguai venceu a Iugoslávia por sete a zero. Iam jogo a pós jogo vencendo, jogando um futebol diferente dos “pais” europeus: se a Inglaterra jogava com chutes para a área, os uruguaios levavam a bola de pé em pé, sempre carregando-a ou dando passes curtos.

82 Idem, p. 181.

83 Idem, p. 81.

Galeano fala com admiração por aquelas seleções uruguaias, vencedoras em 1924 e 1928 nas olimpíadas e em 1930 e 1950 nas copas do mundo. Afirma não haver a mesma qualidade no futebol uruguaio de seu tempo, porém ainda sendo clara a forte paixão que os uruguaios nutrem pelo esporte. Como descreve Galeano: *La pasión futbolera de los uruguayos viene de aquellas lejanías, y todavía sus hondas raíces están a la vista: cada vez que la selección nacional juega un partido, sea contra quien sea, se corta la respiración del país y se callan la boca los políticos, los cantores y los charlatanes de feria, los amantes detienen sus amores y las moscas paran el vuelo.*⁸⁴

Este texto de Galeano é um perfeito exemplo da exaltação que demonstrava pelo futebol sul-americano: para Galeano, não havia futebol que se equiparasse ao futebol da América do Sul, em especial das três potências futebolísticas da região: Brasil, Uruguai e Argentina. Galeano fala com grande afeto dos “toques curtos” que os jogadores davam na bola, preferindo conduzi-la, buscar o drible e passes para jogadores próximos – num período que o futebol europeu era muito mais voltado para o chamado “chutão” e a vitória através da imposição física. Em diversos textos de *El fútbol a sol y sombra* Galeano critica a imposição física como fator mais importante do jogo, privilegiando jogadores que, mesmo pequenos e magros, usavam da criatividade para superar o adversários. É o futebol musical, dançado, em forma de poesia que Galeano tanto admirava. Deixa isso claro em textos como *Las moñas*, *Los divertidos* e *Las peras del olmo*. A lendária equipe uruguaia que venceu as duas edições olímpicas – e depois a Copa do Mundo de 1930 – entrou pra história do futebol como uma das grandes esquadras da primeira metade do século, apelidada de “Celeste Olímpica”. Isso é motivo de orgulho para Galeano, que afirma que esta seleção deu grande glória para a nação uruguaia, mostrando ao mundo onde ficava o Uruguai e sua importância. Ainda ao fim do texto, Galeano lamenta a perda do futebol bonito pelos uruguaios: ao fim do século, as equipes uruguaias foram muito mais marcadas pela imposição física e pelo jogo duro, justamente o tipo de jogo que disputavam os europeus nos anos 1920 e que foi superado pela Celeste Olímpica.

La fiesta

Neste texto Galeano descreve a paixão do brasileiro pelo futebol, passando por algumas das principais equipes da seleção brasileira em copas do mundo. Começa contando que, no Brasil, existem campos de futebol em qualquer vilarejo – mesmo aqueles que sequer possuem sua igreja. Além disso, Galeano diz que a paixão pelo futebol no Brasil é tanta que domingo é comum haver ataques cardíacos, devido aos jogos que ocorrem nesse dia da semana. Também conta que, em 1966, quando a seleção brasileira teve mal desempenho na Copa do Mundo da Inglaterra, muitos

84 Idem, p. 53.

chegaram ao suicídio e a ataques de nervos. E foi então que a seleção ressurgiu das cinzas: venceu a Copa do México, de 1970, e consagrou um dos maiores times da história, que tinha craques como Pelé, Rivelino, Tostão, Jairzinho, Gérson, Tostão e Carlos Alberto Torres. Jogavam para frente, ofensivamente, ao contrário das seleções que foram longe na copa anterior, quando a defensiva Inglaterra foi campeã. Sobre a vitória do futebol vistoso e ofensivo, Galeano escreve: *En el Mundial del 70, Brasil jugó un fútbol digno de las ganas de fiesta y la voluntad de belleza de su gente. Ya se había impuesto en el mundo la mediocridad del fútbol defensivo, con todo el cuadro atrás, armando el cerrojo, y adelante uno o dos hombres jugando al solitario; ya habían sido prohibidos el hiesgo y la espontaneidad creadora. Y aquel Brasil fue un assombro: presentó una selección lanzada a la ofensiva, que jugaba con cuatro atacantes [...]*. Galeano também faz um paralelo com a seleção de 1994, quando o Brasil jogou um futebol mais defensivo e foi tetracampeão do mundo sobre a também defensiva seleção italiana. Galeano conta sobre a vitória nos pênaltis após o zero a zero já que, se a partida não tivesse acabado e ido para as penalidades, as metas teriam seguido “invictas” por toda a eternidade, tamanha era a vontade de se defender, sem buscar o ataque.⁸⁵

Este texto traz importantes elementos da percepção de Galeano acerca do futebol: ele destaca a “festa” em se jogar ofensivamente, com um futebol de dribles, de qualidade técnica, em detrimento do futebol duro e defensivo. O Brasil de 1970 é para Galeano e para muitos que assistiram essa seleção um marco deste futebol ofensivo e bonito de se ver. A aversão de Galeano pelo futebol de “retranca”, de imposição física sobre a habilidade, provavelmente vem da postura de Galeano sobre as diferentes escolas de futebol e seus locais de origem. O futebol duro, mecânico, burocrático, foi a marca de muitas seleções europeias ao longo do século XX, em especial seleções como Inglaterra, Itália e Alemanha. Já a América do Sul, tão valorizada por Galeano, geralmente entrou em campo nas copas do mundo com seleções que buscavam mais o gol, sem tanto medo de sofrerem os tentos adversários. O Uruguai do início do século e principalmente as seleções argentinas e brasileiras que Galeano viu jogar tinham mais acentuadas essas características que o escritor admirava. E quando a própria seleção brasileira joga na defensiva, Galeano não pouca críticas, como faz com o jogo de Brasil e Itália de 1994, que afirma só ter saído do zero a zero por causa dos pênaltis.

85 Idem, p. 135.

2. FUTEBOL E SOCIEDADE

2.1. FUTEBOL E VIOLÊNCIAS

Alguns dos textos em *El fútbol a sol y sombra* vão tratar mais em específico sobre a questão da violência no futebol. É claro que este é um tema que permeia boa parte do livro e das discussões que Galeano traz – como é o caso da violência racial abordada nos textos que falam sobre o racismo. No entanto, os textos a seguir foram separados devido ao seu eixo central ser principalmente a questão da violência – seja ela sobre o juiz, seja ela entre torcidas, seja ela em campo. Em *La maldición de los tres palos* Galeano vai tratar especificamente do goleiro, já que esta é a posição mais vulnerável as fúrias das torcidas e é onde sempre se cai a culpa, independente de como se deu a derrota da equipe⁸⁶. Cita grandes exemplos como o goleiro brasileiro Manga que, segundo Galeano, acabara tendo de jogar no Nacional de Montevideu por sua vida no Brasil se tornara inviável depois de ter sido feito de bode expiatório do mal desempenho da seleção nacional na Copa de 1966 – mesmo tendo sido um dos grandes goleiros de seu tempo. Conta que o mesmo aconteceu com Carrizo na Argentina em 1958 e com Barbosa no Brasil de 1950. Também traz os casos de Higuaita e Goycochea, massacrados no início dos anos 1990 pelas torcidas colombiana e argentina, respectivamente. No texto *El pecado de perder* Galeano trata da mesma perseguição a jogadores, desta vez a jogadores de linha como o zagueiro colombiano Andrés Escobar. Também vai tratar das perseguições a torcidas e grupos minoritários, feita principalmente pelos torcedores chamados de *hooligans* no texto *Los sacrificios de la fiesta pagana*. Galeano também trata das perseguições a juizes, que sempre acabam sendo xingados pelos torcedores, independente de acertos ou erros, de vitórias ou derrotas – no texto *Pobre mi madre querida*⁸⁷.

Quanto às violências dentro de campo, Galeano faz reflexões no texto *Vale tudo*: Traz os relatos de alguns jogadores, como Basile Boli, Pepe Sasía e Paul Steiner, que teorizam sobre “bater antes que te batam” e sobre a necessidade de se “lutar” de todas as maneiras possíveis no campo. Traz também as corrupções de dirigentes e técnicos, que costumam falsificar certidões de nascimento, campeonatos e tentam a vitória no jogo no campo de futebol e na disputa pelo poder a qualquer custo. Lembra também o caso do jogador brasileiro Branco na Copa de 1990, quando o diretor técnico argentino Carlos Bilardo lhe mandou um cantil com água com vomitivos, para prejudicar o lateral brasileiro. Ainda faz uma nostálgica reflexão sobre o futebol uruguaio, que nos

86 Idem, p. 126.

87 Idem, p. 128.

tempos modernos se pautou pela violência mais do que pela técnica dos tempos gloriosos: *En el fútbol uruguayo, la violencia ha sido hija de la decadencia. Antes, la garra charrúa era el nombre de la valentía, y no de las patadas. En el Mundial de 50, sin ir más lejos, cuándo la célebre final de Maracaná, Brasil cometió el doble de faltas que Uruguay.* ⁸⁸

Los sacrificios de la fiesta pagana

Neste começo de texto, Galeano relata a conhecida “Tragédia de Heysel”, evento torcedores italianos foram mortos como consequência de uma ação de *hooligans* do Liverpool, em 1985, na final do time inglês com a Juventus, em Bruxelas. Fala de algumas punições e da dificuldade e desconfiança dos italianos de receber torcedores ingleses nos anos seguintes à tragédia. Registra que em um jornal de 1890 já havia menções à violência destes torcedores e afirma que, nos tempos atuais, eles continuam: “*En nuestros días, la tal excrecencia sigue dedicándose al crimen con el pretexto del fútbol*”. Galeano faz uma descrição dos *hooligans*, ressaltando os traços patrióticos e a semelhança/aproximação destes grupos com grupos racistas/neonazistas, já que frequentemente destilam seu ódio aos imigrantes da Ásia e da África. Em dado momento, Galeano para de se referir aos *hooligans* e começa a mencionar grupos de torcedores violentos num geral, como *naziskins* italianos ofendendo jogadores e torcedores negros ou judeus. Depois, rumo à América do Sul, descrevendo as ocorrências violentas nas torcidas chilenas e argentinas, ressaltando que, nos anos anteriores, conhecia as torcidas chilenas como sendo extremamente pacíficas. Ao fim, relata a grande violência nos estádios argentinos utilizando alguns números e utiliza o autor Jorge Valdano para teorizar sobre os motivos que levam à ocorrência destes grupos violentos: *La violencia, decía Valdano, crece en proporción directa a las injusticias socialesy las frustraciones que la gente acumula en su vida cotidiana. Las barras bravas se nutren, en toda parte, de jóvenes atormentados por falta de trabajo y esperanza.*. Galeano ainda relata outros dois eventos do tipo: quando torcidas inimigas travaram uma batalha em Roma, no ano de 512, após uma disputa de corrida de bigas, e o resultado teria sido de trinta mil (30.000) mortos. Também cita a maior tragédia da história do futebol quando, em 1964, uma confusão após o jogo entre Peru e Argentina culminou na morte de mais de trezentos mortos, graças a repressão da polícia peruana que acabou esmagando a multidão em pânico contra as portas de saída do estádio. ⁸⁹

88 Idem, p. 172.

89 Idem, p. 159.

Neste texto Galeano traz o grande número de mortes que acabam ocorrendo no mundo do futebol, fazendo críticas bastante duras com relação aos torcedores que usam da violência, chamando a prática de “excrecência”. Trata da tragédia de Heysel, até hoje marcada na história do futebol europeu, quando na final da Taça dos Campeões trinta e nove (39) torcedores da Juventus foram mortos. Outro desastre, este que Galeano não conta, ocorreu também envolvendo torcedores do Liverpool, quatro anos depois: no Desastre de Hillsborough noventa e seis (96) torcedores do Liverpool ficaram esmagados devido às pressões realizadas pelos próprios torcedores que tentavam entrar no estádio – e devido à má administração policial e dos controles de entrada – resultando em avalanches com mortes de torcedores pisoteados e esmagados. Serviu de pretexto para inúmeras leis de controle e vigilância nos estádios, diminuindo os casos de *hooliganismo* e acidentes com mortos num geral – embora tenha, de certa forma, gerado uma elitização dos estádios, principalmente os dos grandes clubes europeus. Galeano traz também a questão da Tragédia do Estádio Nacional em Lima, quando 328 torcedores morreram pisoteados e esmagados por causa do pânico gerado pela dura repressão policial⁹⁰. Outro desastre que poderia ser citado é o caso da *Puerta 12*, como ficou conhecida a tragédia ocorrida no estádio do River Plate, de maneira semelhante ao caso peruano: forte repressão policial em locais com poucas saídas e, neste caso, um portão trancado, a *Puerta 12*. Nessa tragédia foram contabilizados setenta e um (71) torcedores mortos.⁹¹ Por fim Galeano cita o caso das torcidas romanas de quadrilhas, onde teriam morrido trinta mil pessoas. Sobre esse evento não foram encontrados registros nem relatos nas pesquisas realizadas.

El pecado de perder

Neste texto Galeano falará sobre diversas situações nas quais a vida de jogadores de futebol se tornou insuportável devido à perseguições e a não aceitação de derrotas por parte dos torcedores. Assim como são idolatrados na vitória, os jogadores derrotados são “anjos caídos” para seus torcedores. Galeano cita os casos da equipe argentina que disputou o Mundial de 1958 e que foi perseguida após a má atuação de seus integrantes; o chileno Caszely que perdeu um pênalti na Copa de 1982 que lhe tornou um alvo público; e alguns jogadores da Etiópia que pediram asilo após a derrota por seis a um para o Egito. Por fim, Galeano se detém no caso do jogador Andrés Escobar, assassinado em Medellín após marcar um gol contra defendendo a seleção colombiana na Copa do Mundo de 1994. Sobre estas ações violentas, Galeano faz um reflexão: seria culpa do futebol ou

90 EDWARDS, Piers. **Lima 1964: The world's worst stadium disaster**. BBC, 2014. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/magazine-27540668>>

91 ALABARCES, Pablo. **Crônicas de aguante: Fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012. p. 31.

seria apenas mais uma demonstração da violência do mundo, desta vez no esporte? Ele escreve: *Como deporte, el fútbol no está condenado a generar violencia, aunque a veces la violencia lo use de válvula de desahogo. No es casual que el asesinato de Escobar haya ocurrido en uno de los países más violentos del planeta.* Por fim, Galeano conclui, fazendo análise mais geral sobre a situação latino-americana: *El sistema de poder, en cambio, sí es un factor de violencia: como en toda América Latina, sus injusticias y humillaciones envenenan el alma de la gente, su escala de valores recompensa a quien no tiene escrúpulos y su tradicional impunidad estimula al crimen y ayuda a perpetuarlo como costumbre nacional.*⁹²

Esse texto é importante porque traz uma conclusão de Galeano, além dos habituais questionamentos que ele levanta: o futebol não é causador de violências, ele apenas é utilizado como válvula de escape em sociedade com violências latentes, que precisam ser liberadas de alguma forma – não sendo o futebol seria outra. Por isso, e não a toa, os casos de violência no esporte tendem a se concentrar em regiões ou em grupos sociais onde também há taxas de violências de outros tipos. Pablo Alabarces teoriza, em seu livro *Crónicas de Aguante*, que, embora durante a Ditadura Civil-militar a Argentina tenha tido raros casos de mortes em estádios, a violência perpetrada no modo de agir daquela sociedade, do aparato policial e do estado serviu para criar o modo violento de ação que as torcidas argentinas passaram a empregar com mais frequência nas décadas após a Ditadura, atingindo altos números de mortos⁹³. A violência gera contínuos ciclos de violências.

2.2. RACISMO

Um dos pontos principais nas manifestações políticas de Galeano ao longo de todo *El fútbol a sol y sombra* é a questão racial, presente em muitos textos, em alguns momentos de maneira direta, em outros como tema periférico. Ao tratar de muitos jogadores negros, Galeano costuma trazer histórias de superação e de enfrentamento, como o caso de Eusébio que, sendo negro e africano, sempre foi um “nó na garganta” de muitos racistas portugueses, já que foi o maior jogador da história de Portugal ou como o caso de Andrade, jogador negro da seleção uruguaia que encantou a Europa. Traz a luta de muitos contra o Racismo, como o caso do holandês Gullit. Além disso, Galeano discute de maneira mais geral o racismo no futebol e os problemas enfrentados por jogadores negros ao longo de dois textos: *Los negros* e *De la mutilación a la plenitud*. Também

92 GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 192.

93 ALABARCES, Pablo. *Crónicas de aguante: Fútbol, violencia y política*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012. p. 35.

traz a questão racial e o preconceito perpetuado por torcedores europeus ao longo de *Los canticos del desprecio*.

Los negros

Aqui Galeano traz a história da seleção uruguaia que, em 1916, era a única seleção nacional com jogadores negros. Em partida vitoriosa contra o Chile, a delegação uruguaia foi acusada de escalar jogadores africanos e a delegação chilena exigia portanto que a partida deveria ser anulada. Galeano exalta o futebol dos dois negros que compunham aquela equipe: Isabelino Gradín e Juan Delgado, ambos bisnetos de escravos e que eram grandes jogadores daquela seleção.⁹⁴

Este texto de Galeano traz importantes elementos sobre a questão racial no futebol sul-americano, tratando do pioneirismo uruguaio. Além de ser um dos primeiros países da América Latina a abolir a escravidão⁹⁵, o Uruguai é o primeiro país a, no futebol, permitir jogadores negros – tanto em clubes como na seleção nacional. Isso permitiu que a seleção uruguaia, que jogava com os melhores jogadores do país – sem distinção por cor da pele – conseguisse obter excelentes resultados em competições internacionais. O Uruguai, com jogadores negros no elenco, não só foi campeão sul-americano em 1916 como também o foi em 1917, 1920, 1923, 1924 e 1926. Até 1926, a seleção uruguaia acumulou seis títulos da competição, enquanto Brasil e Argentina possuíam apenas dois títulos cada. Além disso, o elenco uruguaio, com jogadores negros e brancos, foi bicampeão olímpico – encantando a Europa com seu belo futebol nos anos de 1924 e 1928, em uma época em que não havia jogadores negros atuando no continente. Isabelito Gradin é muitas vezes citado como o primeiro ídolo negro do futebol, marcando não só a história da seleção uruguaia como também do Club Atlético Peñarol, que defendeu por seis anos. Também é o décimo primeiro maior goleador da história do campeonato uruguaio, com 101 gols marcados⁹⁶. Foi goleador e eleito melhor jogador do Campeonato Sul-americano de 1916.

De la mutilación a la plenitud

Neste texto Galeano retrata os problemas sofridos por jogadores negros no Brasil, devido ao forte preconceito racial presente na sociedade brasileira. Começa trazendo a questão da Copa América de 1921, disputada em Buenos Aires, quando o presidente brasileiro Epiácio Pessoa baixou um decreto exigindo que fossem apenas jogadores brancos para a competição, tentando

94 GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 46.

95 A escravidão é abolida no Uruguai em dezembro de 1842 – na América do Sul, é um dos primeiros países a declarar a abolição, atrás apenas de Chile e Bolívia.

96 Uruguay – All-time topscorers. Disponível em: <<http://www.rsssf.com/tables/urutops-allt.html>>

passar uma boa impressão do Brasil para o exterior. Galeano debocha da seleção formada pelo racismo: *De los tres partidos que jugó, la selección blanca perdió dos*. Um dos impedidos de jogar foi o craque mulato Friedenreich. Também no seu clube, sofria: tinha que passar mais tempo que os demais no vestiário, para tentar alisar o cabelo e ser menos evidente sua negritude. Semelhante problema acometia Carlos Alberto, que passava pó de arroz no rosto para embranquecer. Galeano afirma ainda que é possível afirmar que os melhores jogadores brasileiros de toda a história eram negros ou mulatos, como Friedenreich, Garrincha, Pelé, Romário, Domingos da Guia e Leônidas. Galeano ainda faz crítica a chamada “democracia racial” brasileira, que disfarça os problemas raciais do país – também presente em quase todos lugares do mundo: *En la pirámide social del mundo, los negros están abajo y los blancos arriba*. Galeano também associa estes muitos negros do futebol brasileiro à pobreza, considerando que para estes a vitória no futebol é ainda mais difícil, já que muitos tem que superar a pobreza e a fome – embora o futebol seja um ambiente mais democrático que a maioria, possibilitando a ascensão social de meninos pobres. Por fim Galeano descreve os trajetos que levam o menino pobre e em desvantagem física a crescer por outros meios, desenvolvendo habilidades que o possibilitem se tornar um grande jogador.⁹⁷

Nesse texto Galeano faz uma abordagem bastante completa sobre os problemas do negro no Brasil e no futebol que, ao mesmo tempo que foi palco de preconceitos, sempre foi uma possibilidade de ascensão social num país tão desigual entre brancos e negros – como o próprio Galeano afirma ao criticar a ideia de que há uma “democracia racial” no Brasil. Sobre a não ida de jogadores negros para o campeonato sul-americano, Lima Barreto protestou logo após o ocorrido – com sua característica acidez – zombando o presidente Epitácio Pessoa:

Sua Excelência que está habituado a resolver questões mais difíceis como sejam a cor das calças com que os convidados devem comparecer às recepções de palácio; as regras de precedência, que convém sejam observadas nos cumprimentos a pessoas reais e principescas, não teve dúvidas em solucionar a grave questão. Foi sua resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano.⁹⁸

Los canticos del desprecio

Neste texto Galeano fará reflexões sobre o preconceito entre torcidas, principalmente motivadas por questões raciais e sociais. Partindo da premissa que existe uma divisão norte-sul no

97 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 43.

98 BARRETO, Lima. **Crônicas para jovens**. São Paulo: Global Editora (*ebook*), 2018, não paginado.

mundo – *cuando el sur del mundo comete la osadía de saltar esa pared y se mete donde no debe, el norte le recuerda, a palos, cuál es su lugar* – Galeano vai tratar desta mesma divisão dentro dos próprios países e cidades – divisão essa se evidencia também no futebol, já que Galeano afirma que o futebol é o “espelho de tudo”. Primeiramente traz o caso italiano: em meados dos anos 1980, o Napoli, time do sul, vinha vencendo o campeonato italiano com o grande futebol de Maradona e na medida em que vencia era vítima do preconceito dos torcedores do norte da Itália. Galeano cita alguns cânticos preconceituosos deste período e chama aqueles que os cantam de *hijos del miedo y netos del racismo*. Também menciona o preconceito das torcidas argentinas com o clube mais popular de Buenos Aires, o Boca Juniors.⁹⁹

Este texto traz um importante reflexão que Galeano faz sobre as distinções sociais e étnicas feitas entre torcidas. Usa como exemplo cânticos racistas dos torcedores dos times do norte da Itália para com os do Sul, mais pobre e com a pele mais escura, historicamente vítimas de preconceito na Itália; e os torcedores do Boca Juniors, de Buenos Aires, que sofrem ofensas por serem de um estrato social mais baixo ou também pela cor da pele. É interessante aqui o protesto de Galeano contra estas divisões, seja entre países, cidades ou regiões – fazendo pela primeira vez em *El fútbol a sol y sombra* uma divisão interna entre os países, como no caso italiano. Geralmente os escritos de Galeano estão mais voltados para os conflitos entre imigrantes e os países que os recebem, como o caso dos jogadores argelinos na França. É válido também destacar o outro lado: o próprio torcedor ofendido passa, muitas vezes, a utilizar para si os termos empregados e a vangloriar-se pelo local de origem. É o caso dos próprios torcedores do Boca, que fazem provocações a torcidas rivais alegando serem menos viris por serem de setores mais abastados. O sociólogo Pablo Alabarces conta sobre os torcedores do Colegiales, time de Buenos Aires, que provocam as torcidas rivais alegando serem “*chetos*”, de setores mais abastados, e por isso menos valorosos:

Este cântico define al barrio adversario como económicamente pudiente en comparación con el territorio propio. Para los miembros de la hinchada, la distinción está relacionada con el aguante de los diferentes grupos; para los hinchas “los chetos no tienen aguante”. En el mismo movimiento, entonces, la hinchada habla de sí misma y del adversario.¹⁰⁰

99 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 170.

100 ALABARCES, Pablo. **Crónicas de aguante: Fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012. p. 82

2.3. FUTEBOL E POLÍTICA: GUERRAS E DITADURAS

Galeano conta história de ditaduras militares e os usos que estas fizeram do futebol ao longo de diversos textos de *El fútbol a sol y sombra*. Alguns destes tratam mais diretamente do tema, e por isso foram enquadrados em uma temática específica. Em muitos desses momentos que as ditaduras fazem uso do futebol, gerou-se conflitos e guerras, como é o caso da Guerra do Futebol (como é conhecida a guerra entre El Salvador e Honduras em 1969) tratada por Galeano em *Las lágrimas no vienen del pañuelo*. Também é tema de textos de Galeano os usos que o fascismo fez do futebol, em especial durante a Segunda Guerra Mundial, como vemos no “Jogo da Morte”, narrado em *La pelota como bandera*. Galeano trata das ditaduras no cone-sul, em especial da Argentina, em *Los generales y el fútbol* e em *La felicidad*.

La pelota como bandera

Nesta crônica Galeano vai citar alguns dos momentos nos quais o futebol apareceu como destaque nos meandros da política, com foco em algumas ditaduras e guerras. Começa com o caso de um capitão inglês que, durante a Primeira Guerra Mundial avançou sobre uma trincheira alemã chutando uma bola de futebol. Logo após, cita Silvio Berlusconi, que foi eleito primeiro ministro italiano em 1994 utilizando o futebol e seu clube, o AC Milan, como plataforma de campanha. Para Galeano, o futebol e a pátria estão sempre unidos, tendo havido uma grande gama de utilizações políticas do futebol, seja por políticos democráticos, seja por ditadores. Alguns exemplos são a Itália campeã do mundo de 1934 e 1938 enquanto era comandada pelo ditador fascista Benito Mussolini, e o jogo entre uma equipe de militares nazista e remanescentes do Dínamo Kiev na ocupação nazista da Ucrânia em 1942. Galeano conta de maneira dramática como os jogadores do Dínamo de Kiev ousaram vencer a “seleção de Hitler”, embora tivessem sido avisados que morreriam caso vencessem os nazistas: *Entraron resignados a perder, temblando de miedo y de hambre, pero no pudieron aguantarse las ganas de se dignos. Los once fueron fusilados, con las camisetas puestas, en lo alto de un barranco, cuando terminó el partido*. Outra história trazida por Galeano é a das equipes espanholas que lutaram contra Francisco Franco na Guerra Civil-Espanhola¹⁰¹, o Euskadi, a equipe Basca, e o Barcelona, uma equipe catalã. Estas, se opuseram à

101 A Guerra Civil Espanhola foi um confronto que se estendeu de 1936 a 1939 no qual um grupo ligado ao exército, ao General Francisco Franco e a Família Bourbon se sublevou contra a Segunda República Espanhola, liderado por Manuel Azaña. A Espanha, durante o período, ficou dividida em territórios que apoiavam a Republica e em territórios que apoiavam Franco e a monarquia.

equipe do Real Madrid durante todo o período de Franco¹⁰², com grandes nomes como o craque húngaro Ferenc Puskas. Galeano conta que este Real Madrid de futebol vistoso era uma das principais fontes de propaganda de Franco, já que ganhava praticamente tudo e era como se fosse uma representação do governo central: *El Real Madrid andaba por toda parte y dejaba a la gente con la boca abierta. La dictadura de Franco había encontrado una insuperable embajada ambulante*. Por fim, conta da seleção argelina, que foi criada em meio à Guerra de Independência com a França¹⁰³ e cujos jogadores que disputaram partidas pela seleção foram castigados sendo negados os direitos civis e, portanto, não podendo assinar contratos com clubes. Além disso, cita que a FIFA puniu a seleção do Marrocos por disputar um jogo com a seleção argelina, desfiliando o país por alguns anos. A FIFA também fechou as portas para a seleção da Argélia. Apesar de rejeitar os jogadores argelinos que jogavam pela França, Galeano afirma que os franceses não tiveram outra opção além de tornar a contratar argelinos, já que as arquibancadas os convocavam.¹⁰⁴

Talvez a história mais absurda do livro esteja neste texto. Galeano conta sobre o famoso “jogo da morte” entre o que ele chama de “seleção de Hitler” e dos ex-jogadores do Dínamo de Kiev, que teriam sido todos mortos após vencerem os nazistas. O próprio Galeano já havia contado esta história antes, no livro que escreve em seu exílio na Espanha - *Días e noches de amor y de guerra*. Essa história é uma lenda construída sobre um evento que realmente ocorreu, embora ainda seja terreno de muitas disputas, com diferentes escritos sobre, cada qual contando a história de uma maneira um pouco diferente¹⁰⁵¹⁰⁶¹⁰⁷¹⁰⁸. A versão mais aceita atualmente é a de que apenas quatro dos jogadores foram mortos, e não imediatamente após a partida. É o que defende Andy Dougan no livro *Futebol & Guerra*, onde conta que os jogadores mortos foram Korotkykh, Kuzmenko, Klimenko e Trusevich. A equipe nazista não era a “seleção de Hitler” como Galeano aponta,

102 O “Período de Franco” vai de 1939, quando vence a Guerra Civil Espanhola, até sua morte, em 1975. Governou a Espanha de maneira autoritária por trinta e seis anos.

103 A Guerra de Independência Argelina se deu entre os anos de 1954 e 1962, tendo como vitorioso o lado do movimento independentista da Argélia, liderados pelo FLN – Frente de Libertação Nacional. Os argelinos buscavam se livrar da exploração e violência dos colonizadores franceses, que já estavam ocupando o território de 1830.

104 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 42.

105 AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou Morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Editora Mauad. Rio de Janeiro. 2002.

106 POUATCH, Mark. *Remembering football's Death Match*. BBC. 2012.

Disponível em: <<https://www.bbc.com/sport/football/18609772>>

107 LEHREN, Andrew W., LONGMAN, Jeré. *World War II Soccer Match Echoes Through Time*. New York Times. 2012. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/06/24/sports/soccer/a-soccer-match-in-ukraine-during-world-war-ii-echoes-through-time.html?_r=0>

108 DOUGAN, Andy. *Futebol & Guerra. Resistência, triunfo e tragédia no Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2004.

tampouco era o “time da *Luftwaffe*¹⁰⁹” como consta em outros livros – era formada por militares do batalhão de infantaria anti-aérea da ocupação nazista na Ucrânia. Eles haviam desafiado o time do FC Start – formado por ex-jogadores não só do Dínamo mas também do Lokomotiv – em ordem de provar a superioridade alemã, já que o Start vinha derrotando (e de goleada) todos seus adversários, parecendo imbatível. O Start, embora tenha sofrido ameaças e apanhado muito durante o jogo com os nazistas, já que o árbitro era um oficial da SS¹¹⁰, venceu a primeira partida por cinco a um. Os derrotados alemães decretaram uma revanche em três dias e perderam novamente: cinco a três. Em ordem de sanar essa humilhação, os oficiais em cargo da ocupação de Kiev prenderam dez jogadores do time, que foram espancados, torturados e depois levados para o campo de extermínio de Siretz, onde permaneceram por meses. Korothkykh morreu antes de ser levado ao Siretz, após vinte dias de tortura – esse tratamento especial se deu porque ele exercia uma função de oficial da NKVD¹¹¹. Em realidade, todos jogadores do Dínamo tinha alguma ligação com a NKVD, já que os clubes dínamos era as equipes das forças policiais nas cidades soviéticas. A questão é que Korothkykh era realmente um oficial, enquanto seus colegas eram jogadores profissionais que, por motivos de necessidade, tinham que manter o vínculo trabalhista para poder jogar. Quanto aos nove jogadores levados ao Siretz, três foram assassinados, quando o responsável pelo campo determinou que um em cada três prisioneiros deveria morrer. Não a toa, foram escolhidos o jogador mais forte da equipe, Kuzmenko; o mais habilidoso, Klimenko, que chegara a humilhar os nazistas no fim do jogo quando, após uma sequência de dribles, desperdiçou propositalmente uma chance de gol; e Trusevich, o goleiro e líder da equipe.

A versão mais absurda de que todos jogadores teriam sido mortos logo após o jogo provavelmente se espalhou graças à propagando soviética, vangloriando a resistência contra os nazistas. Alguns outros pesquisadores trazem dados diferentes, como Gilberto Agostino que cita no livro *Vencer ou Morrer* que no total foram oito mortos. Galeano já havia contado essa história em seu texto “Verão de 42”, publicado no livro que escreve durante seu exílio na Espanha – *Días e noites de amor e de guerra*. Ali, conta a história de maneira semelhante, porém com ainda mais erros: conta, por exemplo, que os jogadores do Dínamo trabalhavam numa fábrica de tecidos, quando na verdade é consenso que trabalhavam em uma padaria. Sobre a questão argelina, é interessante

109 A *Luftwaffe* era a força aérea da Alemanha Nazista – e que chegou a lutar a serviço de Francisco Franco na Guerra Civil Espanhola, sendo a responsável pelo famoso bombardeio de Guernica, imortalizado no painel homônimo de Pablo Picasso.

110 A *Schutzstaffel* foi uma organização paramilitar vinculada ao Partido Nazista. Era um grupo de elite com funções específicas e soldados “racialmente selecionados”, liderados por Heinrich Himmler.

111 A *Narodniy Kkomissariat Vnutrennikh Del* – traduzida em português como Comissariado do povo para assuntos internos – pode ser descrita como uma espécie de ministério do interior da União Soviética. Tratava de diversos assuntos, como polícia, guarda florestal, corpo de bombeiros e serviço secreto.

notarmos que, quando Galeano afirma que os franceses tiveram de ir novamente atrás dos jogadores argelinos, ele se refere ao fato de muitos dos grandes jogadores franceses ou que fizeram sucesso na França tinham descendência argelina – como é o caso de Zinedine Yazid Zidane, considerado por muitos como o maior jogador da história da França, que era filho de pai e mãe argelinos. Podemos fazer outras observações com relações a jogadores franceses, se compararmos com o elenco convocado para a Copa do Mundo de 2018 – onde dezenove dos vinte e três jogadores poderiam atuar por outras seleções, seja por terem nascido em outros países, como Camarões e Congo, seja por terem pais que imigraram para a França. Isso se dá, em grande parte pela vasta extensão da colonização francesa, criando laços de exploração em muitos países do mundo que eventualmente podem resultar no processo de imigração para o território francês. Dois jogadores deste elenco, inclusive, são nascidos em localidades que ainda são domínios coloniais franceses: os territórios ultramarinos de Guadalupe e Martinica¹¹².

Las lágrimas no vienen del pañuelo

El fútbol, metáfora de la guerra, puede convertirse, a veces, en guerra de verdad. Y entonces la muerte súbita deja de ser solamente el nombre de una dramática manera de desempatar partidos. En nuestro tiempo, el fanatismo del fútbol ha invadido el lugar que antes estaba reservado solamente al fervor religioso, al ardor patriótico y a la pasión política. Como ocurre con la religión, con la patri y con la política, muchos horrores se cometen en nombre del fútbol y muchas tensiones estallan por su intermedio. Após esta breve reflexão, Galeano relata sobre a Guerra do Futebol, como ficou conhecido o conflito entre as forças armadas de El Salvador e de Honduras em 1969. Ele faz um pequeno parecer histórico, contando como os dois pequenos países acumularam rivalidades ao longo de muitos anos. Faz questão de deixar claro como essa rivalidade era estimulada pelas ditaduras militares de ambos países, já que o discurso era sempre de que a culpa para os problemas de um país era justamente a nação vizinha. A guerra, que estorou após os jogos entre ambas seleções disputando uma vaga para a Copa do Mundo do México, de 1970, durou pouco tempo, mas foi o suficiente para acarretar a morte de quatro mil pessoas. Galeano ressalta o “ridículo” do conflito já que ambos países sofriam das mesmas mazelas e não teriam porque confrontarem-se, se não pela ganância de alguns “senhores da guerra” que ocupavam

112 RIBEIRO, Diego, IANDOLI, Rafael. Os dois lados da migração: França tem 19 "gringos" na seleção e 29 nativos em outros países da Copa. Globo Esporte. 2018. Disponível em:

<<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/franca/noticia/os-dois-lados-da-migracao-franca-tem-19-gringos-na-selecao-e-29-nativos-em-outros-paises-da-copa.ghtml>>

os postos de poder nos países. Também lembra que estes “senhores da guerra” eram formados na Escola das Américas.¹¹³

No seu relato sobre o conflito, o jornalista polonês Ryszard Kapuściński – que esteve em solo hondurenho e acompanhou a guerra desde seu início – traz um elemento comum a fala de Galeano, que menciona a Escola das Américas¹¹⁴. Os militares que governavam ambos os países possuíam a formação estadunidense tão comum entre militares latino-americanos na segunda metade do século XX: muitos foram formados na Escola das Américas, instituto estadunidense para a instrução de profissionais capazes de combater o comunismo no continente – além de ensinar práticas de tortura e outras violações dos direitos humanos¹¹⁵. Kapuściński, por vir de um país socialista, era suspeito em ambos países já que os dois governos colocavam a culpa por tudo na ameaça comunista (além de um sobre o outro), o que era típico de militares com esta formação anti-comunista da Escola das Américas:

Uma furiosa campanha publicitária, deflagrada tanto em Honduras quanto em El Salvador, culpava os comunistas por todas as desgraças, e eu era o único correspondente de um país socialista na região. Eu queria ficar ali até o fim do conflito, mas temia ser expulso a qualquer momento.¹¹⁶

Além disso, Kapuściński também relata a semelhança entre conflituosos, deixando claro a ideia já apresentada por Galeano de que ambos países eram irmãos que sofriam das mesmas mazelas. Ao falar, por exemplo, do conflito armado nas fronteiras, traz que era quase impossível distinguir quem era quem, já que falavam exatamente o mesmo idioma, usavam os mesmo uniformes e também possuíam o mesmo armamento. Galeano deixa esta ideia expressa ao fim do texto: *Los señores de la tierra y de la guerra no derramaron un gota de sangre, mientras los dos pueblos descalzos, idénticos en su desdicha, se vengaban al revés matándose entre sí con patriótico entusiasmo*. Sobre os dados levantados por Galeano, existem outros registros que apontam números um pouco menores: cerca de dois mil mortos. Porém, o que Galeano não inclui – e que também tem um grande impacto – é que além das mortes houve muitas famílias expulsas e separadas entre os dois países, já

113 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 129.

114 A Escola das Américas (*School of Americas*) é um departamento de defesa dos Estados Unidos da América fundado em 1946. Durante a Guerra Fria, o objetivo primordial do departamento foi o de estreitar os laços entre o governo estadunidense e os militares latino-americanos, ensinando táticas de contra insurgência e de como enfrentar a “ameaça” comunista. Hoje o departamento possui outro nome - Western Hemisphere Institute for Security Cooperation.

115 School of Dictators. Opinion. The New York Times. 1996. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/1996/09/28/opinion/school-of-the-dictators.html>>

116 KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. A guerra do futebol: e outros relatos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

que era comum tanto muitos hondurenhos morarem em El Salvador como, principalmente, muitos salvadorenhos morarem em Honduras.

Los generales y el fútbol

Neste texto, Galeano começa contando sobre como a ditadura militar brasileira governada pelo general Médici utilizou a seleção brasileira, prestes a disputar a Copa do México de 1970, como forma de propagar o governo federal. No mesmo sentido, cita a ditadura argentina em 1978 se aproximando dos jogadores da seleção nacional. Também traz o que Pinochet e García Mesa fizeram no Chile e na Bolívia, tornando-se presidentes de times populares de seus respectivos países. Galeano sintetiza: *El fútbol es la patria, el poder es el fútbol: Yo soy la patria, decían esas dictaduras militares. [...] El fútbol es el pueblo, el poder es el fútbol: Yo soy el pueblo, decían esas dictaduras militares.*¹¹⁷

Galeano sintetiza, nesse breve texto, a relação feita entre algumas ditaduras e ditadores sul-americanos com a população governada. Na perspectiva do uruguaio, o futebol é uma ferramenta útil para manobras políticas, já que as populações dos países da América do Sul são tão apaixonadas pelo esporte. Galeano cita Médici que, em 1970, utilizou da vitória brasileira na Copa de 1970 para a promoção de seu governo e de um sentimento de união nacional. Não que o governo Médici tenha sido o único a utilizar o futebol como instrumento de unificação nacional – tampouco foram apenas os militares. Mas o governo Médici utilizou-se muito da imagem do próprio ditador enquanto torcedor e apaixonado por futebol. Assim, o general parecia ser apenas mais um “torcedor comum”, um homem do povo. Era necessário, para a manutenção daquela estrutura política, que a população se sentisse parte de um todo, de algo maior. De um país que estava em evidente crescimento e avançava cada vez mais rumo ao progresso. Considerando isso, fica óbvio o papel do futebol: não existe nada capaz de unir um brasileiro – ou qualquer nacional sul-americano – mais do que o futebol. E isso não passava despercebido pelos ditadores brasileiros. O próprio Médici, diga-se de passagem, era fanático por futebol e fazia questão de deixar isso bem claro: após a vitória da seleção no México, comemorou fazendo embaixadinhas após “roubar” a bola de seus netos. Na capa da Folha de S. Paulo do dia 22 de junho de 1970¹¹⁸, seguinte a conquista do tricampeonato, os destaques eram dados em conjunto, tanto ao time vitorioso quanto ao presidente ditador. Dos dezenove parágrafos de texto da capa da Folha de S. Paulo, dezessete são voltados para falar de

117 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 136.

118 Folha de S. Paulo, capa, São Paulo, nº 14.981, 22/06/1970, disponível em:

<<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3697&anchor=5937398&origem=busca>>

Médici e de suas ações a partir da vitória canarinho – apenas dois parágrafos falam exclusivamente do jogo. Dentro os vários destaques do jornal, consta uma conversa do ditador com o craque da equipe, Pelé, e um decreto de ponto facultativo nos dias seguintes à conquista nas repartições públicas – evidenciando a tentativa do governo militar de capitalizar em cima da vitória da seleção nacional.

La felicidad

Aqui, Galeano aborda o que ocorreu na Copa do Mundo de 1978, sediada na Argentina, em plena ditadura militar. Conta que, entre os milhares de jornalistas presentes, alguns dos mais veteranos contaram que aquele momento recordava as olimpíadas de 1936, na Berlim governada por Hitler. Enquanto a bela celebração ocorria, muitos eram exterminados pelo governo argentino: *La solución final, que así la llamaban, asesinó sin dejar rastros a muchos miles de argentinos, quién sabe cuántos, nunca se supo: a quien intentaba averiguarlo, se lo tragaba la tierra.* Para a ditadura argentina era fundamental que se passasse a melhor impressão da Argentina para o mundo – e para eles a melhor impressão era uma Argentina livre de dissidências políticas e demonstrando ser uma nação ordeira. Se pagaram milhares de dólares a uma empresa estadunidense, a Burson-Mastellar, para maquiagem o lado negativo do regime e para que a Argentina que desrespeitava os direitos humanos não fora percebida nos mercados europeus e estadunidense. Por fim, Galeano traz a crítica a Lacosta, o almirante que ficou em grande parte responsável pela execução do mundial – e que executou também, se maneira indireta, milhares de argentinos. Também lembra que Lacoste “desapareceu” com grande quantias de dinheiro e ainda cuidou para que Juan Alemann fosse assassinado, após este ter criticado o desperdício de verbas públicas. Ao fim, Galeano traz a ironia da situação: Lacoste obteve, como prêmio por seu “bom trabalho”, a vice-presidência da FIFA.¹¹⁹

Este texto é o que Galeano escreve mais decididamente dedicado à Ditadura Argentina: embora mencione muitas vezes as ditaduras do cone sul em muitos dos textos de *El fútbol a sol y sombra*, aqui ele se aprofunda mais, deixando o futebol apenas como pano de fundo já que, em 1978, a Copa estava sendo disputada no país. Galeano conta das disputas pelo poder dentro das instituições governamentais e acusa, de maneira subjetiva, o almirante Lacoste de ser responsável pela morte de Alemann, que era crítico dos gastos com a Copa¹²⁰. Há outros casos semelhantes ao de Alemann, como o do general Actis, que era encarregado de supervisionar os recursos financeiros

119 Idem, p. 151.

120 ROLDÁN, Diego. Argentina 1978: Gobernar la pasión, infraestructura, gubernamentalidades y festejo. In: TREJO, Fernando Segura Millán; MURZI, Diego. (coord.) Historias de los mundiales. Cidade do México: Istor Revista de História Internacional v.72, 2008.

em relação à competição e acabou sendo assassinado – segundo a versão oficial, por “terroristas de esquerda”.¹²¹ Com todos os seus crimes durante a Ditadura, Lacoste ainda foi premiado, após a Copa, com a vice-presidência da FIFA, já que era próximo do presidente da instituição, João Havelange – que havia garantido a realização da Copa na Argentina, mesmo com as denúncias internacionais de violações de direitos humanos.

2.4 FUTEBOL E POLÍTICA: INDÚSTRIA E DINHEIRO

Outro dos pontos que Galeano mais aborda é questão da influência do dinheiro no futebol, além dos desdobramentos políticos que isso gera. Uma das questões mais recorrentes ao longo de diversos textos do uruguaio é que a modernização trouxe o futebol para uma nova era, onde o mais valioso são as cifras e a imagem dos jogadores em detrimento das antigas paixões pelos clubes e da gana de jogar futebol, simplesmente por jogar. Aqui são selecionados nove (9) textos que tem como eixo central essa disputa financeira pelo controle das ações, dos mercados e da indústria da bola.

Em textos como *Los avisos ambulantes* e *Los dueños de la pelota* Galeano trata da necessidade de se lucrar com publicidades, seja nas camisas do futebol, como é o caso do primeiro, seja através da organização de grandes eventos e do controle de grandes equipes, como é o caso do segundo¹²². Sobre os anúncios e patrocínios, Galeano afirma: *Cuando una estrella se demora atándose los zapatos, no es por torpeza de los dedos sino por astúcia del bolsillo: esta exhibiendo la marca Adidas, Nike o Reebok en sus pies*¹²³. Galeano escreve também textos sobre a corrupção de dirigentes e a vontade de aumentar cada vez mais seu poder e fortuna, como vemos em *Jesus, Havelange* e *Un deporte de evasión*. Em *Jesus*, Galeano conta a história de Jesus Gil y Gil, empresário espanhol próximo ao ditador Francisco Franco que, após ficar dois anos presos por corrupção numa obra que acarretou a morte de cinquenta e duas (52) pessoas – acabou se tornando presidente do Atlético de Madri, ganhando prestígio e alavancando sua carreira política, posteriormente sendo eleito prefeito de Marbella, cidade no sul da Espanha.¹²⁴

Em *La telecracia* Galeano discute o poder e influência das emissoras de TV no futebol; em *Las farmácias que corren* Galeano traz questionamentos sobre o uso excessivo de medicamentos

121 AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 176-177.

122 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 144.

123 Idem, p. 99.

124 Idem, p. 148.

por atletas, visando desempenhos físicos cada vez mais extraordinários.¹²⁵ Para essa discussão, traz os relatos do antigo goleiro da seleção alemã, Harald Schumacher, que declarou em sua biografia sobre o abuso de medicamentos sob os quais a comissão médica da seleção alemã fazia os jogadores passar. Em *Ellos ni pinchan ni cortan*¹²⁶ e *Una industria de exportación*¹²⁷ Galeano trata da situação do jogador em meio à indústria do dinheiro que o futebol se tornou: no primeiro caso, tendo pouco ou nenhum acesso às tomadas de decisões do esporte, e no segundo caso, sendo sempre vendido para os grandes centros do futebol, já que os clubes sul-americanos, por exemplo, não têm condições financeiras de disputar com o salário oferecido pelos clubes europeus.

Havelange

Aqui, Galeano conta brevemente a história de Havelange, que fora eleito à presidência da FIFA em 1974 e ali permaneceu por vinte e quatro anos (e estava no poder quanto Galeano escreve, em 1995). A descrição de Havelange começa com uma frase do político descrevendo como iria tratar o futebol: como um produto a ser vendido. Para Galeano, Havelange detem um enorme poder, já que “*gobierna más países que las Naciones Unidas*”. Galeano frisa que Havelange nasceu no Brasil, embora tenha opiniões “poucos brasileiras”, como preferir à disciplina do que a “poesia” do futebol. Também é relatado que Havelange é um homem de negócios, já que no Brasil é dono da empresa de transporte Cometa “*y de outros negocios especializados en la especulación financiera y la venta de armas y seguros de vida*”, além de ter transformado o futebol em um grande negócio multinacional. Também lembra que Havelange dobrou a participação de equipes na Copa do Mundo assim como multiplicou os lucros da FIFA. Por fim, destaca que o poder de Havelange vem das parcerias que este fez com grandes empresas como Adidas e Coca-Cola, que financiam seus eventos assim como os de seu amigo Juan Antonio Samaranch, presidente do COI. Galeano ainda deixa implícito que ambos mexem com grandes quantias de dinheiro, não necessariamente da maneira mais transparente: “*Ambos manejan enormes sumas de dinero. Cuánto, no se sabe. Ellos son muy tímidos en eso*”.¹²⁸

Os pontos mais interessantes do texto de Galeano são as constatações de que Havelange estava muito mais interessado em aumentar os lucros da FIFA e em tornar o futebol um grande negócio mundial, com muita circulação de dinheiro, do que propriamente com a prática do esporte. Galeano também frisa o poder do cargo de Havelange e o modo como este o ocupou, já que

125 Idem, p. 169

126 Idem, p. 199.

127 Idem, p. 201.

128 Idem, p. 142.

menciona algumas vezes ao longo do texto o verbo “reinar” e “governar”, além de chamá-lo de “monarca”. Tudo isso Galeano escreve à luz dos acontecimento, já que Havelange não só estava no poder como havia acabado de realizar o mundial de 1994 nos Estados Unidos, muito criticado por ter sido um mundial meramente voltado para os negócios, já que os Estados Unidos tem pouca significância no mundo do futebol, mas muita no mundo dos negócios. Além de, nesta mesma copa, terem ocorrido jogos em horários considerados absurdos, como ao meio-dia (debaixo de forte sol), apenas para que os jogos fossem veiculados em horários mais lucrativos em outras partes do mundo. Sobre a busca por negócios nos Estados Unidos, Andrew Jennings escreve, descrevendo o modo com o futebol foi vendido no país:

Os dirigentes estavam reunidos em Las Vegas, em dezembro de 1993, para o sorteio dos grupos da Cop do ano seguinte; a Coca-Cola produziu uma garrafa especial como souvenir, Daryl Hall cantou o hino do torneio, e o cassino e hotel Caesars Palace tinha anunciado que Pelé, o único jogador de futebol que os norte-americanos tinham ouvido falar, seria a estrela do sorteio das chaves de grupos da primeira fase. Finalmente a Fifa estava lançando o futebol em grande estilo no maior mercado do mundo [...] ¹²⁹

Tudo isso certamente estava na cabeça de Galeano ao criticar o modo como Havelange conduzia as políticas da FIFA. Além de citar Samaranch, outro amplamente criticado no mundo dos esportes por motivos semelhantes, porém mais relacionado aos jogos olímpicos num geral e menos com o futebol em si ¹³⁰. Além do modo de Havelange “governar”, Galeano lembra que Havelange é dono de negócios pouco confiáveis no Brasil e que mexe com volumosas quantias de dinheiro de maneira suspeitosa. Ao falar de Havelange, Andrew Jennings cita como um dos objetivos do político a retirada de mais dinheiro do futebol:

No início da década de 1990, Havelange completou trinta anos de COI e já era presidente da Fifa havia quase duas décadas. Se ganhou pouco ou muito dinheiro, ainda não era o bastante. De que maneira o esporte poderia fazer dele o homem rico de verdade que ele queria ser? ¹³¹

129 JENNINGS, Andrew. Jogo sujo: o mundo secreto da Fifa: compra de votos e escândalo de ingressos. 1ª edição. Panda Books, São Paulo, 2011.

130 Não entraremos aqui na discussão sobre Samaranch em si, por ter sido pouco tratado pelo próprio Galeano, mas é digno de lembrança que o político, que ficou mais de duas décadas na presidência do Comitê Olímpico Internacional, foi muitas vezes acusado de enriquecimento ilícito, de fazer uso de seu poder de maneira pouco ética e, como Galeano acusou, de ter sido falangista – membro do partido fascista *Falange Española* – na época de Francisco Franco.

131 Este trecho diz respeito à busca cada vez maior de Havelange por dinheiro, neste caso citado por Jennings, Havelange buscava, através de uma rede de apostas, lucrar bilhões com grandes eventos esportivos.

La telecracia

Neste texto, Galeano relata a forte influência que a televisão – os canais esportivos – detem sobre o futebol e os grandes eventos do esporte. Diz que, no tempos recentes, o futebol é desenvolvido para a televisão e, por consequência, “*el estadio es un gigantesco estudio de televisión*”. Relata as reclamações de muitos jogadores, no Mundial do México, em 1986, que reclamavam das partidas disputadas ao sol do meio-dia, simplesmente para que se transmitissem os jogos ao melhor horário para os canais europeus. Ainda traz a fala de João Havelange, presidente da FIFA, respondendo aos jogadores “*Que jueguen e se callen la boca*”. Sobre o mundial do México, Galeano afirma ter sido o mundial da Televisa, já que a empresa mexicana comandou os negócios que ali ocorreram. Sobre a Televisa, Galeano faz duras críticas, dizendo ser a empresa dona do tempo livre dos mexicanos, além de transmitir todas as partidas de futebol e ainda ser dona do time mais poderoso do México, além de outros da primeira divisão. Ainda descreve a empresa como tendo métodos mafiosos contra aqueles que tentam derrubar seu monopólio ou desembolsar mais dinheiro com as transmissões do que a empresa se propõe a pagar. Em outras partes do mundo, ocorre situações semelhantes: Galeano cita a influência da televisão na França e na Itália – onde Silvio Berlusconi, dono do canal mais influente da televisão italiana, ainda era dono da principal equipe, o Milan.¹³²

Un deporte de evasión

Aqui Galeano trata das problemáticas do futebol empresa: dirigentes e donos de clubes realizando artimanhas fiscais e se valendo de “truques” para se beneficiar. Para Galeano, os dirigentes de clubes roubam, sonegam e desviam sem que nada lhes aconteça – e uma das explicações que ele dá pra isso é o torcedor, que acreditam que o dirigente esta roubando para o benefício do seu clube, o que é visto como algo positivo. Fala do presidente do Perugia que, quando acusado de comprar árbitros teria dito que oitenta por cento do futebol estava corrompido. Galeano diz que, na Itália, todos clubes estariam metidos, de um ou outro jeito, nessa fraude. Também fala de subornos feitos para adversários perdem, como foi o caso do Olympique de Marselha, da França. Também fala do futebol brasileiro, citando escândalos de apostas e o caso de Ricardo Teixeira, então presidente da CBF que, além de enriquecer ilicitamente com a venda de direitos de transmissão dos jogos, ainda foi “promovido” a fazer parte da cúpula da FIFA, comandada então por seu sogro Havelange. Por fim, Galeano fala sobre as punições que Deus realizou, segundo o

132 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 165.

Antigo Testamento, e faz a reflexão: *¿Si Dios tuviera tiempo para ocuparse del fútbol, cuántos dirigentes quedarían vivos?*.¹³³

Neste texto Galeano traz uma série de questões que estavam em voga no início da década de 1990, como os escândalos envolvendo apostas, árbitros e resultados no campeonato italiano, algo frequente desde os *Totoneros* de 1980 e 1986 – grande fraudes conjuntas de técnicos, dirigentes e jogadores de diversos clubes para alterar resultados. Sobre o campeonato francês, o escândalo foi em 1993 entre o Olympique de Marselha e o Valenciennes, quando o Olympique, visando o título francês e uma partida tranquila contra o Valenciennes, para poupar os jogadores para a final da Champions League que se aproximava, ofereceu dinheiro aos jogadores do Valenciennes em troca de deliberadamente perderem a partida, o que de fato aconteceu, por um a zero. Quanto ao caso brasileiro: o problema de corrupção na CBF, diagnosticado por Galeano em 1995, permanece. Além de Ricardo Teixeira, acusado muitas vezes em inúmeros escândalos de corrupção, seus sucessores também possuem problemas na justiça, como José María Marin, que chegou a ser preso em 2015 e Marco Polo del Nero, que também foi condenado em 2015 e atualmente tem receio de deixar o Brasil para não ser preso em jurisdições internacionais.

2.5. AMÉRICA LATINA E EUROPA

Um ponto marcante em todas obras de Eduardo Galeano sempre foi a valorização que o escritor deu ao subcontinente onde nasceu, sempre exaltando as qualidades dos povos e países da América Latina, lembrando com frequência que os percalços vividos por estes vinham da exploração que os países sofreram das nações centrais: Europa Ocidental e Estados Unidos. Isso se evidencia em muitas de suas obras, como na trilogia *Memoria del fuego* e na sua obra mais conhecida *Las venas abiertas de América Latina*, e também está presente em muitos dos textos e crônicas de *El fútbol a sol y sombra*. A própria seleção de jogadores e gols que Galeano decide retratar já evidencia isso: dos sessenta e três (63) jogadores e gols citados, quarenta e um (41) são de jogadores latino-americanos. Claro que isso se dá, em boa parte, por que Galeano conta a história de jogadores mais próximos a ele, no caso os jogadores que ele viu jogar ou ouviu falar, e aí podemos considerar boa parte dos uruguaios, argentinos e brasileiros citados – de todo modo, não pode-se excluir o fator latino-americanista que pauta a escrita de Galeano a todo momento. Outros textos onde podemos analisar com clareza essa questão é naqueles que tratam de copas do mundo: Galeano sempre faz questão de lembrar que os juízes de muitos jogos eram europeus e que as

133 Idem, p. 183.

seleções europeias tinham muitos favorecimentos por parte da arbitragem. Galeano também exalta que, apesar disso, as seleções sul-americanas sempre foram superiores – apesar de o futebol moderno ter surgido na Europa.

Como questão periférica, as relações entre América Latina e Europa aparecem em quase todos os textos de Eduardo Galeano. Como eixo central da discussão, todavia, temos três textos: *Las invasiones inglesas; El fútbol criollo e Numeritos*.

Las invasiones inglesas

Galeano trata da chegada do futebol na América Latina, que ele afirma ser fruto da expansão britânica, assim como os tecidos e as ferrovias. Conta como o esporte chegou no continente, através dos ingleses: *Había llegado en los pies de los marineros, que lo jugaban en los alrededores de los diques de Buenos Aires y Montevideo, mientras los navios de Su Majestad descargaban ponchos, botas y harina y embarcaban lana, cuero y trigo para fabricar; allá lejos, más ponchos, botas y harina. Fueron ciudadanos ingleses, diplomáticos y funcionarios del ferrocarril y del gas, quienes formaron los primeros equipos locales*. Conta que havia um retrato da Rainha Vitória no primeiro jogo internacional disputado no Uruguai – entre Uruguai e Argentina – e também no primeiro jogo brasileiro, entre as equipes de funcionários ingleses da Gás Company e da São Paulo Railway. Conta que logo o futebol “contagiou” a elite local que, prontamente, começou a importar bolas e materiais esportivos da Inglaterra para poder disputar as partidas aqui. Os termos utilizados para tratar do jogo e de suas regras eram todos em inglês – e muitos perduram até os dias de hoje. Galeano também aproveita para tratar, no trecho final do texto, sobre os avanços do beisebol nas ilhas caribenhas, levados pelos soldados estadunidenses junto com seus fuzis.¹³⁴

Nesse texto Galeano traz a interessante forma como se deu o primeiro contato do futebol com a maior parte dos países do mundo: através de marinheiros e outros funcionários ingleses. Isso se dá, em grande parte, porque a Inglaterra tinha, no final do século XIX, o maior império da história. Expressões como “o sol nunca se põe no Império Britânico” surgem nesse período, pois a Rainha Vitória tinha, sob seu domínio, um quarto do mundo. Isso tratando de colônias oficiais e descontando, por exemplo, a América Latina, que era nesse momento intesamente explorada comercialmente pelos britânicos. Galeano deixa essa dependência latino-americana clara ao tratar das importações: vendíamos a matéria-prima para os ingleses, que a transformavam em objetos com valor agregado em suas indústrias para revender nos próprios mercados latino-americanos – gerando lucro para os capitalistas ingleses e um déficit comercial para os países do Sul. Sobre os

134 Idem, p. 35.

jogos citados, o registro não é muito acurado: o primeiro jogo internacional a se disputar no Uruguai foi realmente a partida entre Uruguai e Argentina, mas ocorreu no ano de 1902. O jogo inclusive não é só a primeira partida do Uruguai, mas também a primeira partida internacional oficial disputada entre países fora das Ilhas Britânicas. O placar final – que curiosamente Galeano omite – foi vitória dos Argentinos por seis a zero e é até hoje a maior goleada sofrida pela seleção uruguaia. No caso brasileiro, a primeira partida realmente se deu entre as equipes de funcionários ingleses da Gás Company e da São Paulo Railway em 1895, com vitória do São Paulo Railway por quatro a dois. Na equipe vitoriosa jogava um dos pioneiros do futebol no Brasil, o paulistano Charles Miller, filho de escoseses, que estudou na Inglaterra e jogou em clubes estudantis em terras britânicas.

El fútbol criollo

Este texto Galeano dedica a tratar especificamente da popularização do futebol na América do Sul, focalizando na Argentina, no Uruguai e no Brasil. Começa contando que nas associações argentina e uruguai não era permitido que se falasse espanhol nas reuniões: o futebol era restrito à elite e deveria ser utilizado a língua inglesa para tratar sobre o esporte. Porém, isso não impediu a popularização do futebol: Galeano compara com o tango argentino, pois ambos cresceram verdadeiramente a partir dos subúrbios. O futebol era um esporte barato, pois podia ser jogado sem investimentos financeiros, bastando a criatividade e a vontade. A partir daí, Galeano trata do estilo sul-americano de se jogar, conectando-o com os ritmos musicais que surgiam: *En las canchas efe Buenos Aires y de Montevideo, nació un estilo. Una manera propia de jugar al fútbol iba abriéndose paso, mientras una manera propia de bailar se afirmaba en los patios milongueros. Los bailarines dibujaban filigranas, floreándose en una sola baldosa, y los futbolistas inventaban su lenguaje en el minúsculo espacio donde la pelota no era pateada sino retenida y poseída, como si los pies fueran manos trenzando el cuero. Y en los pies de los primeros virtuosos criollos, nació el toque, la pelota tocada como si fuera guitarra, fuente de música.* Galeano passa, a seguir, a tratar da popularização do esporte em São Paulo e no Rio de Janeiro. O esporte era transformado em brasileiro a medida que a energia criadora do povo o fecundava. E assim, segundo Galeano, surgiu o futebol mais bonito do mundo, com o jogo de cintura da capoeira.¹³⁵

Um dos pontos mais interessantes que se pode retirar deste texto é a paixão que Galeano demonstra ter pelo futebol sul-americano. Encontramos essa paixão permeando boa parte dos textos, muitas vezes se contraponto ao futebol europeu: mais duro, mais objetivo e mais mecânico.

135 Idem, p. 37.

Para Galeano, o futebol de verdade era o jogado nos países do Sul da América, que é o futebol jogado com paixão, com beleza. E neste texto ele ainda se declara para o futebol brasileiro, afirmando ser o futebol mais bonito do mundo, o que também é perceptível no modo como Galeano trata, muitas vezes, os jogadores e as esquadras brasileiras que ele viu jogar.

Numeritos

Neste texto Galeano irá apresentar alguns dados sobre as copas do mundo disputadas até a publicação do livro: a América venceu oito campeonatos, contra sete europeus – lembrando que a Inglaterra só ganhou a copa na qual foi sede. Destaca que, no entanto, 159 vezes seleções europeias participaram do torneio, contra apenas 77 americanas – além da grande maioria dos árbitros ser da Europa. Lembra também do Mundial de Clubes – as Copas Intercontinentais – onde há o mesmo número de oportunidades para equipes da Europa e da América e a vitória de clubes americanos se deu vinte vezes, contra apenas treze europeus.¹³⁶

Nessa comparação entre os desempenhos europeus e americanos fica evidente o ponto que Galeano quer provar, embora não chegue a dizê-lo de maneira objetiva: o futebol americano é o melhor do mundo, superior ao dos europeus. Mesmo participando muito menos equipes da América do que da Europa, a América ainda assim obteve mais títulos. E não só a Europa teve mais oportunidades em copas como também teve mais árbitros: Galeano chama a atenção recorrentemente para os “erros” de arbitragem favorecendo seleções europeias nas copas do mundo – curiosamente esses erros sempre vindo de árbitros europeus.

136 Idem, p. 190.

3. COPAS DO MUNDO

Alguns dos textos de maior destaque em *El fútbol a sol y sombra* se encontram nesta temática: Galeano conta a história de cada uma das quinze copas do mundo que ocorreram desde 1930 até a publicação do livro, em 1995. Passa por detalhes importantes de grandes jogos, conta sobre gols, lances polêmicos, mas também fala sobre a realização dos eventos e de como cada país se prontificou a disputar ou sediar o mundial. Nos primeiros parágrafos de cada texto Galeano faz uma pequena “retrospectiva” das principais ocorrências no mundo naquele período, e por estes breves escritos, trazendo importantes fatos que aconteciam a cada quatro anos, é possível termos uma boa compreensão da história global no século XX. Além dos eventos políticos, das guerras e dos golpes militares, Galeano trata sempre também do panorama cultural de cada ano: trazendo músicas e filmes que faziam sucesso, além de eventuais falecimentos de personalidades do mundo artístico. Também, através das escolhas de Galeano, é possível perceber parte de seu posicionamento político e de sua avaliação das ações de cada país nos períodos: Galeano costuma trazer eventos que mostram os Estados Unidos, por exemplo, como “vilão”, enquanto os países asiáticos, latino-americanos e africanos são geralmente postos como vítimas. Essa forma de enxergar o mundo sempre foi muito marcante nos trabalhos de Eduardo Galeano, e podem ser vistas em algumas de suas obras principais, como nos três livros da *Trilogia del fuego* e em *Las venas abiertas de América Latina*. Outros pontos que chamam a atenção são as valorizações dadas por Galeano ao futebol da América Latina, que ele julgava ser um futebol bonito, bem jogado, em detrimento à Europa de um futebol duro, mecânico e quase sempre, na ótica de Galeano favorecida pelos árbitros das partidas.

Como base bibliográfica e filmográfica para a compreensão das copas do mundo foram utilizados dois recursos básicos: a coleção de documentários oficiais da FIFA, um sobre cada copa desde 1954 até 2006 (as copas de 1930, 1934, 1938 e 1950 também são contempladas, porém têm suas histórias contadas no mesmo documentário), lançados no Brasil no formato DVD pela Editora Abril em uma coleção intitulada “Coleção Copa do Mundo FIFA 1930-2006”; e a enciclopédia O Mundo das Copas, de Lycio Vellozo Ribas, lançado em 2014 pela editora Academia do Livro. A partir desse referencial, foi possível analisar com maior precisão os textos de Eduardo Galeano.

La Copa de 30

Galeano conta aqui a história da primeira Copa do Mundo de Futebol, a Copa de 1930 no Uruguai. Primeiramente, ele nos traz notícias e acontecimentos no mundo que antecederam a Copa, alguns a respeito do mundo da arte, outros mais voltados para a geopolítica. Entre estes, fala da usurpação de Stálin, tomando o poder na União Soviética; da prisão de Mahatma Gandhi pelos ingleses; Sandino lutava na Nicarágua, enquanto os soldados estadunidenses tentavam vencê-lo pela fome, incendiando as colheitas; nos Estados Unidos estourava a crise de 1929 e arrastava junto inúmeros governos latino-americanos. Sobre a Copa em si, Galeano começa contando da escolha do Uruguai como país sede: para ele, era inevitável, considerando que o país ganhara as últimas duas olimpíadas. Apenas quatro seleções europeias vieram para a disputa, já que a passagem era cara e a distância entre os continentes, neste período, era um grande complicador. O Uruguai, em ritmo de festa, estreou no Estádio Centenário, nomeado em homenagem a constituição de 1830. A final foi realizada entre Argentina e Uruguai, repetindo a final olímpica de dois anos antes e reafirmando que o melhor futebol do mundo era o sul-americano. Repetiu-se o resultado olímpico e o Uruguai sagrou-se campeão, vencendo a Argentina por 4 a 2.¹³⁷

Nos eventos políticos anteriores à Copa, Galeano faz questão de expor traços negativos da expansão da influência estadunidense na América Latina: se por um lado Sandino tenta mudar a vida dos camponeses, que passam fome, os estadunidenses, buscando a defesa de suas empresas na Nicarágua, queimam colheitas e geram fome. A economia latino-americana atrelada à economia estadunidense ainda traz prejuízos para os países do sub-continente em momentos de crises do sistema capitalista, como a que ocorre em 1929. Ainda traz a prisão de Gandhi, mostrando a violenta repressão inglesa a um líder pacifista. Galeano ainda traz a crítica a Stálin, não por ser contrário ao socialismo, mas sim por creer que Stálin “trai” o socialismo, já que cita que ele usurpou a Revolução Russa. Galeano sempre fora favorável a governos de esquerda na América Latina, defendendo geralmente a não dependência da União Soviética, e sim que o socialismo fosse construído à moda latino-americana. Sobre o torneio de futebol em si: a ideia de se unir as principais nações do mundo competindo era antiga (desde pelo menos a fundação da FIFA, em 1904), mas até então os jogos olímpicos haviam contemplado essa necessidade – embora em muitos dos anos que passaram sequer havia “clima” para tal competição, considerando os traumas que a Europa viveu no início do século. O problema nos jogos olímpicos era que, a medida que estes exigiam o amadorismo dos jogadores, excluía-se grandes selecionados, como o da Inglaterra, cujo

137 Idem, p. 61.

principais jogadores eram já profissionais. O campeonato mundial de futebol surge então como um torneio aberto, englobando tanto atletas profissionais quanto amadores, possibilitando a participação de todos países interessados. Decidiu-se pelo Uruguai como anfitrião principalmente pelo prestígio que a seleção uruguaia havia obtido com a conquista dos últimos dois ouros olímpicos na modalidade. Muitos países europeus boicotaram o campeonato em favor da Itália, que se sentiu prejudicada pela FIFA por não ter sido a escolhida como sede. Segundo Lycio Vellozo Ribas, no livro *A História das Copas*¹³⁸, a França e a Bélgica haviam sido convencidas pelo prestígio de Jules Rimet em diálogo com os presidentes das associações de futebol. A Romênia foi com o aval do monarca Carol II, amigo de Jules Rimet – e a Iugoslávia teria ido no intuito de rivalizar com a nação vizinha, com a qual tinha muitas rixas. Na versão de Galeano, o motivo da ausência de tantas seleções europeias teria sido a distância e o custo da longa viagem de navio. Isso torna-se menos provável considerando que, além das já citadas disputas políticas dentro da FIFA, o Uruguai havia se oferecido para pagar os custos de alimentação, estadia e viagem das seleções convidadas. Galeano também conta sobre o estádio construído para a Copa, o Centenário. Apesar de ser um estádio gigantesco, Galeano conta que ficou completamente lotado na final entre Uruguai e Argentina, “não cabendo sequer um alfinete”. A FIFA traz o número de 68346 torcedores para assistir à final, porém Lycio confirma a versão de Galeano, afirmando que é provável que mais de 90 mil pessoas tenham conseguido entrar no estádio com capacidade para 70 mil.

La Copa de 34

Como em todas as suas crônicas sobre as copas do mundo, Galeano começa esta narrando alguns dos acontecimentos do mundo nos meses anteriores à copa. Menciona a aclamação de Hitler como *führer* na Alemanha, o desencadeamento da Longa Marcha de Mao na China além de alguns acontecimentos icônicos da cultura pop, como a morte do casal de assaltantes Bonny e Clyde nos Estados Unidos. Chama atenção aqui a referência à Guerra do Chaco, entre Bolívia e Paraguai. Galeano critica o conflito entre os dois dos países mais pobres da América Latina em prol de duas companhias petrolíferas que poucos têm a contribuir para a vida das populações que morreriam no conflito. Como a Copa do Mundo ocorria na Itália, Galeano descreve os preparativos para a mesma, além das utilizações do evento como propaganda política por Benito Mussolini, líder fascista da Itália naquele ano. Ele cita os cartazes de divulgação da Copa, onde havia um homem fazendo a

138 RIBAS, Lycio Vellozo. **O mundo das copas**. São Paulo: Academia do Livro, 2014.

saudação fascista com a bola a seus pés. Ao retratar os acontecimentos futebolísticos da Copa, Galeano relata o jogo de Itália e Espanha nas quartas de final, no dia 31 de maio, que teria sido algo próximo de uma “batalha”, devido ao extenso número de jogadores contundidos e à “longa duração da partida” – na realidade ela terminou em empate e, como não havia a disputa por pênaltis, houve um novo jogo no dia seguinte. Conta que foram levantadas muitas dúvidas à época sobre a possibilidade dos árbitros terem influenciado em favor da Itália. Acusa-se o primeiro de ter perdido um gol italiano onde houve uma cotovelada de um jogador da Itália sobre um da Espanha e o segundo árbitro de ter invalidado dois gols legítimos dos espanhóis. Além destes lances, houve excessiva violência por parte dos italianos. Isso teria ocorrido para satisfazer *il duce* Mussolini, que assistia à partida e pressionava árbitros e jogadores direta e indiretamente. Por fim, Galeano conta sobre a final da Copa, entre Itália e Tchecoslováquia. Mais uma vez, ele valoriza o “ser latino-americano” no que nos conta sobre a final, já que faz questão de salientar que os dois gols italianos tiveram a participação dos dois argentinos da equipe, naturalizados italianos. Raimundo Orsi fez o primeiro gol e Enrique Guaita fez a jogada e deu o passe para o segundo gol.¹³⁹

Neste jogo, também há muitos registros e reclamações sobre a arbitragem (o belga Louis Baert na primeira partida e o suíço Rene Mercet no jogo de desempate), inclusive, segundo o relato do goleiro tcheco, o árbitro teria ficado um bom tempo no camarote de Mussolini antes do início da partida, o que poderia corroborar a hipótese de que havia uma grande influência sobre a arbitragem para que estes favorecessem a equipe da casa. É muito mais recorrente em competições internacionais que a “seleção da casa” obtenha mais vitórias a partir de “erros” da arbitragem – no caso de uma competição realizada na Itália fascista, onde havia uma grande pressão do estado italiano para que se conquistasse o título, é bastante provável a hipótese que o time italiano possa ter sido beneficiado de alguma maneira. De qualquer forma, a Itália tinha um bom time, composto inclusive de jogadores *oriundi*, nascidos na América do Sul mas que, pela descendência italiana, foram jogar na Itália e defender a seleção nacional. É o caso dos dois argentinos citados por Galeano – Guaita e Orsi, mas também de Filó, brasileiro que defendeu a Itália naquela copa.

139 Idem, p. 67.

El Mundial de 38

Ao fazer sua retrospectiva dos últimos acontecimentos à Copa do Mundo de 1938, Galeano conta sobre a descoberta da vacina para a febre amarela, do lançamento da Branca de Neve de Walt Disney e lembra Sergei Einseinstein, que filmava Alexander Nevsky. Mais uma vez lembra dos conflitos travados entre latino-americanos e grandes empresas petrolíferas, no caso aqui é citado Cárdenas, que nacionaliza postos de extração no México enquanto a Standard Oil pressionava o governo estadunidense a declarar guerra à nação vizinha: *para castigar el sacrilegio de Cárdenas y prevenir el mal ejemplo*. Na Europa, onde iria ocorrer a Copa, Galeano conta: na Itália de Mussolini, redigia-se o *Manifesto sobre a Raça*; na Alemanha nazista, Hitler perseguia judeus e buscava anexar mais territórios; na Espanha Franco ia derrotando a resistência republicana na Guerra Civil Espanhola enquanto que um dos poetas da resistência republicana, o peruano César Vallejo, falecia em Paris; também em Paris, Picasso denunciava os horrores franquistas em sua *Guernica*. Sobre a Copa, Galeano retoma alguns dos problemas da Copa anterior: a falta de equipes de fora da Europa, sendo apenas Brasil, Cuba e Indonésia (então Índias Holandesas) os representantes do resto do globo; a totalidade de árbitros europeus, o que gerava prováveis favorecimentos contra equipes de fora, como Galeano alega ter ocorrido na disputa semifinal entre Itália e Brasil, onde a equipe europeia venceu por 2 a 1. O facismo italiano ainda se utilizaria do jogo como propaganda de sua superioridade racial: “saudamos o triunfo da inteligência itálica contra a força bruta dos negros”. O selecionado alemão não tivera tanta sorte em propagandear sua superioridade ariana: havia sido eliminado pela modesta seleção suíça, mesmo contando com alguns dos bons jogadores da recém anexada Áustria no elenco. No jogo final, entre Itália e Hungria, Galeano conta a história do telegrama enviado por Mussolini para o selecionado italiano, que dizia: “Vencer ou Morrer”. Sob aparente risco de vida, os italianos preferiram não tirar a prova real: venceram com o placar de quatro a dois a seleção húngara.¹⁴⁰

Nos acontecimentos culturais Galeano traz o cinema estadunidense, com o surgimento de um dos filmes clássicos da Disney e o cinema soviético, com um dos filmes mais conhecidos de Sergei Eisenstein e que foi utilizado como propaganda soviética, *Alexander Nevsky*. São marcas da Guerra Fria que ainda não havia começado, embora os dois países já despontassem, mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, como as duas próximas superpotências – com modelos ideológicos antagônicos. A Guerra Fria marcou boa parte dessa obra de Galeano, por ter vivido toda sua vida praticamente neste período (1945-1991). Na Europa Ocidental, no entanto, alguns países cresciam

140 Idem, p. 74.

economicamente e desenvolviam ambições imperialistas, como a Alemanha e a Itália. Ambos países tem um componente racista importante no discurso ideológico: a crença de que a sua “raça” seria superior às demais, seria o modelo ideal. E é isso que Galeano traz quando menciona o Manifesto Sobre a Raça (*Manifiesto Della Raza*), um manifesto do governo fascista de 1938 que elencava “raças” por níveis de superioridade em relação umas às outras, alegando que os judeus estariam abaixo dos descendentes de arianos – como foi declarado ser o caso dos italianos. Essa questão racista também vai repercutir ao fim do texto, quando Galeano menciona o uso da vitória italiana na Copa como “comprovação” da superioridade frente aos negros, que eram boa parte dos jogadores brasileiros – incluindo os dois principais jogadores: Domingos da Guia e Leônidas da Silva. Estes dois eram, inclusive, vistos pela imprensa francesa como “o futuro do futebol”, e foram extremamente exaltados na França, embora os franceses também tenham considerado a imensa qualidade da equipe italiana, com Piola e Meazza.¹⁴¹

Copa de 50

Como nos outros textos sobre as Copas, Galeano começa este texto falando sobre as últimas notícias do globo. Começa pelas tecnológicas, como a chegada da televisão em cores e computadores que faziam “mil somas por segundo”. Além disso, há grandes marcos culturais, como o filme *Los Olvidados*, de Luis Buñuel, que “arrasava” em Cannes, assim como Marilyn Monroe estava começando a fazer em Hollywood. Galeano não se esquece dos marcos culturais latino-americanos, como as novas publicações de Pablo Neruda, Octavio Paz e Onetti. Além disso, traz as últimas dos conflitos políticos pelo mundo, como a condenação de Pedro Albizu Campos, líder do movimento pela independência de Porto Rico; os primeiros passos de Mao Tsé-Tung na China, como a proibição da venda de crianças; e o agressivo avanço estadunidense na Península da Coreia. A primeira informação trazida por Galeano sobre a Copa é a inédita participação dos inventores do esporte, a seleção inglesa. E, por mais difícil que seja de se crer, os ingleses saem derrotados de cara pelos Estados Unidos: *no fue obra del general George Washington, sino de un centrodelantero haitiano y negro llamado Larry Gaetjens*. Fora essa partida, Galeano não conta mais sobre as outras da Copa, se encaminhando logo para a final, na qual se encontrava sua seleção, o Uruguai. Nessa última partida, conta que havia uma certa prepotência brasileira, considerando óbvia a vitória, já

141DIETSCHY, Paul. **La Copa Mundial de 1938 ¿Geopolítica deportiva o fascismo conquistador?** In: TREJO, Fernando Segura Millán; MURZI, Diego. (coord.) *Historias de los mundiales*. Cidade do México: Istor Revista de História Internacional v.72, 2008

que a seleção brasileira jogava em casa e vinha goleando todos os adversários. Segundo Galeano, os jogadores já haviam recebido premiações, como relógios de ouro onde havia escrito “para os campeões do mundo”. Galeano narra brevemente os gols do jogo, uma virada uruguaia por 2 a 1 sobre os anfitriões. Foi uma grande e inesperada tragédia: o silêncio no Maracanã após o segundo gol uruguaio, marcado por Ghiggia, foi “o mais estrepitoso silêncio da história do futebol”. Por fim, Galeano ainda comenta sobre Jules Rimet, presidente da FIFA que estaria carregando no bolso um discurso em homenagem ao campeão Brasil e que, após a vitória uruguaia, ficou perdido em campo, sem saber o que fazer com a taça.¹⁴²

Antes de adentrar na discussão sobre a Copa em si, Galeano trata dos últimos acontecimentos do mundo, tanto na cultura quanto na política. Como de costume, lembra as obras de grandes artistas, geralmente de esquerda: aqui ele faz menção ao espanhol Buñuel, crítico do fascismo de Franco da Espanha. Ao tratar dos eventos políticos em si, Galeano lembra Albizu Campos, considerado um dos grandes radicalizadores do movimento independentista em Porto Rico, que se opunha a dominação estadunidense sobre a ilha. Traz elementos positivos sobre Mao Tsé-Tung, como proibir a venda de crianças na China e traz elementos negativos sobre as invasões estadunidenses na Península da Coreia, já que entravam “*a sangre y fuego*”. Sobre o evento esportivo, cabe lembrar: essa é a primeira Copa do Mundo que Galeano vivencia, com seus nove anos de idade. Embora seja improvável que com tal idade tenha-se muitas recordações dos jogos, Galeano afirma, no texto *Obdulio*, que escutava à “final” da Copa com o “ouvido colado no rádio”. O termo final fica entre aspas pois, embora seja por muitos considerada como uma final, inclusive por Galeano, o jogo era a última partida de um grupo quadrangular, onde o campeão seria a equipe com mais pontos, não havendo uma final *per se* – como era a última partida e as duas únicas seleções disputando o título eram Brasil e Uruguai, o jogo ficou amplamente conhecido como a final daquela copa. Um dos importantes elementos sobre esse jogo e que Galeano não menciona é que o Brasil precisava apenas do empate para ser campeão, já que contava com maior saldo de gols e liderava o grupo. Estes fatores, somados ao fato do Brasil ter jogado o “melhor futebol” da Copa e disputar a final com o público de cerca de duzentas mil pessoas em sua capital faziam do Brasil o claro favorito e justamente por isso a derrota foi uma “tragédia” ainda maior. A própria imprensa brasileira, em sua grande maioria, dava como certa a vitória brasileira¹⁴³. Outro ponto que vale o destaque é a questão da Inglaterra, vista por muitos como favorita ao título e que foi derrotada pelo

142 Idem, p. 89.

143 FRAGA, Gérson Wasen. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira : nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: UFRGS (tese de doutorado em História), 2009, p. 283-285.

pouco gabaritado escrete estadunidense – feito até hoje considerado uma das grandes vitórias dos Estados Unidos no futebol. Galeano faz questão de ressaltar, no entanto, que nesta disputa entre Estados Unidos e Inglaterra o grande herói foi um jogador negro haitiano – e é mais uma valorização que Galeano faz dos países latino-americanos frente as potências do primeiro mundo.

Copa de 54

Ao fazer a retrospectiva dos acontecimentos do globo que antecederam à Copa, Galeano cita avanços científicos, como o preparo da vacina contra a poliomelite, e marcos culturais, como o lançamento de *La Strada*, do cineasta italiano Federico Fellini. Também relata as lutas pela independência na Argélia e no Vietnã, contra o jugo neocolonial francês. Além disso, a crescente instabilidade política na América do Sul, que já se preparava para os anos de chumbo das décadas seguintes – com o suicídio de Getúlio Vargas no Brasil e o golpe do General Stroessner, que ficaria 35 anos como ditador do Paraguai. Na América Central, Galeano relata a queda do presidente guatemalteco Arbenz, já que este havia cometido o inaceitável ato de nacionalizar a empresa estadunidense United Fruit. Sobre a Copa do Mundo, Galeano foca seus relatos nos jogos da Hungria, a grande sensação da Copa – embora tenha vencido o Brasil com uma arbitragem polêmica – até a sua derrota para a seleção alemã na final.¹⁴⁴

Galeano frisa neste texto algumas das lutas anti-coloniais pelo globo – as quais ele era um apoiador, assim como sempre teve postura muito crítica em relação às explorações perpetradas pelos europeus na América. Também faz críticas à United Fruit, empresa que foi responsável por boa parte das intervenções dos Estados Unidos na América central, sempre buscando defender o lucro na exploração agrícola nestes países. Boa parte dos presidentes apoiados pelos Estados Unidos em muitos países da América Central tinham laços importantes com a empresa. Na Copa, as atenções não poderiam deixar de ser sobre a Hungria, que tinha uma das seleções mais poderosas da história, com craques como Kocsis, Hidegkuti e Puskas. Venceu o Brasil em um jogo bastante duro, o que gerou grandes polêmicas na volta da seleção ao Brasil – passando desde acusações ao árbitro inglês, que seria um comunista favorecendo os húngaros até a teoria racista de que o Brasil teria perdido por ter muitos jogadores negros no elenco que não teriam psicológico para jogos importantes – como o *Maracanazo* da copa anterior. Sendo favorecida pela arbitragem ou não, a Hungria tinha a melhor equipe daquela Copa e chegou a final contra a Alemanha como grande

144 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 96.

favorita – já havia vencido os próprios alemães na primeira fase pelo elástico placar de oito a três. Ironicamente, o time sucumbiu ao bom jogo alemão e perdeu por três a dois: o primeiro título mundial da seleção alemã.

El Mundial de 58

Galeano começa esta história contando os últimos acontecimentos da Guerra Fria: Estados Unidos e Rússia disputam não só a Terra, mas também o espaço com seus satélites orbitando o planeta. Depois, ele cita as guerras na Argélia e no Líbano, além dos conflitos latino-americanos, como a tentativa de greve geral de Fidel Castro que fracassava para tirar Fulgêncio Batista do poder, enquanto na Venezuela uma greve geral era bem sucedida e derrubava a ditadura de Pérez Jiménez. Galeano fala dos fuzilamentos na Hungria e dos assassinatos no Haiti, até tratar do futebol: Galeano afirma que, enquanto João Havelange era eleito “rei” do negócio do futebol, Pelé consagrava-se o “rei do mundo”. Isso porque, em 1958, o menino de apenas 17 anos vai ser a sensação na Copa do Mundo da Suécia. Também menciona o fato do Brasil ter começado aquela copa com um time e terminado com outro: cinco jogadores foram reservas no primeiro jogo mas – após “derrubarem” o técnico Feola – entraram ao longo da competição, entre eles Pelé e Garrincha: *Ellos, suplentes negros de jugadores blancos, brillaron con luz propia en el nuevo equipo de estrellas, junto a otro negro deslumbrante, Didí, que desde atrás les organizaba las magias.*¹⁴⁵

Nos acontecimentos pré-copa, Galeano chama a atenção para a latente Guerra Fria, em seu anos mais intensos, lembrando da disputa entre os países pelas glórias de alcançar o espaço, conhecida como “corrida espacial”. Também traz novamente a questão da independência argelina, que se estendia, e a guerra-civil no Líbano que, na realidade, foi um período de tensões internas que não chegou a resultar em uma guerra propriamente dita. Traz as disputas na América Latina visando a derrubada de ditadores militares – no caso venezuelano, o sucesso em derrubar o general Pérez Jiménez – e os problemas enfrentados pelo Haiti, onde François Duvalier, o “Papa Doc” chegava ao poder massacrando a oposição. Quanto à disputa futebolística, há alguns pontos interessantes: Galeano traz a popular história de que o treinador Feola não tinha grande controle sobre a equipe, que era efetivamente comandada por alguns jogadores. Muitos jogadores já falaram sobre e percebe-se que não era exatamente assim.¹⁴⁶ O que acontece é que muitos dos principais

145 Idem, p. 103.

146 ACAMPORA, Ricardo. 1958: Brasil conquista seu primeiro título. BBC, 2002. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020327_copa58.shtml>

jogadores da equipe – entre eles Pelé e Garrincha – estavam realmente no banco de reservas, mas não por capricho de Feola, e sim por uma imposição da CBD. Havia uma corrente racista dentro da instituição que, para explicar o mal desempenho na Copa de 1954, culpabilizou os jogadores negros, que não teriam capacidade psicológica para jogos importantes¹⁴⁷. O único jogador negro que começou a Copa como titular foi Didi, por se tratar incontestavelmente do maior jogador brasileiro do período – os outros foram ganhando as posições na medida que se percebia que sem eles não seria possível vencer, calando as oposições racistas a cada bom desempenho naquela competição.

El Mundial de 62

Galeano começa o texto trazendo os acontecimentos recentes no globo, próximos à Copa do Mundo. Dentre estes acontecimentos, a criação da Anistia Internacional; os primeiros passos da Argélia independente da França; a greve de mineiros das Astúrias; as tentativas do Papa João de “devolver” a Igreja aos pobres; a expulsão de Cuba da OEA. Também traz as novidades tecnológicas e científicas – como o surgimento disquete e o nobel de Linus Pauling – e as novidades do mundo cultural: a morte de Marilyn Monroe e de Cândido Portinari; a dificuldade do grupo The Beatles de achar uma empresa interessada em produzi-los; os novos escritos de Guimarães Rosa, Juan Gelman e de Alejo Carpentier; o fim da censura estadunidense ao célebre livro *Trópico de Câncer* de Henry Miller, tido como erótico; os novos poemas e composições de Vinícius de Moraes e de João Gilberto. No que diz respeito à Copa do Mundo, Galeano conta sobre o bom desempenho da seleção da casa, o Chile, que venceu grandes seleções europeias e foi parado apenas na semifinal pelo time campeão, o Brasil. Também relata o “azar” de grandes craques, como o goleiro soviético Lev Yashin, que poderia ter exagerado na bebida e por isso sofrido mais gols do que o habitual; o argentino naturalizado espanhol, Di Stéfano, que tinha a sua última chance de disputar uma copa do mundo, já com 36 anos, mas que se machucou na véspera; e Pelé, o astro brasileiro, que teve problemas musculares logo na segunda partida. Por fim, relata a trajetória do Brasil até o bicampeonato, passando por jogadores-chave daquele time, como Garrincha, Djalma Santos e Didi.¹⁴⁸

147 AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 151-152.

148 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 115.

Mais uma vez, podemos perceber que as escolhas de Galeano ao retratar o mundo pré-copa não são à toa e tem uma motivação política: a lembrança da criação da Anistia Internacional, por exemplo, que é uma organização das principais que lutam contra tortura, pena de morte e outras práticas truculentas, como as que foram espalhadas pelo cone sul nos períodos de ditaduras civil-militares; a busca por uma Argélia livre do jugo colonialista, se opondo à potência europeia, como lhe é comum; a greve dos mineiros, marcando mais uma vez o apreço que Galeano tem pelos operários e pelas lutas do proletariado; e mesmo a questão do Papa João XXIII, que promoveu o Concílio II e era considerado progressista, além de ser visto por muitos como esquerdista, tendo sido criticado por isso. Esses acontecimentos se vinculam direta ou indiretamente a pautas da Esquerda daquele período. A luta pela independência argelina, por exemplo, foi amplamente apoiada por grupos de esquerda no mundo todo, assim como as demais independências no mundo africano e asiático costumaram ser. Nas questões culturais é interessante notar que a grande maioria dos citados são – tirando os grandes astros do período, como Beatles e Marilyn Monroe – latino-americanos e identificados com a esquerda. É o caso dos escritores Alejo Carpentier e Juan Gelman, o primeiro sendo um cubano que participou do governo de Fidel Castro e o segundo um poeta argentino comunista. Relata a morte de Cândido Portinari, talvez o pintor brasileiro de maior projeção internacional e que chegou a ser candidato a deputado pelo Partido Comunista do Brasil.

El Mundial de 66

Como de praxe, Galeano começa o texto relatando a situação no globo antes da Copa. Sobre política: menciona o massacre realizado pelo governo militar da Indonésia, a derrubada de Kwame N'krumah em Gana e o golpe militar na Argentina, que derrubava Illia; analisando os acontecimentos mais positivos, menciona a perda de apoio popular dos Estados Unidos quanto à Guerra do Vietnã, a derrubada do governo militar no Equador e o primeiro governo de uma mulher na Índia, Indira Gandhi; depois, também menciona as ações de Che Guevara na Bolívia e a deflagração da Revolução Cultural de Mao Tsé-Tung, na China. Nas questões culturais ele lembra dos escritores Truman Capote, García Márquez e Lezama Lima; do grupo musical The Beatles; e da moda da minissaia, que se popularizou. Sobre o campeonato de futebol, Galeano lembrou da rara participação da Coreia do Norte, que surpreendeu vencendo a grande Itália. Chama a atenção para a arbitragem predominantemente europeia que beneficiou, predominantemente as seleções europeias – como nas vitórias de Inglaterra e Alemanha contra, respectivamente, Argentina e Uruguai – além das partidas de Bulgária e Portugal contra o Brasil, nas quais os europeus teriam exagerado nas faltas

e o juiz teria sido conivente, o que também seria uma das causas da contusão que tirou Pelé cedo da Copa. Por fim, comenta sobre os resultados e sobre as estratégias e táticas desta Copa, mas defensivas que as anteriores.¹⁴⁹

Um importante ponto a ser percebido durante a leitura dos primeiros parágrafos deste texto, é a posição onde cada comentário se encontra no texto. Galeano retoma os últimos acontecimentos culturais e políticos do globo nos primeiros quatro parágrafos. Evidencia-se, por exemplo, que o primeiro parágrafo traz acontecimentos brutais e que, fazendo um julgamento, são negativos na visão do escritor – golpes militares, massacres e a morte de um líder da esquerda pan-africanista, Kwame N’krumah. Já nos parágrafos seguintes, Galeano traz acontecimentos que, também segundo sua perspectiva política, são positivos ou progressistas, como as campanhas revolucionárias de Mao Tsé-Tung¹⁵⁰ e Che Guevara, a posse da primeira mulher a ocupar o primeiro-ministério indiano, Indira Gandhi, além das vitórias de estudantes contra os militares no Equador e das derrotas políticas que os EUA sofria devido à Guerra do Vietnã. Como elementos culturais deste período da história, Galeano traz os escritores latino-americanos Lezama Lima e García Marquez, ambos associados a movimentos de esquerda no continente. Sobre a Copa, Galeano segue a mesma lógica: a valorização dos latino-americanos. A Copa de 1966, realizada na Inglaterra, teve, sob a ótica de Galeano, uma influência política para que os europeus fossem favorecidos. Isso talvez faça ainda mais sentido considerando que as últimas duas copas haviam sido vencidas por países sul-americanos e a grande maioria dos árbitros desta copa eram europeus. Interessante que, embora mencione as várias situações nas quais o juízes favorecem as equipes europeias sobre as sul-americanas, Galeano omite o que é considerado o maior “roubo” da Copa: o gol legítimo dos alemães que foi anulado na final, favorecendo o título dos ingleses. A Inglaterra, teoricamente o “país do futebol”, não só não havia vencido nenhuma das edições anteriores como era a dona da casa, o que pode ter contribuído para que fosse ainda mais favorecida, dentre os países europeus – de qualquer forma, para Galeano os equívocos de arbitragem prejudicando os próprios europeus não parece tão importantes para serem mencionados..

149 Idem, p. 121.

150 Galeano demonstra uma visão positiva sobre Mao Tsé-Tung, fazendo poucas ressalvas quando o menciona - embora o líder chinês seja considerado por muitos como um ditador sem muito apreço pelos direitos humanos e visto de uma perspectiva crítica mesmo dentro da esquerda. No já citado *China 1964: Crónica de un desafío* Galeano deixou claro ter uma visão positiva do movimento socialista que ia se instaurando na China.

El Mundial de 70

Galeano relata alguns eventos que marcavam a política internacional pouco antes da Copa de do Mundo de 1970, como a total descrença na Guerra do Vietnã – embora a Guerra continuasse; o início da campanha presidencial de Salvador Allende, no Chile; e a primeira greve da história do Vaticano. Outros eventos que marcaram o cenário cultural do período, na ótica de Galeano, são as mortes de vários artistas, como: Janis Joplin e de Jimi Hendrix, ambos por overdose; Jiri Trnka; Bertrand Russel; e Leonel Rugama, morto na luta contra a Ditadura de Somoza, na Nicarágua. Galeano também lembra a separação dos Beatles e os desastres naturais que ocorriam no mundo, como um ciclone no Paquistão e um terremoto no Peru. Sobre o campeonato, Galeano lembra de duas novidades desta Copa: utilização de cartões amarelos para punir faltas violentas e a possibilidade de substituir dois jogadores ao longo do jogo (antes era permitido substituir apenas o goleiro, e somente em caso de lesão).¹⁵¹

A descrença na Guerra do Vietnã que Galeano relata vem da crescente insatisfação na população estadunidense – principalmente entre os mais jovens – com a permanência da Guerra, já que esta mostrava resultados pífios enquanto continuava a matar civis no sudeste asiático e a tirar vida de jovens estadunidenses, enviados para lutar uma guerra que sequer fazia sentido em existir, no entendimento de boa parte da população. Galeano ainda faz uma crítica aos generais estadunidenses, denotando a covardia destes responsáveis pela morte de tantos: “*según el pentágono los muertos sumaben uns millón, mientras los generales norteamericanos huían hacia adelante invadiendo Camboya*”. Neste caso, “fugir para frente” é como Galeano descreve o aprofundamento da Guerra, invertendo o que seria um sinal de força e coragem, para um sinal de fraqueza e covardia da parte destes que comandavam a Guerra. Galeano assim, faz sua crítica tanto aos militares quanto às ações dos Estados Unidos, dois pontos recorrentes de suas críticas. Cita as mortes Joplin e Hendrix, símbolos do movimento *hippie*, que tanto tem a ver com a crescente insatisfação da juventude estadunidense quanto à guerra – já que o movimento *hippie* tinha, em sua base, a ideia da não violência, além do mote “paz e amor”. Traz também a morte Bertrand Russel, um matemático e filósofo que, em muitos momentos se posicionou como socialista, embora fosse acima de tudo um defensor da democracia – era crítico de Stálin, por exemplo. É mais um caso de um artista de esquerda que Galeano faz questão de trazer à tona. Também lembra de Jiri Trnka, artista tcheco que fazia cinema com marionetes e que, embora aparentemente menos político, era crítico do autoritarismo vivido na Tchecoslováquia no período ditaduras comunistas.

151 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 133.

El Mundial de 74

Aos retratar os acontecimentos políticos que antecedem a Copa, Galeano traz o escândalo de Watergate*; o caso do tenente do exército estadunidense considerado inocente, após matar cem civis vietnamitas; a morte de Perón, na Argentina; a queda das ditaduras em Portugal e na Grécia; o fortalecimento da ditadura de Pinochet no Chile; e o adoecimento do ditador espanhol Francisco Fraco. Ao tratar dos marcos culturais, traz as mortes de Duke Ellington, Pär Lagerkvist, Miguel Asturias e David Siqueiros. No mundo do futebol, traz a chegada de João Havelange ao poder da FIFA. Sobre a Copa, Galeano traz as seleções que a disputaram, além de lembrar da ausência da União Soviética, que não participou já que se negou a jogar contra o Chile no estádio Nacional – centro de torturas de Pinochet – pelas eliminatórias, no que valeria uma vaga à competição. Galeano traz, sobre o campeonato, a brilhante participação holandesa, cujo time jogava encantando a todos embora tenha perdido a final contra a Alemanha, num desfecho surpreendente.¹⁵²

Analisando os acontecimentos políticos que Galeano narra, percebemos duas notícias negativas sobre os Estados Unidos, mostrando problemas no centro do capitalismo mundial, como a corrupção e a impunidade. O tenente que foi considerado inocente pela morte de cem civis vietnamitas que Galeano se refere é provavelmente William Calley, acusado de premeditar a morte de cento e nove civis vietnamitas no Massacre de My Lai em 1968. Foi condenado a prisão em 1971, mas três anos depois lhe foi garantido o *Habeas Corpus*. Além destes acontecimentos, temos o recrudescimento da Ditadura no Chile e a morte de Perón na Argentina, que logo sofrerá outro golpe militar, temas que são de grande importância para Galeano. No sul da Europa, Galeano traz as boas novas, já que as ditaduras fascistas estão perdendo força e caindo. Sabe-se que ele era contrário a estas ditaduras, mas aqui não é feito nenhum posicionamento além de mencionar que o hospital no qual Franco se internou tinha seu próprio nome, o que nos lembra do quanto seu governo foi autoritário e centrado na figura deste ditador: “[...] *em España Francisco Franco ingresaba em el hospital Francisco Franco, enfermo del poder y de los años.*”. Também é interessante perceber, mais uma vez, o quanto Galeano valoriza os artistas latino-americanos e/ou comunistas e socialistas, como é o caso de David Alfaro Siqueiros, (muralista mexicano) e importante membro do Partido Comunista do México, além de ter lutado na Guerra Civil Espanhola ao lado dos republicanos. Outro latino-americano, Miguel Asturias é lembrado, tendo sido um importante escritor guatemalteco e que certamente foi importante para as obras de Galeano, já que

152 Idem, p. 138.

Asturias era um dos maiores especialistas em mitologias indígenas, além de crítico do governo autoritário de Estrada Cabrera na Guatemala.

El Mundial de 78

Galeano inicia este texto trazendo alguns acontecimentos anteriores à Copa, como a morte de Aldo Moro – político italiano, líder do partido Democracia Cristã – pelas Brigadas Vermelhas, grupo terrorista italiano; o comprometimento do governo dos Estados Unidos em devolver a propriedade do Canal do Panamá para o país centro-americano; o enfraquecimento da ditadura de Somoza na Nicarágua e do Xá do Irã; a violência perpetrada pela ditadura guatemalteca; e a luta contra a ditadura na Bolívia. Também traz o fato de que a ditadura Argentina estava à todo vapor, inclusive demonstrava isso sedeando a Copa do Mundo. Galeano chama a ESMA, o centro de tortura da Ditadura, de “Auschwitz argentino”. Também lembra dos aviões que lançavam prisioneiros vivos ao mar. Tudo isso com o aval de grandes figuras, como o presidente da FIFA, João Havelange, e o secretário de estado estadunidense Henry Kissinger, que elogiava “a verdadeira imagem da argentina”. O capitão da esquadra alemã, Berti Vogts, teria também dito que não viu presos políticos e que na Argentina reinava a ordem. Em campo, Galeano relata o duvidoso resultado de Argentina seis, Peru zero, que era justamente o que a Argentina necessitava para passar de fase. Relata também o resultado da final, vitória argentina sobre a Holanda, e também a boa atuação do craque argentino Mario Kempes. Por fim, conta que os jogadores holandeses se recusaram a cumprimentar os chefes da ditadura argentina.¹⁵³

Galeano traz nesse texto a questão da Copa de 1978 ter sido realizada na Argentina sob regime ditatorial, o autodenominado *Proceso de Reorganización Nacional*. A Argentina já havia sido escolhida como sede da Copa antes do golpe militar capitaneado por Jorge Videla ocorrer, em 1976. Porém, ao longo desses dois anos, muito foi questionado internacionalmente a realização da Copa do Mundo em um país que estava violando os direitos humanos, perseguindo e assassinando milhares de cidadãos¹⁵⁴. Quanto à relação de João Havelange com os ditadores que comandavam os massacres da Ditadura Argentina, Andrew Jennings faz boa observação:

153 Idem, p. 149.

154 ROLDÁN, Diego. **Argentina 1978: Gobernar la pasión, infraestructura, gubernamentalidades y festejo**. In: TREJO, Fernando Segura Millán; MURZI, Diego. (coord.) *Historias de los mundiales*. Cidade do México: Istor Revista de História Internacional v.72, 2008.

Era a primeira final de Copa de Havelange depois de ter mandando Sir Stanley Rous para a aposentadoria, e um triunfo pessoal tanto para ele como para a ditadura militar argentina. Sob o olhar feroz dos soldados que cercavam o campo de jogo e patrulhavam as saídas e os arredores do estádio, Havelange sorriu e disse: “O mundo viu a verdadeira face da Argentina”. Certamente era a face que o brutal governo argentino queria que o mundo visse.¹⁵⁵

Além dessas questões relativas a Ditadura Argentina Galeano menciona as já habituais investidas estadunidenses sobre os países da América Central, além da onda de governos militares que estava ocorrendo em todo o continente.

El Mundial de 82

Galeano começa falando sobre os acontecimentos culturais que precedem a Copa de 1982, como a vitória do filme *Mephisto* no Oscar, o falecimento do cineasta alemão Rainer Werner Fassbinder e a vitória do nobel de literatura pelo colombiano Gabriel García Marquez, que, segundo Galeano, vencia pelos malandros, guerreiros e mendigos da América Latina. No âmbito político, trouxe vários acontecimentos, entre eles: a prisão de Lech Walesa, na Polônia; as carnificinas perpetradas em El Salvador pelo exército e na Guatemala, onde o General Ríos Montt tomava o poder; a recuperação da Península do Sinai pelo Egito; e a “mansa” rendição dos militares argentinos, que fraquejavam frente aos ingleses enquanto endureciam frente aos seus compatriotas argentinos – Galeano cita o nome do oficial Alfredo Astiz, que assinava o “documento da humilhação”. Sobre o campeonato de futebol de 1982, na Espanha, Galeano começa trazendo sua já habitual contestação: as seleções europeias dominam o campeonato com catorze times contra apenas seis americanos – além de apenas quatro do restante do globo. Como curiosidade Galeano traz a invasão do campo pelo xequê Fahid Al-Sabah; o gol mais rápido dos mundiais, por Bryan Robson; e a indiferença do goleiro alemão Schumacher, após acertar violentamente o francês Battiston com uma joelhada. Também menciona as conquistas europeias, com a vitória italiana e os outros lugares do pódio, com Alemanha, Polônia e França. Menciona também a seleção brasileira que, embora não tenha ido tão longe, fez o futebol mais vistoso da Copa, com grandes atuações do craque Zico.¹⁵⁶

Como importantes ocorrências da política internacional, Galeano traz a derrota Argentina na disputa pelas Malvinas em uma guerra que foi utilizada para a morte de jovens argentinos e para

155 JENNINGS, Andrew. **Jogo sujo: o mundo secreto da Fifa: compra de votos e escândalo de ingressos**. São Paulo: Panda Books, 2011, p. 38.

156 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 155.

que a Ditadura Civil-militar se mantivesse mais tempo no poder, valendo-se do espírito patriótico e de unificação nacional que uma guerra pode proporcionar: enfrentando inimigos externos ao invés de se preocupar com os problemas internos. Relembra alguns ícones culturais, entre os quais Gabriel García Marquez, aqui exaltado por Galeano como herói latino-americano, vencendo o prêmio nobel pelos oprimidos do continente. Sobre a Copa, sentimentos mistos: exalta o bom futebol brasileiro enquanto lamenta a presença de apenas europeus, com um futebol menos vistoso, nas primeiras posições da competição.

El mundial de 86

Ao relatar os últimos grandes acontecimentos do globo, Galeano passa pelos ditadores de Haiti e Filipinas, já que “Baby Doc” Duvalier e Ferdinando Marcos fugiam de seus países, segundo Galeano, “roubando tudo”. Também traz o desastre radioativo de Chernobyl, a adesão de Felipe Gonzáles (presidente da Espanha) à OTAN e o assassinato do primeiro-ministro sueco, Olof Palme. No campo das artes e das letras, Galeano menciona um “tempo de luto”, já que morreram grandes artistas como o escultor Henry Moore; e os escritores Simone de Beauvoir, Jean Genet, Juan Rulfo e Jorge Luis Borges. Além disso, também cita o *Irangate*, que foi o escândalo no qual agentes da CIA foram acusados de contrabandear armamentos para o Irã e, a partir deste dinheiro, financiar os guerrilheiros *contra* na Nicarágua. Também traz os bombardeios feitos pelos Estados Unidos sobre a Líbia e o desastre da espaçonave Challenger, quando sete tripulantes morreram logo após levantar vôo. Antes de abordar a Copa do México, Galeano lembra que no ano anterior o país havia sofrido um grande terremoto. Sobre a Copa em si, Galeano cita algumas eletrizantes partidas, como a disputa entre França e Brasil. Diz também que fora o mundial de Maradona, já que fez grandes jogos, gols importantíssimos – Galeano cita os dois feitos de “esquerda” contra a Inglaterra – e levou a Argentina ao seu segundo título. Fala que o gol decisivo, na final contra a Alemanha, também saiu dos pés de Maradona, que dá o passe para o atacante Burruchaga marcar.¹⁵⁷

A partir dos acontecimentos que Galeano evidencia no início do texto podemos perceber um pouco da essência da segunda metade dos anos oitenta, como o enfraquecimento da União Soviética, já que o domínio das manchetes é quase inteiramente estadunidense. O grande acontecimento que Galeano cita vindo do lado leste da Cortina de Ferro é o desastre nuclear de Chernobyl, um grande fracasso para os soviéticos. Outro ponto que denota o enfraquecimento do

157 Idem, p. 163.

“lado vermelho do mundo” é a entrada da Espanha na OTAN, já que o presidente do país, Felipe González tinha posições até então contrárias a este movimento, sendo um político ligado à esquerda espanhola. O grande envolvimento dos Estados Unidos nesta década se dá em conflitos periféricos, como os do Oriente Médio e as lutas de guerrilha na América Central, como Galeano cita a partir do “*Irangate*”. Galeano também traz suas críticas aos governos ditatoriais, lembrando das fugas de Jean-Claude “Baby Doc” Duvalier do Haiti e de Ferdinand Marcos da Filipinas, que teriam sido ditadores corruptos e levado junto consigo grandes montantes de dinheiro dos cofres públicos em suas fugas. Galeano também menciona o terremoto, embora não destaque a influência desse no Mundial: Inicialmente o México sequer deveria assumir a responsabilidade de ser o país sede: passa a ser quando a Colômbia desiste, alegando que prejudicaria o país devido às altas demandas da FIFA. Apesar do terremoto, que matou cerca de doze mil pessoas e deixou cinquenta mil desabrigados, o governo mexicano não desistiu do evento em momento algum, em grande parte porque havia muito dinheiro envolvido para a empresa de televisão Televisa, além de os estádios terem permanecidos intactos mesmo após o terremoto de intensidade 8.1 na Escala Richter.¹⁵⁸ No âmbito propriamente esportivo, Galeano destaca a participação de Maradona – que, pode-se perceber nesta e em outras obras do escritor – era um de seus jogadores favoritos. Além de ter brilhado em campo e levado à Argentina ao título, Maradona ainda foi brilhante contra a Inglaterra, marcando um dos gols mais antológicos das Copas do Mundo, quando dribla cinco jogadores ingleses (incluindo o goleiro Shilton) e marca o segundo gol argentino. O primeiro havia sido marcado também pelo craque, três minutos antes, porém com a mão esquerda – gol conhecido como “*La mano de Dios*”. A partir dos dois gol marcados de “esquerda”, um com o braço e outro com a perna, Galeano também deixa implícito todo um histórico de lutas vivido pela América Latina e pela Esquerda política, geralmente sofrendo nas mãos de ditaduras de direita ou da exploração de potências europeias, como a Inglaterra que nesta partida era derrotada. Portanto, este gol possuía uma simbologia muito maior, considerando estas disputas simbólicas – ainda mais tendo ocorrido, apenas quatro anos antes, a derrota Argentina para as forças militares inglesas, que até hoje detêm controle das Ilhas Malvinas. Fica evidente que, para Galeano, os gols de Maradona têm um valor político muito superior do que o valor futebolístico de simplesmente classificar a Argentina para a Semi-final da competição, que viria a disputar com a Bélgica.

158 GOVEA, Adriana Islas. **El Mundial que sanó la tragedia México 86 frente a la crisis del terremoto** In: TREJO, Fernando Segura Millán; MURZI, Diego. (coord.) *Historias de los mundiales*. Cidade do México: Istor Revista de História Internacional v.72, 2008.

El mundial de 90

Como de praxe, Galeano começa este texto trazendo as informações sobre o que ocorria no mundo às vésperas da Copa do Mundo de 1990, a ser realizada na Itália. Primeiramente, relata o estado de algumas figuras importantes na política: Mandela estava finalmente em liberdade; Bernardo Jaramillo, presidenciável de esquerda na Colômbia, era assassinado; Fujimori vencida Vargas Llosa nas eleições do Peru; Ceausescu era fuzilado na Romênia; e Walesa chegava à presidência na Polônia. Também traz, no âmbito político, a volta da democracia no Chile; a derrota sandinista nas eleições nicaraguenses, após anos sendo fustigados pelos Estados Unidos; em Moscou e em Berlim o capitalismo reinava, com filas às portas do *McDonald's* e vendas de pedaços do Muro de Berlim; e no Panamá ia se iniciando mais uma ocupação estadunidense, após a vigésima primeira invasão dos Estados Unidos ao país centro-americano. Galeano ainda ressalta que, enquanto o socialismo ia se dissolvendo no leste europeu, os antigos burocratas iam se tornando os novos bem-sucedidos empresários. No âmbito futebolístico, Galeano chama a atenção para Camarões e seu craque, Roger Milla, que fizeram sucesso na Copa vencendo adversário de alto nível como a Argentina e jogando belíssimo futebol. Sobre a Argentina, Galeano lembra que o astro do país, Maradona, jogava com o pé inchado, devido à seus problemas de saúde – e mesmo assim, contiuiu a comandar a equipe, levando o time até a final. Sobre a decisão, Galeano apenas relata que a vitória alemã se deu graças ao bom trabalho do técnico Beckenbauer e a um pênalti marcado contra os sul-americanos que nunca ocorreu: “*un penal invisible*”. Galeano finaliza fazendo um balanço negativo da Copa, que ele chama de “*aburrida*”, já que teve poucas emoções e uma média de gols baixíssima.¹⁵⁹

Interessante percebermos, mais uma vez, como Galeano traz o mundo aos fins da Guerra Fria, sendo esta a última Copa antes da dissolução da União Soviética. Tanto no leste europeu quanto na América Latina, o poder estadunidense e do capital resplandecia: governos implantados na América Central e redes de *fast-food* fazendo sucesso no mundo socialista. Galeano traz também um importante marco na história latino-americana, que é a saída de Augusto Pinochet do poder no Chile, que entrava, a passos lentos, em uma era democrática – o que é mais uma das evidências do fim da Guerra Fria, já que as ditaduras militares implantadas com a ajuda dos Estados Unidos tinham como uma de suas mais importantes motivações a luta contra o comunismo, que já não era tão necessária. Galeano ressalta, mais uma vez, o desprezo estadunidense pelas soberanias nacionais, defendendo sempre seus interesses econômicos, como no caso panamenho, em que o

159 Idem, p. 176.

escritos lembra das muitas vezes que os Estados Unidos interveio ou invadiu o país. Também podemos perceber um certo pesar de Galeano para com o fim dos regimes socialistas no leste europeu, se não pelo que estava sendo feito nos países, mas pelo que poderia ter sido feito, já que o sonho do socialismo no século XX ia se esvaindo. Embora critique os políticos envolvidos, chamado-os de burocratas que enriqueceram após o socialismo, Galeano perdoa a ideologia, que talvez pudesse ter sido melhor aplicada: *“En todo el este de Europa, los viejos burócratas se convertían en nuevos empresarios y las grúas arrastaban las estatuas de Marx, que no tenía manera de decir: ‘Soy inocente!’”*. Ao tratar do mundial em si, Galeano novamente tira os holofotes das seleções europeias, trazendo menções apenas à Camarões e à Argentina. Novamente, Galeano dá importante lugar para Maradona, evidenciando sua admiração e a superação de problemas que o argentino teve de passar durante a carreira. Por fim, mais uma vez chama a atenção para um equívoco de arbitragem beneficiando as equipes europeias, como já havia feito em outras ocasiões. O chamado “penalti invisível” na verdade foi uma simples questão de interpretação e ponto vista. Para muitos, não foi pênalti, já que o jogador argentino Sensini toca a bola, porém fica evidente em muitas gravações do lance que de fato ele derruba o jogador alemão Völler. Galeano se posiciona contrário à marcação do pênalti provavelmente por ter sido um pênalti marcado ao fim do jogo (84 minutos) – o que poderia ser suspeito – além do fato de estar, sem sombra de dúvidas, torcendo para a equipe sul-americana. Por fim, pode-se avaliar que a percepção negativa do mundial talvez venha do mesmo motivo: Galeano, entusiasta das seleções sul-americanas, percebeu que nesta Copa a única que se destacou foi a Argentina, por chegar à final, mas mesmo assim jogando um futebol píffio, já que ficara em terceiro lugar do grupo inicial, quase não passando para as oitavas-de-final. As outras seleções que seguiram adiante na competição eram todas europeias – e todas com um futebol considerado defensivo e pragmático.

El mundial del 94

Galeano começa este texto tratando do levante dos maias em Chiapas, com as palavras de humor e amor do subcomandante Marcos. Relata as mortes de sérvios, croatas e muçulmanos na Iugoslávia e algo semelhante que ocorria em Ruanda. Menciona a “inútil” invasão dos Estados Unidos ao Panamá, quatro anos antes, e a retirada de tropas estadunidenses na Somália, onde tinham “combatido a fome a bala”. Fala de vitórias de partidos de esquerda em países do antigo bloco socialista, que agora percebiam os inconvenientes do capitalismo. No futebol: acontecia a Copa dos Estados Unidos, com jogos ao meio-dia, para satisfazer a televisão europeia e um futebol pouco vistoso. Galeano relata o divertido futebol nigeriano, enquanto Brasil e Argentina fazia um

futebol mais apático. Todavia, o Brasil chegou a final, para jogar uma “partida aborrecida” contra a Itália. Acabou vencendo, se tornando o primeiro tetracampeão.¹⁶⁰

Sobre os acontecimentos políticos, temos menos guerras de disputas ideológicas como anteriormente: este é o único texto de copa do mundo que Galeano escreve após a Guerra Fria, com um mundo de dominação estadunidense. Galeano repercute isso quando menciona as invasões de tropas dos Estados Unidos no Panamá e na Somália. As outras guerras que vão estourando são por conflitos “étnicos”¹⁶¹ e nacionalistas: como a Guerra da Bósnia, parte da Guerra Civil Iugoslava, e a Guerra Civil de Ruanda, onde os hutus cometeram o genocídio de centenas de milhares de tutsis. Sobre o futebol, Galeano não exalta nenhuma equipe sul-americana, tampouco as europeias. Valoriza a presença dos nigerianos e as conquistas históricas do Brasil que, com este título, passou a ser o país com mais títulos, mais vitórias, mais gols e mais participações em copas do mundo. O futebol demonstrado pelo Brasil nesta copa, todavia, não despertou grandes emoções em Galeano: no texto *La fiesta* ele relata, sobre a final entre Brasil e Itália que, se o jogo não acabasse em empate indo para os pênaltis, as duas equipes teriam se enfrentado por toda a eternidade, porque nenhuma marcaria gols – devido à falta de ofensividade dos times.

160 Idem, p. 186.

161 A própria questão étnica destes conflitos é delicada já que, para muitos estudiosos do tema, a diferenciação entre Hutus e Tutsis se deu muito mais por uma intervenção europeia do que propriamente por pertencerem a diferentes etnias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das primeiras considerações que devem ser feitas é que Eduardo Galeano, salvo exceções, não se posiciona de maneira objetiva quanto os assuntos que discorre ao longo dos textos. Justamente por isso, as reflexões que são feitas ao longo deste trabalho são feitas com base em um certo empirismo, extraindo dos escritos de Galeano o que provavelmente ele pensava acerca de tais assuntos. É evidente que também se está levando em conta o contexto histórico e o que já sabemos sobre a vida e os pensamentos de Galeano a partir de seus outros livros e das muitas entrevistas que concedeu ao longo da vida. Após a leitura analítica de todos os textos do livro, foi possível perceber uma série de posicionamentos de Eduardo Galeano sobre os diferentes assuntos tratados ao longo do livro – tomando os cuidados já mencionados.

Talvez o caso mais evidente de posicionamento de Galeano se dê no âmbito político: ao longo do livro, nos textos destinados às copas do mundo, Galeano faz uma retomada dos últimos acontecimentos do mundo e em praticamente todos os textos ele traz acontecimentos que mais facilmente consideraremos “negativos” vindos de ações do governo ou de empresas estadunidenses. Como contraponto, traz constantes vitórias de guerrilheiros, governos de esquerda, revoluções anticoloniais e marcos históricos da esquerda. Considerando que Galeano viveu toda a extensão da Guerra Fria é evidente que estes acontecimentos relatados não vêm à toa. Um bom exemplo desse posicionamento político podemos ver no texto *El Mundial de 54: Aviones norteamericanos bombardeaban Guatemala, com la bendición de la OEA, y un ejército fabricado em el norte invadía, mataba y vencía. Mientras em Suiza se cantaban los himnos de dieciseis países, inaugurando el quinto Campeonato Mundial de Fútbol, em Guatemala los vencedores cantaban el himno de los Estados Unidos celebrando la caída del presidente Arbenz, cuya ideología marxista-leninista estaba fuera de toda duda porque se habia metido com las tierras de la United Fruit.* Mesmo nos textos cuja história se passa fora do contexto de Guerra Fria, a bipolaridade está presente, como no caso do texto *La copa de 34*. Neste texto, além da crítica direta à intervenção estadunidense na Nicarágua, também critica indiretamente os países capitalistas, já que cita duas empresas, uma estadunidense e outra holandesa: *Bolívia y Paraguay, los dos países más pobres de América del Sur; se desangraban disputando el petróleo del Chaco em nombre de la Standard Oil y la Shell. Sandino, que había vencido a los marines em Nicaragua, caía acribillado em una emboscada y Somoza, el asesino, iniciaba su dinasta.*

A reverência à classe trabalhadora, característico de um pensamento político à esquerda, marcante em Galeano, pode ser visto em textos como *Gol de Severino*, onde ele conta a história de um gol do jogador Severino Varela que fez sucesso jogando em clubes de Buenos Aires mas que se identificava muito mais com o trabalho proletário do que com o sucesso do mundo do futebol: *En Boca, brilló. Pero al anocheecer de cada domingo, después del partido, Severino se tomaba el barco y se volvía a Montevideo, al barrio, a los amigos y a su trabajo en la usina.*

Outra questão importante é percebermos que, dentre os movimentos políticos que mais lhe são caros se encontram principalmente os realizados no terceiro mundo: lutas independentistas na África e na Ásia e revoluções socialistas na América e na China, por exemplo. O socialista soviético, embora não seja muito criticado, não é visto por Galeano como o ideal: ele defende com muitos mais ardor os movimentos que ocorrem com o mesmo viés na América e na China. Sobre a China, inclusive, Galeano escreveu no livro *China 1964 – crónica para un desafío* que não percebia na China o terror e a repressão das épocas de Stálin na União Soviética. Isso fica evidente também aqui quando Galeano opta por trazer sempre lembranças positivas sobre o governo chinês do líder Mao Tsé-Tung, mesmo Mao sendo considerado um grande violador de direitos humanos e visto com olhar crítico dentro da própria esquerda. Nesse mesmo sentido, de valorização dos movimentos do terceiro mundo, percebemos uma certa admiração em relação à Guerra da Argélia, também chamada de Guerra de Independência da Argélia – que visava por fim á exploração francesa. Galeano menciona em diversos momentos do livro esse ocorrido, o que nos faz indagar o porquê de tanta recorrência. Uma possibilidade de explicar isso vem da admiração que Galeano nutria desde sua adolescência por Albert Camus, intelectual de esquerda, escritor e amante do futebol – como o próprio uruguaio – e que lutou pela intependência da Argélia contra a França, nesse conflito anti-colonial.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- ALABARCES, Pablo. **Crônicas de aguante: Fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.
- AZENHA, Luiz Carlos; CIPOLONI, Leandro; CHASTINET, Tony; RIBEIRO JR., Amaury. **O lado sujo do futebol: a trama de propinas, negociatas e traições que abalou o esporte mais popular do mundo**. São Paulo: Planeta, 2014.
- BARRETO, Lima. **Crônicas para jovens**. São Paulo: Global Editora (*ebook*), 2018.
- CARVALHO, José Eduardo de. **O jogo**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2012.
- CARVALHO, José Eduardo de. **Dinheiro**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2012.
- CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História da Virilidade vol.1 A invenção da virilidade Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DAMATTA, Roberto e outros. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- D'ANGELO, Biagio (Org.). **Nuevas cartografías literarias en América Latina: Entre la voz y la letra**. Lima: Fondo Editorial UCSS, 2007.
- DOUGAN, Andy. **Futebol & Guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2004.
- FRAGA, Gérson Wasen. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950**. Porto Alegre: UFRGS (tese de doutorado em História), 2009.
- GALEANO, Eduardo. **A Descoberta da América (que ainda não houve)**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1990.

- GALEANO, Eduardo. **Dias e Noites de Amor e de Guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- GALEANO, Eduardo. **A Escola do Mundo ao Averso**. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- GALEANO, Eduardo. **Fechado por Motivo de Futebol**. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- GALEANO, Eduardo. **Fútbol a sol y sombra**. Cidade do México: Siglo XXI (*ebook*), 2014.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- GALEANO, Eduardo. **Memoria del Fuego vol.1 Los Nascimientos**. México: Siglo XXI, 1990.
- GALEANO, Eduardo. **Memoria del Fuego vol.2 Las Caras y Las Máscaras**. México: Siglo XXI, 1986.
- GALEANO, Eduardo. **Su Majestad el Fútbol**. Montevideu: Bolsilibros Arca, 1968.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- GATES JR., Henry Louis. **Os negros na América Latina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **História Contemporânea da América Latina 1960-1990**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da "província de chuteiras"**. In: Anos 90 : revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. N. 13 (jul. 2000).
- HOBSBAWM, Eric. **A era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JENNINGS, Andrew. **Um jogo cada vez mais sujo**. São Paulo: Panda Books, 2014.
- JENNINGS, Andrew. **Jogo sujo: o mundo secreto da Fifa: compra de votos e escândalo de ingressos**. São Paulo: Panda Books, 2011.
- MÁXIMO, João. **Memórias do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Estudos Avançados, v. 13, n. 37, 1999.
- KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. **A guerra do futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- KOVACIC, Fabián. **Galeano**. *Ebook*: B de Books, 2016.

REBELLO, Lucia Sá; SCHNEIDER, Liane (orgs.). **Construções Literárias e Discursivas da Modernidade**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

RIBAS, Lycio Vellozo. **O mundo das copas**. São Paulo: Academia do Livro, 2014.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. São Paulo: Mauad, 2003.

TOSTÃO. **Tempos vividos, sonhados e perdidos: Um olhar sobre o futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TREJO, Fernando Segura Millán; MURZI, Diego. (coord.) **Historias de los mundiales**. Cidade do México: Istor Revista de História Internacional v.72, 2008.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **A Guerra Fria: O desafio socialista à ordem americana**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.